



A ninhada de meu sogro

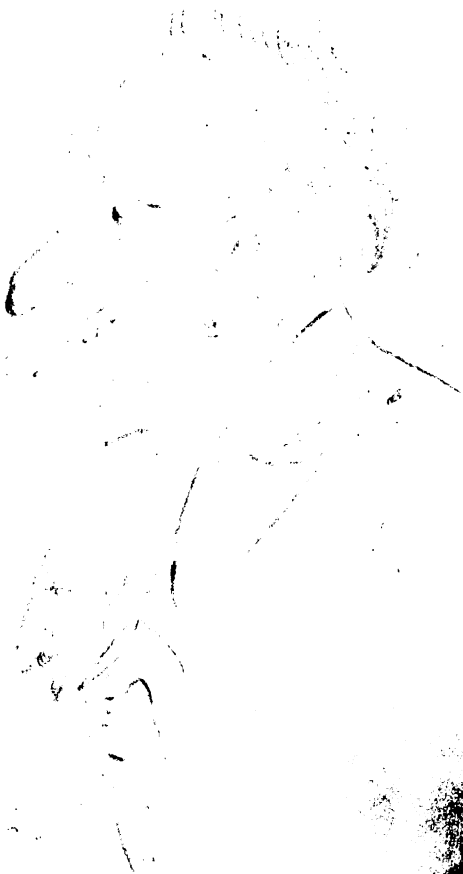
Augusto de Castro

Port 5969.10.360



HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

22





CAPITÃO LEOCADIO.

A NINHADA

DE

MEU SOGRO

APOQUENTAÇÃO EM TRES ACTOS.

POR

Augusto de Castro

Representada pela primeira vez no Gynnasio Dramatico em 9 de
Abril de 1863.

RIO DE JANEIRO.

1864.

Port 5967.10.300

✓



240

A propriedade ~~de~~ ~~é~~ ~~uma~~ ~~propriedade~~ como outra qualquer, se bem que entre nós o bom senso ainda a não tenha protegido com uma lei escripta. Firme neste posto protesta o auctor contra todos os attentados á sua propriedade.

PERSONAGENS.

- X ALBERTO SOARES, engenheiro, 29 annos. x Sr. Amoedo.
- X ALVARO BOTELHO DA CUNHA, 31 ditos. x D. Guimarães.
- X GERALDO BOTELHO, deputado provincial, x
53 ditos. Graça.
- X JERONYMO BOTELHO, irmão de Geraldo,
48 ditos. P. Joaquim.
- X CAPITAO LEOCADIO, 53 ditos. x Vasques.
- X CYPRIANO, sobrinho e pupillo de Geraldo, x
20 ditos x Sra. Maria Lima.
- X D. FELICIA, mulher de Botelho, 38 ditos x » Clelia.
- X CECILIA, filha de Geraldo, 19 ditos. . x » Julia Heller.
- X BARBARA, enteada de Felicia, 33 ditos. x » Virginia.
- X VICTORINA, creada. x +
- X JOSÉ, creado. —————

Uma preta, um moleque e convidados de ambos os sexos.

O 1º acto em Iguassú—os outros dous na corte.

EPOCHA—ACTUALIDADE.

ACTO PRIMEIRO.

Um *salão*—porta do fundo que dá para a sala de jantar—portas lateraes; a da direita communica com a rua, a da esquerda com o interior da casa—Sofá á esquerda—uma secretaria no fundo á direita. 1º plano á esquerda uma mesa. Outros moveis á descripção.

SCENA I.

CYPRIANO, VICTORINA (* *(espana á direita os trastes.)*)

CYPRIANO

(escreve á esquerda.) Ai, se eu fosse um passarinho!... um passarinho... que diabo é que ha de rimar com passarinho?!... Ai... se eu fosse... um passa...

VICTORINA

(atravessando para a esquerda)... rinho... passarinho!... Já virão?... Então, Sr. Cypriano, acaba ou não com isso? já fez a lista dos convidados?

CYPRIANO.

Ainda não!... Espera um pouco, Victorina. Quem tem o coração inflammado póde acaso occupar-se com taes futilidades de mulher caseira?!... Nem se quer tive tempo para barbear-me!... Que horas são?

VICTORINA.

Cinco... pouco mais, pouco menos.

CYPRIANO.

O Vigario disse, que não poderia vir antes das sete e meia. Temos tempo.

Cypriano e Victorina.

VICTORINA.

Qual! As sete em ponto D. Cecilia e o Sr. Alberto Soares ficam bem amarradinhos! (*Põe a mão direita sobre a esquerda.*) E então... babá!

CYPRIANO (*)

(passa com vehemencia.) Esta Victorina veio do inferno expressamente para mortificar-me!.. Que calor!... Falta-me o ar!... Se esta casa é abafada como uma boceta e pequena como um ninho de beija-flôr!...

VICTORINA. /

Homem, essa! ? Como um ninho?

CYPRIANO 2

(voltando-se rapidamente para Victorina.) O que é? O que é que acabas de dizer? Repete esse vocabulo; anda, repete.

VICTORINA

(admirada.) Ninho.

CYPRIANO

(com emphase.) Achei a rima... finalmente!... *inveni, eureka!*! (*Declamando.*) Ai, se eu fosse um passarinho... eu quizera no teu ninho... (*Correndo á mesa da esquerda*) (**)—Espera... veio-me a inspiração... (*escreve.*)

VICTORINA

(fira-o e levanta os hombros.) Coitadinho!

(*) Cypriano e Victorina.

(**) Victorina e Cypriano.

CYPRIANO

(voltando-se para o lado de Victorina) Coitadinho?...
tambem rima com passarinho... mas... **minho** é melhor.
(Escreve).

VICTORINA.

Está girando... deu-lhe para ali... no entanto a lista dos
convidados...

CYPRIANO

(levantando-se) Está prompta!

VICTORINA.

A lista?

CYPRIANO.

Não; a sextilha... ouve e... pasma! « *Ai, se eu fosse
um...*

VICTORINA

(interrompendo) Passarinho.

CYPRIANO

(declamando) Eu quizera no teu...

VICTORINA

(interrompendo-o) Ninho.

CYPRIANO

(declamando) Ir soffrer...

As torturas da paixão,..

Que me rrrrasga o coração...

Até morrer!

VICTORINA

(com cara de choro) Quasi que estou para chorar!

CYPRIANO

(com desdem) Mulher! prosaica! *(mudando de tom)*... No entanto ella vae casar... com outro!... Tu entregaste fielmente todas as cartas que lhe escrevi?

VICTORINA.

Podéra não! Passarão todas aqui pelo bolso... *(a parte)* e ainda aqui estão... Isto é uma caixa de correio fluminense... A carta entra facilmente, mas primeiro que torne a sair... temos conversado.

CYPRIANO.

E o tal Sr. Alberto Soares... não posso supportal-o! Ah! Cecilia, Cecilia! tanta graça, tantos encantos! e vae pertencer a outro... que desespero!

VICTORINA.

Acalme-se, Sr. Cypriano... coragem. Não é o senhor um homem?...

CYPRIANO.

Boa pergunta... ~~como para cubecos~~... sim, sou homem e é por isso mesmo que perco a cabeça. Se eu fosse mulher, bem pouco me havia de importar que ella casasse com outro... *(pausa)*... Vou tentar um ultimo recurso!... *(vai á mesa)* Toma esta carta.

VICTORINA.

Ainda outra?!

CYPRIANO.

(fechando a carta) E' a ultima.

VICTORINA.

Veremos. O que sei é que é a vigesima segunda.

CYPRIANO.

Talvez fosse melhor fallar-lhe, dizer-lhe de viva voz...

VICTORINA.

E então ?

CYPRIANO.

Mas falta-me a coragem. Quando ella não está aqui, faço declarações desabridas, incendiarias... Tenho uma audacia, uma energia !... Logo que ella apparece...

VICTORINA.

Põe agua na fervura...

CYPRIANO.

Tal, qual...

VICTORINA.

Ande d'ahi, dê-me essa carta.

CYPRIANO

(*entregando-lh'a*) A occasião é solemne ! vasei nestas linhas todo o fel que trasbordava do coração... Toma cuidado ; olha que é em verso, em verso, ouviste ?

VICTORINA.

E' a historia do *passqrinho* não ? ! ?

CYPRIANO.

Entrega-a com a maior brevidade... Ah ! ella está aberta !... Não faz mal ; tu não sabes lêr.

VICTORIA.

Estar aqui é como se já estivesse entregue. (*põe-na no bolco a meia voz*) Cahio no poço.

CYPRIANO.

E se a ingrata for ainda insensível a esta ultima declaração... que o seu e o meu destino se cumprão...

SCENA II.

OS MESMOS, D. FELICIA (*entrando pela porta do fundo — esquerda*) (*)

D FELICIA.

Ah ! é assim que se trabalha por aqui ? (*Cypriano senta-se á esquerda*).

VICTORINA

(*esfregando uma cadeira*) E' esta cadeira que não quer abrir lustre.

FELICIA.

Regra geral : para que um objecto fique bem brunido é preciso esfregal-o bem.

VICTORINA.

Já esfreguei tanto !

FELICIA.

Pois esfrega ainda mais... E tu, Cypriano, onde está a lista ?

CYPRIANO

(*que se sentou á mesa quando a viu entrar*) Estou com ella ás voltas, minha tia... O Sr. Duarte e sua familia, o Sr. Maximiano, o Dr. Juiz Municipal, o Promotor Publico, o Presidente da Camara, o tenente Silverio, o capitão Leocadio, o Senhor...

(*) Cypriano, Felicia e Victorina.

FELICIA.

(a Victorina) Já espanaste os quadros?

VICTORINA.

Que quadros?

FELICIA.

Os retratos que ali estão... andas tonta hoje!.. (Victorina *vae espanar os quadros*) Meu Deos, que calor que deves estar sentindo com essa gravata... estás alagado! Cypriano... tira a gravata...

CYPRIANO.

Tira a gravata?! ..

FELICIA.

Não me repliques, tira a gravata.

CYPRIANO.

Mas, minha tia...

FELICIA.

Não ouvess? (*emquanto tira a gravata de Cypriano e a põe nas costas de uma cadeira—vae dizendo*) Já se viu cousa igual... uma creança... um fedelho já enforcado n'uma colleira tão alta... que desproposito! (*abaixando de todo o collarinho*) Assim... agora sim, senhor, está mais fresco...

CYPRIANO (*)

(*passando para a direita*) Se ella me visse n'este estado... sem gravata... como um caixeiro que vende pre-zunto na rua do Rosario...

FELICIA.

Meu marido ainda não desceu?

(*) Felicia, Victorina e Cypriano.

VICTORINA.

Ainda não, senhora...

FELICIA.

Já preparaste as bandejas de doce para o chá?

VICTORINA.

Ainda não, senhora; não posso fazer tudo ao mesmo tempo.

FELICIA.

No entanto eu posso... Cypriano, meu filho, vae ajudar Victorina a preparar as bandejas de doce... Tomem sentido! não me vão quebrar aquelle anginho que tem uma bandeira na mão com o nome dos dous noivos! (*Victorina vae a sahir, — Felicia retem-a*) Olha, aquelles quatro cachorrinhos pelludos que têm cestinhas na boca devem ficar nos quatro cantos da bandeja... assim (*procura imitar*) olhando para fóra... Gosto de ver as cousas nos seus lugares... Então, ainda não foste, Cypriano?

CYPRIANO.

E' que...

FELICIA.

E' mister que nos não poupemos a sacrificio algum no dia de maior jubilo para nós.

CYPRIANO.

Para nós!!! Irrisão!

FELICIA.

Anda, meu repolhinho!

CYPRIANO.

Repolhinho, ella disse repolhinho... oh! blasphemia! (*vai pegar na gravata*).

FELICIA (*)

(*tomando-a*) Deixa a gravata. — vais amarrotal-a toda.

CYPRIANO

(*sahindo—no fundo*) Oh! Ceilia, Cecilia, quanto me fazes soffrer!

VICTORINA

(*a Cypriano a meia voz*) Ai, se eu fosse um passari-nho...

CYPRIANO

(*muito zangado*) Não me masse (*sahé pelo fundo — esquerda.*)

FELICIA

(*a Victorina*) Ainda não acabaste... fazes-me ferver o sangue com esse teu andar de tartaruga... Desenferruja as pernas de uma vez!

VICTORINA.

Oh! ronca a trovoadá; temos tempestade grossa... façome ao largo! (*sahé pelo fundo — esquerda.*)

SCENA III.

FELICIA.

Que emburilhada! Se durasse oito dias, punha-me de cama um mez. (*dirigindo-se aos consolos*) Estas velas ficão muito bem assim com as açucenas azues! Logo vi; lá está uma sem açucena!... com tanto que não tenham acabado todo o papel azul! (*Procura na gaveta da secretaria.*)

(*) Felicia, Cypriano e Victorina.

SCENA IV.

FELICIA E JERONYMO.

JERONYMO (*)

(*entrando pela direita alta*) Bom dia, irmã.

FELICIA.

Bom dia, irmão.

JERONYMO.

Não me fiz esperar, creio eu ; ah ! é que, quando se trata do casamento de minha querida sobrinha, nunca se chega cedo de mais. (*passa á esquerda*) Como vai ella?... Um tanto commovida, não?... Não admira, no dia do casamento!...

FELICIA.

(*que continha a procurar o papel*) Desculpe, mano ; tenho porém tanto que fazer !... estou tão preocupada !...

JERONYMO.

Que ainda nem se quer se lembrou de lançar um olhar sobre o meu traje... Olhe que não perde o seu tempo... E' a minha casaca preta nova ; a que mandei fazer para receber o premio na Exposição Nacional, por causa d'aquelles inhames grandes (*mostra com as mãos o tamanho*) que mandei... Cada inhame nutre, termo medio, vinte e cinco pessoas por dia... Conto que ainda hei de vir a ter maiores... porque...

FELICIA.

Estava visto ! Já desconfiava que não havia de achar...

JERONYMO.

O que é que procura ?

(*) Jeronymo, Felicia.

FELICIA.

Papel azul para fazer uma açucena que falta ali... Isto só a mim acontece. (*Continúa a abrir e a fechar as gavetas*).

JERONYMO

(*sentando-se perto da mesa d esquerda*) Ainda não vi o meu caro Alberto... onde está elle ?...

FELICIA.

Na côrte.

JERONYMO.

Como, na côrte?

FELICIA.

Pedi-lhe que fosse hontem...

JERONYMO.

Um noivo, andar assim passarinhando na vespera e no dia do casamento!

FELICIA

(*procurando sempre*) Precisavamos de uma porção de miudezas; não tínhamos mais ninguem á disposição....

JERONYMO.

Isto não é razão bastante.

FELICIA.

Demais, elle já podia estar de volta, ha muito... mas, com o genio que tem, é hem possivel...

JERONYMO.

Que se tivesse esquecido que casa hoje?!..... Não nego; elle sempre me pareceu um grandissimo palerma... Mas aqui, para nós, quer que falle francamente?

FELICIA.

Ah! achei o papel azul! Quem se havia de lembrar de procural-o aqui (*senta-se na secretaria e começa a recortar*) O que é que estava dizendo?

JERONYMO.

Eu dizia que vocês por aqui abusão muito da complacencia de Alberto... Lá por ser pascacio não se segue que...

FELICIA.

Abusamos?

JERONYMO.

Certamente. Para qualquer cousa é Alberto o chamado: para fazer compras, para ler as noticias da cõrte, para copiar cartas, para tudo em summa! Ora... convém não tratal-o assim.

FELICIA.

Acho muito curioso o que o mano diz! Não é elle já quasi nosso filho? Quem é que faz ceremonias com um genro.

JERONYMO.

Nem tanto! Aqui temperão-no com todos os molhos.

FELICIA

(*formalisada—levanta-se*) E é o mano que vem exprobrar-nos o abuso que fazemos da complacencia de Alberto, o mano que andou, ha dias com o pobre moço ás voltas, mais de tres horas, por entre seus inhames monstros, fallando sempre na sua medalha, como se fosse uma grande cousa, e querendo por força provar a utilidade da cultura de taes legumes...

JERONYMO

(*muito formalizado — levanta-se*)... legumes, não se-hora; veja lá como falla!

FELICIA.

Como se elle entendesse patavina! Isso é que foi abuso e reabuso! (*sobe a scena e vai pôr a açucena n'um castiçal. — Fundo d esquerda*).

JERONYMO (*)

(*passa*) Engana-se; Alberto é tolo; mas tive o talento de obrigar-o a interessar-se pela conversa... Elle antevê agora as immensas vantagens que se podem colher com taes tuberculos.

FELICIA

(*que vem descendo e ouve as ultimas palavras*) Tuberculos, não senhor; mais amor e menos confiança!... Quer achincalhar-me dizendo que tenho tuberculos!?

JERONYMO.

Qual; não é isso; eu não ^{disse} disso tal.

FELICIA

(*sentando-se muito zangada d esquerda*) Ouvio? Ouvio?!

JERONYMO.

Está bem; não se agaste contra mim, mana. Não faço mais do que advogar a causa de Cecilia, advogando a de seu marido... Então; não fazemos as pazes? (*aperta-lhe a mão*) Não é este o dia mais proprio para nos arrufarmos, com a bréca! (*abre-se uma porta— esquerda alta — Jeronymo olha*) Ah! ahi vem o senhor meu irmão, o magestoso e eloquente representante d'esta localidade na Assembléa Provincial!

(*) Felicia, Jeronymo.

SCENA V.

OS MESMOS, BOTELHO, CYPRIANO E BARBARA (*) (*esquerda alta*)

BOTELHO

(*entra pela esquerda alta acompanhado por Cypriano e Barbara*) Já disse que pelo meu regimento interno, não posso nem devo tomar em consideração as suas emendas.

CYPRIANO. 4

Mas, meu tio.

BARBARA. 5

Mas, papai.

FELICIA

(*levantando-se*) Como? E' esse o seu traje, Sr. Botelho?

BOTELHO.

Temos tempo, ainda não começarão os trabalhos da sessão matrimonial (*Felicia sobe ao fundo*) Bons dias, Jeronymo (*passa*).

JERONYMO (**)

Como passa o Excellentissimo membro da honrada maioria...

BARBARA

(*dirigindo-se a Botelho*) Mas...

BOTELHO

O teu requerimento não póde entrar em primeira discussão porque é contra a letra do regimento da casa.

(*) Felicia, Jeronymo, Botelho, Cypriano e Barbara.

(**) Cypriano, Barbara, Felicia, Botelho e Jeronymo.

BARBARA.

No entanto, papai... (*senta-se d esquerda e Cypriano no sofá — esquerda*).

JERONYMO.

O que é que deseja a minha encantadora sobrinha?

BOTELHO.

Ouve e decide, meu mano. Barbara quer por força cantar uma modinha á sobremesa!

BARBARA.

Palavras do Sr. Dr. Macedo; musica do mestre Noronha. E' lindissima.

BOTELHO.

Ainda bem que é á sobremesa! Se fosse no ^{*}príncipeio do jantar, tirava o appetite... á gente!

BARBARA.

Meu tio!

BOTELHO.

Então?

JERONYMO.

Não me parece muito opportuno...

FELICIA (*)

(*vindo para o meio da scena*) Queres fazer coxilar os nossos convidados?

BARBARA

(*levantando-se*) Minha tia. (*Cypriano levanta-se*).

(*) Barbara, Felicia, Cypriano, Botelho e Jeronymo.

BOTELHO.

Bem vês Barbara; a commissão competente vota contra.

BARBARA.

Não me admira... condemnão-me antes de me ouvirem; basta que haja um ensejo de fazer realçar o meu talento! (*Botelho e Cypriano sobem a scena*) Minha tia é sempre a mesma...

FELICIA (*)

(*zangada*) Eu... que sempre a perdi com os meus carinhos!

BARRARA.

Entretanto Cecilia que conta menos idade, já achou marido... mas eu... naturalmente fico para tia...

FELICIA.

Como se fosse eu a culpada! E' porque Cecilia tem naturalmente certos dotes...

JERONYMO

(*interpondo-se*) Basta, basta; n'um dia de regosijo!...

FELICIA ()**

(*subindo e fallando a Botelho*) Já combinou a ordem dos convidados. Quem é que fica ao pé de mim na ceia.

BOTELHO.

Ainda não consegui um encerramento a este respeito.

FELICIA.

Com effeito! Não anda a vapor!

(*) Barbara, Felicia, Jeronymo, Cypriano e Botelho.

(**) Barbara, Jeronymo, Felicia, Cypriano e Botelho.

BOTELHO.

(descendo) Tinha achado uma combinação perfeita... mas este diabrete de Cypriano quer por força convencer-me que ficaria melhor...

CYPRIANO.

Asseguro-lhe, meu tio... *(sobe á direita — Barbara vai a Cypriano)*.

BOTELHO (*)

Toma na devida consideração a questão, Jeronymo; eis o plano: os noivos no centro, um em frente do outro, aqui minha mulher, o Presidente da camara, a viuva do Elesbão, Alvaro da Cunha, e a filha do Maximiano; do outro lado o Dr. Promotor Publico e sua senhora, o Duarte escrivão, o tenente Silverio, Barbara, o capitão Leocadio...

BARBARA.

Protesto... não quero ficar entre o tenente Silverio e o tio Leocadio.

CYPRIANO.

Porque?

BARBARA.

Porque o Silverio, quando falla, cospe na gente e palita os dentes para fóra.. assim *(imita)* e o tio Leocadio é surdo como uma telha!...

JERONYMO.

Tem toda a razão.

FELICIA.

Que modos são estes? Não interrompa seu pai, nem falle mal de seu tio e meu primo o Sr. capitão Leocadio!... Continúe, Sr. Botelho. *(Barbara e Cypriano sobem á esquerda)*.

(*) Jeronymo, Botelho, Felicio, Barbara e Cypriano.

BOTELHO (*)

D'aquelle outro lado vão Cypriano, o vigario... Ah! esquecia-me de dizer-te, Felicia, que o primo Leocadio prometteu-me vir de fardão rico.

FELICIA.

Bravo! E' pena que tu tambem não tenhas uma farda... Porque é que vocês na Assembléa não usão de farda?

JERONYMO.

O teu plano é magnifico!... Mas (*procurando ler....*)
.... onde é que eu fico?

CYPRIANO.

Não creio que seja magnifico o tal plano... Vejão só qual é o meu lugar... lá n'aquella ponta... junto do vigario, que anda sempre tão pingado de rapé... que cheiro! Puah!
(*sobe á scena.—F.*)

BOTELHO.

Em ultima analyse!... talvez que mudando o lugar de Alberto....

BARBARA.

Justamente... é uma boa idéa!

JERONYMO.

Está visto! Vocês querem fazer do moço um dinguinha, que vale um, dez, onze ou...: salta fóra, quando é demais.

FELICIA.

Não penso que façamos mal com isso. Elle é parente, deve sujeitar-se.

(*) Cypriano, Barbara, Jeronymo, Botelho e Felicia.

JERONYMO.

A servir de peteca ? Ora, qual, mana.

BOTELHO.

Tens razão, Jeronymo. Voto contra... e está encerrada a discussão. (*Felicia vai ao segundo salão*).

CYPRIANO (*)

(*mordendo o beijo*) Que massada !

BARBARA.

(*a Cypriano*) Eu tenho muito mais motivos de queixa.

CYPRIANO.

Preferia ficar ao lado de Alvaro da Cunha, talvez ?

BARBARA.

Confesso, sem corar, que sympathiso com o Sr. Alvaro.

CYPRIANO.

Porque ficou rico.

BARBARA.

Isto prova que tem espirito.

CYPRIANO.

Não tem o menor vislumbre de poesia.

BARBARA.

Anda lá.

(*) Cypriano, Barbara, Felicia, Jeronymo e Botelho.

FELICIA.

Oh ! meu Deus ! (*descendo ao meio.*)

JERONYMO E BOTELHO.

(*ao mesmo tempo*) Que é?

FELICIA.

Este meu marido não é capaz de fazer nada direito... E o tinteiro rico ?

BOTELHO

(*passs*) Que tinteiro rico ?

FELICIA (*)

Aquelle de porcellana dourada com folhas vermelhas e passarinhos de muitas cores... Tem uma móla... a gente torce assim.,. e a tinta, foi-se !

BOTELHO.

Ah ! o tinteiro syphoide...

CECILIA

(*nos bastidores da direita alta*) Sim, sim ; já sei.

JERONYMO.

Ouçõ a voz da minha querida sobrinha. (*Sobe—Cypriano tambem*).

SCENA VI.

OS MESMOS E CECILIA (*entra pela direita alta.*)

(*) Cypriano, Barbara, Felicia, Botelho e Jeronymo.

CECILIA (*) /

Meu bom tio.

JERONYMO. 2

Minha Cecilia.

CYPRIANO. 5

(*aparte; fixando Cecilia*) O' meu coração, socega, acalma o teu ardor!

CECILIA.

(*passa — a Cypriano*) Adeos, primo (*aperta a mão de Botelho, abraça Felicia e depois Barbara*).

CYPRIANO

(*aparte*) Se eu lhe beijasse a mão... Não; depois não poderia conter-me mais. Eu bem me conheço!

CECILIA. (**)

(*a Barbara*) Achas que estou bem vestida?

BARBARA.

Assim, assim!

CECILIA.

O Sr. Alberto ainda não voltou?

FELICIA.

Ainda não. Nem compreendo tal demora.

(*) Barbara, Felicia, Botelho, Cypriano, Jeronymo e Cecilia.

(**) Barbara, Cecilia, Felicia, Botelho, Cypriano e Jeronymo.

SCENA VII.

OS MESMOS E ALBERTO (*entra pela direita alta*).

ALBERTO.

Aqui estou; aqui estou.

FELICIA.

(*passa dirigindo-se a elle*) Ah! e não foi sem tempo! Lembrou-se de todas as minhas encomendas? (*todos o rodeião.*) (*)

ALBERTO.

Se me lembrei! Vamos pela ordem natural... Os braços em primeiro lugar: aqui está o chá preto, vidros de lampião; torcidas; maços de grampos; fivella e cinto, pente fino, um par de chinellas e um trinchante...

FELICIA.

Está direito... não se esqueceu de nada... E' um milagre! (*leva os objectos para o fundo dentro no segundo salão.*)

BOTELHO.

E as minhas?

ALBERTO.

Agora as algibeiras... Algibeira da direita: uma caneta de Scully, um volume de legislação provincial; as folhas diarias de hoje, e um amolador de navalhas.

BOTELHO.

Tudo isto é da minha competencia; estão na ordem do dia que me diz respeito. (*leva os objectos para o fundo á esquerda — aparador.*)

(*) Barbara, Cecilia, Botelho, Alberto, Felicia, Cypriano, Jeronymo.

BARBARA. (*)

(*passa*) Não lhe pedi nada? Querem ver que...

ALBERTO.

Algibeira da esquerda... pós de arroz, o ultimo numero do *Jornal das Famílias*, ferro para escrespar, só... não tenho mais nada.

BARBARA.

E a renda? Aposto que se esqueceu...

ALBERTO.

E' verdade... passou-me inteiramente...

BARBARA.

Por força... Nunca se lembrão do que peço. Já não posso vestir-me de branco! (*leva os seus embrulhos para uma mesa do fundo á esquerda onde se conserva com Cecilia*).

ALBERTO.

Maldita renda! Pedirão tantas cousas... era preciso ter uma memoria de anjo! (*sóbe a scena á direita.—Cypriano senta-se á direita na secretaria.*) (**)

JERONYMO.

(*detendo-o no fundo.*) Não é sangria desatada... Talvez queira voltar agora á côrte por causa da renda!... Meu caro, pense em outra cousa... já não acha mais o trem á esta hora.

BOTELHO.

Em verdade, meu genro, não chegou muito cedo; por

(*) Cecilia, Alberto, Barbara, Botelho, Cypriano, Jeronymo.

(**) Cecilia, Barbara, Botelho, Alberto Jeronymo, Cypriano.

um triz ia-mos abrir a sessão sem a sua pessoa. (*Cecilia leva para dentro os embrulhos... Felicia desce para a esquerda junto de Barbara.*) (*)

ALBERTO.

Demorei-me bastante... mas eu lhe conto... não pude resistir á tentação de dar uma volta até á fazenda do commendador Justino... Que terreno! Que uberdade! E' um sólo abençoado!... O café nasce *por desaforo*, como me disse o feitor, em sua lingua brutesca, mas expressiva... é denso, basto como uma pinha... Se soubessem aproveitar tanta riqueza!... Bastava uma despeza de seis a oito contos de réis... e ao cabo de tres ou quatro annos (*batendo no hombro de Jeronymo*)... eu lhe mostraria...

JERONYMO.

Está no seu elemento... já não se cala mais...

ALBERTO.

Substituir a acção lenta, e tantas vezes nociva, do sol e da chuva!! digo nociva porque, quasi sempre, grande parte do café fermenta, apodrece ou, pela força das exalações, adquire um aroma e um sabor detestaveis... é o grande defeito dos cafés brasileiros.... Quantos inconvenientes, sem contar a perda de tempo...

FELICIA

(*desce — a Alberto*) Começa a ser hora de cuidar em preparar-se.

ALBERTO.

No meu systema, todos estes inconvenientes desaparecem... o calor bem graduado, é sempre o mesmo, secca o café por igual... suave e naturalmente. Imaginem um quarto, com as proporções devidas, hermeticamente fechado, tendo no centro um cylindro... aqui é que está o meu

(*) Barbara, Felicia, Botelho, Alberio, Jeronymo e Cypriano.

segredo... este cylindro communica com uma pequena fornhalha, que fica na parte exterior do quarto...

BOTELHO.

(*olhando para o relógio*) Mas meu genro...

ALBERTO.

A fornhalha aquece, e ^{cylindro} ~~cylindro~~ gira e distribue o calor... e em sessenta horas, o café que foi colhido está no caso de ser ensacado e remetido para a côrte...

JERONYMO

Isso é impossivel... em menos de cinco semanas...

ALBERTO.

Impossivel? Eu lhe provarei...

FELICIA

Sr. Alberto, basta... já é tempo de cuidar em si... Vá enfiar a casaca preta.

ALBERTO.

(*passa*) O que é minha mãe? (*Cecilia entra pela esquerda alta.—Cypriano levanta-se e contempla Cecilia*).

FELICIA. (*)

Estou a dizer que d'aqui a uma hora chega o Sr. vigario e que por tanto...

ALBERTO.

Tem razão! Ainda nem se quer tive tempo de fallar com

(*) Cecilia, Barbara, Felicia, Alberto, Cypriano, Botelho e Jeronymo.

Cecilia, quero dizer com a minha noiva. (*Vai fallar com Cecilia que voltou de dentro*).

FELICIA (*)

Fallará quanto quizer logo á noite (*olhando para Cypriano*) Então, Cypriano, que fazes ahi, tezo como um frade de pedra, a olhar embasbacado para tua prima?

CYPRIANO

(*aparte*) Meu Deos, meu Deos!... todos lêem nos meus olhos a paixão que me devora!

FELICIA

Vem cá, preciso que venhas amolar o trinchante novo (*passa — a Botelho*) (**). Acho melhor que vás mudar de roupa... temos ainda tanto que fazer!...

BOTELHO.

Voto a favor da emenda. (*Sai pela porta da esquerda alta — Jeronymo senta-se á direita*).

FELICIA

(*pondo Barbara para fóra*) E tu, Barbara, vai vêr o que Victorina está fazendo.

BARBARA.

Na cosinha como uma gata borralheira — oh! Cenerentola! (*sai pelo fundo — esquerda*).

FELICIA

(*pondo Cypriano para fóra*) Anda Cypriano.

(*) Cecilia, Alberto, Barbara, Felicia, Cypriano, Botelho e Jeronymo.

(**) Cecilia, Alberto, Barbara, Cypriano, Felicia, Botelho e Jeronymo.



FELICIA.



CYPRIANO

(*procurando descer a scena.*) Já vou... deixe-me ver...

FELICIA.

O que?

CYPRIANO.

A minha gravata.

FELICIA

(*empurrando-o.*) Deixa-te de gravatas... meu estafermo
(*ella leva a gravata que está sobre a cadeira.*)

CYPRIANO.

Estafermo ! chamar estafermo a um poeta... que horror !
Se ella ouvisse ! (*Saem pelo fundo esquerda.*)

SCENA VIII.

ALBERTO, CECILIA, JERONYMO.

ALBERTO

(*a Cecilia.*) Não está arrufada comigo, por ter tardado
tanto? (*vai para o centro da scena dando o braço a Cecilia.*) (*)

CECILIA.

Estive.

ALBERTO.

E agora?

CECILIA.

Perdoei.

(*) Cecilia, Alberto e Jeronymo.

JERONYMO

(*levanta-se.*) Faz mal minha sobrinha, faz mal, não seja tão indulgente.

ALBERTO. (*)

Devéras?

JERONYMO

(*entre Cecilia e Alberto.*) Sim, senhor; Porque é que foi á côrte hontem?

CECILIA.

Meu tio tem razão.

ALBERTO.

Conspirão-se todas contra mim decididamente!? Lembrem-se, porém, que minha sogra precisava de algumas miudezas...

JERONYMO.

Mas o senhor não deve ser o moço de recados, o comprador da casa. Sua obrigação era ficar aqui perto de Cecilia...

CECILIA.

Certamente.

JERONYMO.

E não bater a linda plumagem. Mas já vejo que não é senhor das suas acções... E foi sempre esta a mania dos Botelhos!... Por minha fé! creio que procedo bem prevenindo-o. Quem entra para o seio de uma familia deve conhecer-lhe as manhas.

ALBERTO.

Não tenho por emquanto, razões de...

JERONYMO.

Tel-as-ha ~~se~~ se não acautelar em tempo. Todos nós so-

(*) Cecilia, Jeronymo e Alberto.

mos muito boas pessoas. Mana Felicia é excellente creatura se bem que um tanto falladeira ; meu irmão é aquillo que vê, nem páo, nem pedra ; a menina Barbara pecca por muito presumida, mas tem bom coração... Devo, todavia, em honra á verdade, confessar que é uma familia muito respeitavel, cujo unico defeito se cifra em ser de uma sem cerimonia de pasmar.

ALBERTO.

Devéras.

JERONYMO.

Tome tento ! Trate-os bem... mas a certa distancia... E não afrouxe as redeas... quando não por mais que fuja depois o perseguiráõ, e acharáõ meio de ligar-se com sua vida como a unha com o dedo !

ALBERTO.

Começa a assustar-me !

JERONYMO.

Olhe, Aqui todos mandão e ninguem quer obedecer... E' uma casa de orates ! A mulher quer dominar o marido ; o marido quer ser o senhor absoluto ; as filhas proclamão a sua independencia ; os criados fazem o que querem... e queira Deus, que no meio de tudo isto, não seja o senhor a victima expiatoria.

ALBERTO

(*sorrindo.*) O senhor não me conhece...

CECILIA.

Não creia, Sr. Alberto.

JERONYMO.

Ainda se tivesse só elles pela prôa.. Um sogro e uma sogra são fardos pesados... aborrecidos...

CECILIA.

Oh ! meu tio.

JERONYMO.

São massantes e caprichosos... mas supportão-se por amor da mulher. O que é superior á paciencia humana é a ninhada. Sim ! o enxame de parentes que se arremessa, como uma praga de mosquitos, sobre a cabeça de um infeliz, mordendo, mordendo e zunindo de continuo aos seus ouvidos em todos os tons possiveis e impossiveis, estas phrases que parecem inoffensivas, até mesmo sympathicas á primeira vista, mas que, como o vinho dos Borgias, disfarça a agrura do veneno com o sabor delicioso d'ambrozia : « Não sou eu seu parente ! ? Sinto que nas minhas veias corre um sangue em tudo igual ao seu !... Meu querido primo ! Minha encantadora tia, meu estimado genro !... Mas, *latet anguis in herba !* sob a fragancia e aroma das flôres se aninha a serpente que mata !

ALBERTO.

Oh ! que quadro aterrador !

CECILIA.

Não exaggere assim, meu tio !

JERONYMO.

E não fallei ainda das pretenções rediculas, das imposições parvas, das perfidias familiares e de tantas outras tyrannias domesticas.

ALBERTO

(sorrindo.) Ande lá... nem todos os parentes de minha mulher hão de ser genricidas.

JERONYMO.

Verá. E' por isso que me conservo *celibatario*. Praza aos

céos, meu amigo, que nunca ~~chegue~~ a conhecer o que é — a ninhada de um sogro!

ALBERTO E CECILIA.

A ninhada de um sogro?!

JERONYMO.

Sim. A ninhada de um sogro! Agora que está prevenindo, procure livrar-se de cahir-lhe nas garras. (*passa*) (*)

CECILIA.

Nada receie, Sr. Alberto.

ALBERTO

(*no centro da scena.*) O Sr. Jeronymo fez uma pintura demasiada carregada. Os parentes devem-se ajudar reciprocamente... Descance, porém, na certeza de que se elles se excederem, eu saberei chamal-os á ordem.

SCENA IX.

OS MESMOS E ALVARO.

ALVARO

(*nos bastidores.*) Então,ninguem! onde está a gente desta casa! Mas eu sou parente, não faço ceremonias e vou entrando. (*cantando*) *Buona sera mei signori* (*entra pela allu direita*). Ah! aqui está o querido Alberto.

ALBERTO. (*)

Sr. Alvaro da Cunha.

(*) Cecilia, Alberto e Jeronymo.

(**) Cecilia, Jeronymo, Alberto e Alvaro.

ALVARO.

Qual senhor ! Diga simplesmente primo, já que vai casar com minha prima.

JERONYMO

(*baixo o Alberto.*) Ouve? um parente !

ALVARO.

Ah ! bom dia, Sr. Jeronymo ! (*passa*) (*) Como tem passado ! Fui entrando, não encontrei ninguém na varanda... eu cá não faço cerimonia com os meus ! (*vendo Cecilia — passa*).(**) Encantadora prima ! Desculpe-me ; não a tinha visto ainda. Dá licença. (*beija-lhe a mão.*) Foi com a sua licença, primo, não ? Entre primos, a etiqueta é uma cousa insupportavel !

JERONYMO

(*baixo a Alberto.*) Este é um da ninhada. (*sobe um pouco*). (***)

ALVARO.

Dou-lhe os meus emboras, sua noiva é linda... Póde-se dizer que é a graça que se vai unir ao talento... Dizem-me todos que o primo tem muito talento.

ALBERTO

(*a Jeronymo — Cecilia sobe ao sofá.*) E' um moço muito amavel.

ALVARO.

Quando é que conta ir para a côrte ? Não creio que tenha em mente vir enterrar-se vivo nesta tapéra, aqui no interior.

ALBERTO.

Eu... não sei...

(*) Cecilia, Jeronymo, Alvaro e Alberto.

(**) Cecilia, Alvaro, Jeronymo e Alberto.

(***) Cecilia, Alvaro, Alberto e Jeronymo.

ALVARO.

Qual! não deve pensar nisso. A côrte é a unica scena digna de uma pessoa que dispõe dos seus cabedaeos scientificos. O talento, meu caro, embota-se na roça. Faça como eu, procure um horizonte menos acanhado... (*Alberto vai juntar-se a Cecilia*).

JERONYMO.

Vai indo bem, já sei. Está muito contente. (*)

ALVARO

(*dirigindo-se a Jeronymo — passa.*) Bastante. Tenho sido muito feliz, e posso dizer, sem receio de errar que quem anda comigo chega ao alvo desejado. (*Senta-se á esquerda, perto da mesa*).

JERONYMO

(*aparte.*) A quem estará elle atirando esta bola.

ALVARO.

E aqui que ninguem nos ouve, estou em muito boa harmonia com o ministro.

ALBERTO

(*approximando se de Alvaro — passa — Cecilia senta-se á direita*). (**) Ah! o Senhor está em boa harmonia com Sua Excellencia.

ALVARO.

Na melhor... S. Ex. faz-me o favor de ouvir com muito cuidado. E' verdade; a proposito: como vai com sua idéa... grandiosa!

JERONYMO

(*aparte.*) E' Alberto quem vai comer a bola.

(*) Alvaro, Jeronymo, Cecilia e Alberto.

(**) Alvaro, Alberto, Jeronymo e Cecilia.

ALBERTO.

Como? o senhor sabe? <

ALVARO.

Se sei! Nem podia ignorar o que diz respeito a um parente tão distincto como vai a idéa?

ALBERTO.

Meus ultimos calculos derão-me resultados prodigiosos!

ALVARO.

Ah! tanto melhor! Pois saiba, meu primo, que se precisar de alguma cousa, algum privilegio, até mesmo algum adiantamento de ~~de~~ essas cousas não se fazem sem dinheiro... Póde contar comigo.

ALBERTO.

Deveras?

ALVARO. *sim, claro*

Conte comigo. Sou seu parente, e como tal reclamo a preferencia.

ALBERTO.

Tem muita razão. *(aparte)* E' um moço muito, cavalheiro. (*)

CECILIA

(levanta-se.) Meu amigo, já é tempo de se ir preparar...

ALBERTO.

E' verdade... ia-me esquecendo... *(começa a subir com Cecilia — esquerda alta).*

* Alvaro, Alberto, Cecilia e Jeronymo.

ALVARO

(*a Jeronymo — ~~lê o cylindro~~*) E' incontestavelmente um rapaz de muito merecimento.

ALBERTO (*)

(*deixa Cecilia e desce a scena — ella senta-se amuada no sofá á esquerda*) Logo tornaremos a fallar deste assumpto, meu bom primo; hei de mostrar-lhe qual é o meu plano... ha um ~~certo~~ cylindro... verã...

ALVARO.

Com o mais vivo prazer.

CECILIA

(*levanta-se*) Já que é preciso empregar a força dê-me o seu braço (*leva-o para o fundo—esquerda alta*).

ALBERTO

(*descendo a scena*) Basta só um cylindro.

CECILIA

(*conduzindo-o de novo*) Anda, meu amigo; já é tarde.

ALVARO

(*a Jeronymo*) E' um talento transcendente!

ALBERTO

(*tornando a descer a scena*) D'aqui a pouco tornaremos a conversar.

ALVARO.

Quando quizer... Este moço ha de ir longe!

(*) Cecilia, Alberto, Alvaro e Jeronymo.

ALBERTO.

Volto brevemente (a Cecilia) Estou ás suas ordens; vamos... Este seu primo é um verdadeiro cavalheiro...

CECILIA

(sahindo com Alberto) Finalmente !

JERONYMO

(aparte) Já comeu a bola.

SCENA X.

JERONYMO E ALVARO (sentado junto ao sofá — depois)
CYPRIANO.

ALVARO /

(aparte) Não resta a menor duvida ; fiz muito bem de vir assistir a estas bodas no Iguassú. A noiva é encantadora, hei de pol-a geitosa como uma fluminense : o marido é tolo como um sabichão ; são meus primos e, com a bréca... !

JERONYMO.

Pensei que, tendo adquirido tanta fortuna não queria metter-se mais em especulações...

ALVARO.

Assim foi até agora... Mas, presentemente, para servir a um parente, a um primo...

JERONYMO.

Hum ! hum !

ALVARO.

Está endefluxado ?

JERONYMO.

Não ; é que ás vezes qualquer cousinha se atravessa na garganta e... engasga...

ALVARO.

Demais, devo confessar-lhe (*Cypriano entra do fundo—esquerda—procura alguma coisa com os olhos e se dirige para a cadeira do sofá em que Alvaro está sentado*) (*) Sinto um fraco por este primo novo... Sympathiso muito. (*para Cypriano*) O que é ? Que queres?

CYPRIANO.

E' a minha gravata que ficou aqui.

ALVARO

(*levanta-se —desce e vem sentar-se em outra cadeira*) Sympathiso muito com elle... (*Cypriano procura*)

JERONYMO.

Elle é bem digno.

ALVARO.

Estou até mesmo disposto a fazer algum sacrificio por elle, adiantando o dinheiro... O que é que temos ainda Cypriano?

CYPRIANO.

E' a gravata... não está n'aquella cadeira... quero vêr se nesta...

ALVARO (**)

(*levanta-se e procurando com os olhos onde se ha de sentar—vai para a extrema direita perto da secretaria e senta-se*) Pois vê lá. (*a Jeronymo*) Quero adiantar-lhe a somma necessaria para montar a machina que inventou... o tal cylindro. (*Cypriano sobe a scena procurando a gravata*)

(*) Alvaro, Cypriano e Jeronymo.

(**) Cypriano, Jeronymo e Alvaro.

E depois, é preciso confessar, cada um tem lá os seus planos.

JERONYMO

(*aparte*) Vem chegando, vem chegando... que finório!

ALVARO.

O senhor sabe; todos são assim... tanto mais que não creio que a um homem fique mal qualquer especulação... sendo ella honesta...

JERONYMO.

Não entendo pitada...

ALVARO.

Minha posição pecuniaria, meu cabal conhecimento do coração humano... (*para Cypriano que se tem aproximado*) (*) Ainda! Não acaba com isso!

CYPRIANO.

E' a gravatinha côr de rosa.

ALVARO

(*levantando-se zangado*) Já sei, já sei; que creaturinha massante! (*procura com os olhos uma cadeira, hesita e diz:*) Nada... o melhor é ficar em pé... dizia eu que com a minha fortuna e com a pratica que tenho... do mundo, certa verbosidade, os principios liberaes que professo e... sendo bem apessoado como sou...

JERONYMO.

A que vem aqui a sua figura...

(*) Jeronymo, Cypriano e Alvaro.

ALVARO.

Vem para mostrar que tenho direito a um lugar alli...

JERONYMO.

Alli, onde? onde?

ALVARO.

Os dotes physicos não são para desprezar... E' meio caminho andado...

JERONYMO.

Para ir onde?

ALVARO

(*dando o braço a Jeronymo*) Para entrar, basta-me uma coisa qualquer que faça apparecer o meu nome... e esta, meu caro, está justamente neste caso...

JERONYMO

(*impaciente*) Mas onde é que quer entrar, com todos os diabos! Esgota-se por fim, a paciencia de um homem...

ALVARO.

Pois ainda não entendeu? E' na...

CYPRIANO (*)

(*interrompendo-o*) Primo... oh, primo!

ALVARO.

Heim? que é?... (*voltando-se e vendo Cypriano*) Outra vez? Agora não estou sentado... deixa-me...

(*) Jeronymo, Alvaro e Cypriano.

CYPRIANO.

Eu tenho procurado por toda a parte... não achei... O primo não sabe onde é que ella está.

ALVARO.

Ella, quem?

CYPRIANO.

A minha gróvatinha.

ALVARO

(encolerizado) Põe-te já ao fresco, quando não... *(ameaça-o com o punho)*.

JERONYMO.

Que impertinencia ! *(Cypriano retira-se para o fundo)*.

ALVARO.

Onde eu quero entrar é na camara legislativa. Entende agora?

JERONYMO.

Na Camara?.. na Assembléa Geral.

ALVARO.

Quero ser deputado... representante da Nação.

JERONYMO

(aparte) Se julgarem a Nação por este papel d'amos-
tra.—*(vai escurecendo)*.

ALVARO.

Confesso que é a minha idéa fixa.

JERONYMO.

E para isso conta com Alberto...

ALVARO.

Que quer! Elle tem talento e é meu parente....

JERONYMO.

Ah! (*aparte*) Que mitra!

ALVARO.

Comprehende agora!

JERONYMO.

Perfeitamente.. (*aparte*) Este não póde negar que pertence á ninhada.

FELICIA

(*nos bastidores*) Como é isso! Elle está aqui e ninguem foi prevenir-me?

CYPRIANO.

Minha tia!.. Ponho-me ao fresco (*esconde-se atraz da porta da esquerda alta.*) (*)

SCENA XI.

OS MESMOS E FELICIA (*traz na mão a gravata de Cypriano e deposita-a sobre a cadeira d esquerda, perto da mesa*).

FELICIA

(*entrando*) Ah! meu interessante sobrinho!

ALVARO.

Minha querida tia!

(*) Cypriano, Felicia, Alvaro e Jeronymo.

FELICIA. /

Como é amavel ! Dar-se ao incommodo de vir a um casamento de roça...

ALVARO. *u*

X Tendo promettido, não podia faltar á palavra. (*é quasi escuro.*)

FELICIA.

Sempre attencioso ! Mas, agora reparo, este salão está quasi ás escuras... O que é que faz meu marido !?... Ah, Cypriano ! onde estará elle (*a Alvaro*) Dá licença ? Preciso retirar-me para dar algumas ordens...

CYPRIANO.

(*que tem estado a espiar, vem descendo a scena lentamente com o olhar fixo na gravata, sobre a qual se arremessa*) O ! meu Deos ; não me enganei, não ! Advinhou-me o coração...

FELICIA.

Esta voz !?... Não me illudo... é elle (*voltando-se*).... Por onde tem sua pessoa andado ? Ha meia hora que o procuro sem poder pôr-lhe os luzios em cima...

CYPRIANO

(*escondendo a gravata*) Eu ?... Estava fazendo a barba, sim, senhora.

ALVARO.

A barba de quem ?

CYPRIANO

(*formalisado*) A minha, se me faz favor.

FELICIA.

Não percamos tempo ; as horas voão... Cypriano, trepa

neste banquinho e accende as velas... O rôlo está n'aquella gaveta...

CYPRIANO.

Já vou minha tia... (*aparte*) Subi á cathogoria de criado!... Se ella me visse! E nem ao menos a ingrata me responde!!

FELICIA

(*que ouvio as ultimas palavras*) Não responde, e faz muito bem. Já disse que não gosto que me repliquem.

CYPRIANO

(*retirando-se para o fundo; accende o rôlo e trepa no tamborete que leva do sofá — aparte*) Esta mulher soffre da cachola... (*suspira*) Cecilia, ó barbara!... (*)

FELICIA

(*rapidamente — sobe*) Barbara! Está muito enganado... Deixe Barbara em paz... basta uma pessoa para accender isso...

JERONYMO.

(*a Alvaro*) Aquelles dous estão jogando os disparates, que diz? (*senta-se á esquerda*).

FELICIA

(*subindo á scena*) Cuidado, cuidado! Que assim fazes tudo em pedaços... Arregaça as mangas do fraque...

CYPRIANO.

Mas...

FELICIA.

Parece que fallo Cassange, qu^e o menino não entende! (*fazendo-o descer e arregaçando as mangas do paletot*)

(*) Jaronymo, Alvaro, Felicia e Cypriano.

Assim; agora torne a trepar o faça o que lhe disse. (*Cypriano hesita*).

ALVARO

(*sorrindo*) Treppe; ora trepe, Sr. Cypriano. (*logo que Cypriano accende as velas — claro*).

SCENA XIII.

OS MESMOS E BARBARA.

BARBARA

(*no limiar da porta da esquerda alta, vinda Alvaro*)
Elle... aqui? o meu pressentimento foi certo! (*)

ALVARO

(*aproximando-se-lhe*) Minha senhora, que vestido de gosto!

BARBARA

(*fingindo modestia*) Por quem é... não seja tão lisongeiro.

ALVARO.

Não é infundada a fama que tem de ser a pessoa mais elegante de Iguassú.

BARBARA.

São honras que não mereço.

FELICIA

(*descendo á scena*) Mas... que fim levou o Sr. Botelho? Não me dirão?

(*) Jeronymo, Barbara, Alvaro, Felicia e Cypriano.

BARBARA (*)

(*passa*) Foi ao encontro de algumas pessoas que já chegarão...

FELICIA.

Agora reparo... não perdeste muito por não vir a renda para o vestido branco... estás muito bem assim. (*Barbara diz-lhe algumas palavras ao ouvido*) Qual! deixa-te de cousas!... Encardidas! amarellas! Tambem não admira!.. Olhe, Sr. Alvaro, estas rendas servirão no meu vestido de noiva... passei-as depois para o de baptisado de minha filha... que foi, entre parentes, (*faz o signal de parenthesis*) uma função chibante! Emprestei-as depois a minha comadre Perpetua de Jesus, que com ellas debruou as toalhas que cobrirão o altar na festa de Nossa Senhora das Dores!... (*procurando lembrar-se*) Das Dores?... Foi Nossa Senhora das Dôres ou da Boa-Morte, mano?

JERONYMO.

Eu sei, mana!... Já lá vão trais de oito annos.

FELICIA

(*como quem se lembra*) Foi nossa Senhora do Parto, lembro-me agora... Bem vê, Sr. Alvaro, que só serv rão tres vezes; estão portanto em muito bom uso.... (*a Barbara*) E vem cá dizer-me que estão amarellas?! Tanto melhor, é ouro sobre azul (*aproximando-se de Alvaro*). Não acha!

ALVARO.

Certamente.

JERONYMO

(*baixo a Alvaro*) Já vio que torneira inexgotavel.... Quando principia a correr; adeos minhas encommendas!

BARBARA

(*contrariada*) Basta, minha mãe!... Era melhor man-

Jeronymo, Alvaro, Barbara, Felicia e Cypriano.

dar annunciar no Jornal do Commercio.... Todos ficarião logo sabendo que estas rendas já tem trinta annos de existencia!...

FELICIA.

Trinta, não.... (*para Alvaro*) O calculo é tão facil de fazer!... Quando eu casei tinha esta menina doze annos feitos.... era então o retrato da primeira mulher do Sr. Botelho.... nunca vi nada tão parecido!...

JERONYMO

(*á meia voz a Alvaro*) Tudo isto por causa de umas rendas velhas.... faça idéa!

FELICIA.

Barbara está com trinta e tres annos (*Barbara sobe a scena*) portanto.... quanto é trinta e tres menos doze?

ALVARO

(*hypocritamente*) Vinte e um annos é a idade das rendas, mas só servirão tres vezes, estão quasi novas.

FILICIA.

Ouves, Barbara? Ouves o que diz o Sr. Alvaro?...

VICTORINA

(*na porta da direita alta*) Minh'ama, ali está o Sr. Atafiba e sua familia (*Jeronymo levanta-se*).

FELICIA.

Que entre (*dirigindo-se á porta*) Boa vizinha, como agradecer-lhe o ter vindo tão cedo!... Permitta que lhe apresente o meu sobrinho Alvaro da Cunha.... que, como vê, é um moço bonito e muito interessante. (*)

(*) Jeronymo, Alvaro, Barbara e Felicia.

SCENA XIV.

OS MESMOS, CONVIDADOS E LEOCADIO (*depois*)

ALVARO.

(*indo-lhes ao encontro*) Minha senhora! (*passa para Felicia*) E' sua vizinha, minha tia? (*Barbara tem conduzido as visitas pura o sofd*) (*).

FELICIA.

Móra ali (*estende o labio inferior*) a menos de quatro leguas... e de bom caminho... Segue-se a estrada geral, ao chegar á porteira do Corrego-Sujo... quebra-se a mão direita... ha uma varzea... a gente deixa ficar a varzea e toma para outra bõnda, onde ha uma cruz de páo... no principio da picada... vai-se indo sempre para diante, a'é chegar a um ribeirão... então quebra-se a mão esquerda e d'ahi a um nadinha chega-se á fazenda da minha amiga que é muito bem plantada.

JERONYMO.

Sua amiga é muito bem plantada?! ah! ah!

FELICIA

(*formalisada dirigindo-se para Jeronymo*) Já lhe disse que não gosto de certas graças! (*a Alvaro*) E tem uma casa soberba l. . Quasi todos os dias, por passa tempo, dou um pulo ate lá!...

JERONYMO

Será bom não fallar nos mosquitos... nunca vi lugar onde elles abundem tanto! Passei lá uma noite... não pude pregar olho... era uma alluvião!

ALVARO.

E' esse um incommodo bem facil de remover... Quei-

Jeronymo, Felicia, Alvaro e Barbara.

mando no quarto ao lusco-fusco, um pouco de pó que vende a casa das — Bichas-Monstro — na côrte, morrem todos... E' remedio infallivel!

FELICIA.

Caraminholas, meu sobrinho! Não creia nessa!... Olhe, eu gosto muito de andar na horta, mas os mosquitos e borrachudos, que saem da valla dos agriões, não me deixavão parar... Mandei buscar do tal pó e queimei-o na horta e, para aproveitar tudo, atirei até a cinza na agua da valla... Pois no dia seguinte havião ainda mais mosquitos...

JERONYMO.

Grandissima tagarella!

ALVARO

(disfarçando o riso — a Felicia) E' cousa extraordinaria!

VICTORINA

(na porta da direita alta) O Sr. Timotheo pede licença para entrar.

FELICIA

Pois não! Com todo o gosto... *(entra Timotheo)* Cypriano, offerece uma cadeira ao Sr. Timotheo *(os convidados sentão-se á esquerda — Cypriano offerece a cadeira e vai atar a gravata diante de um espelho no fundo.)*

CYPRIANO.

Felizmente ella não me vio neste desafinho!

BARBARA

(a Jeronymo — junto á porta) Meu tio venha offerecer o braço a D. Josepha.

JERONYMO

(vai a ella) Minha boa senhora! *(dá o braço)* pôde apoiar-se, não receie ir abaixo... estes braços ainda estão rijos! Mana, não vêes D. Josepha?... (*)

FELICIA.

Aqui estou; aqui estou! *(conduz os convidados para a esquerda)*.

LEOCADIO

(entra e pára no limiar da porta á direita alla — vem fardado — em voz muito alta) Prompto! prompto á chamada!

BARBARA

(recuando) Ai, que susto!

LEOCADIO

(alto) O que? Sentio cheiro de polvora?

BARBARA.

Não senhor... é que... meu tio...

LEOCADIO

(alto) Heim?! Não ouvi bem!...

ALVARO

(a Jeronymo) Holá! que magnifico original! Quem é?

FELICIA

(a Leocadio) Como está, primo?

(*) Convidados, etc., Felicia, Barbara, Cypriano, Leocadio, Jeronymo e Alvaro.

LEOCADIO

(*alto*) Como peça enferrujada !... os annos começam a vir a marche-marche ! (*ri*).

JERONYMO

(*a Alvaro*) Não conhece? E' primo da minha cunhada... um brutalhão... um ferrabraz cá da terra !

ALVARO.

Mora aqui mesmo ?

JERONYMO.

Servio na guerra do Rio-Grande... veio depois para aqui ha uns pares de annos, e nunca mais arredou pé... Reformou-se por impossibilitado de servir, por causa de uma bala que o ferio...

ALVARO.

No peito ?

JERONYMO.

Não... (*aponta para as costas e sorri*).

LEOCADIO

(*a Felicia*) Isto por cá, pelo que vejo, anda em ordem de marcha regular... (*ri*) (*)

FELICIA.

Louvado Deos, assim é.

BARBARA

(*cujo vestido prende-se á espada de Leocadio*) Com licença, meu tio.

LEOCADIO

(*alto*) Heim ?

(*) Felicia, Leocadio, Barbara, Jeronymo, Alvaro, etc.

BARBARA.

E' o meu vestido. (*desembaraça o vestido ; Leocadio ao virar-se prende a espada no vestido de Felicia.*)

FELICIA.

Espere, primo.

LEOCADIO

(*alto*) Heim? o que é?

FELICIA.

Espere; não vê. (*desembaraça o vestido.*)

JERONYMO.

Talvez fosse melhor tirar a espada, Sr. Capitão.

LEOCADIO.

Nada! um soldado sem espada valle o mesmo que uma Santa Barbara vasia! (*dá uma gargalhada.*)

FELICIA.

Santa Barbara vasia! Que profanação!

BARBARA.

Foi naturalmente uma indirecta a mim, podia ter dito o nome de outra santa... Como sabe que me chamo Barbara!.. por isso...

SCENA XV.

OS MESMOS, BOTELHO, CECILIA E ALBERTO (*da esquerda alta*
— *Cecilia vem vestida de noiva.*)

FELICIA.

Ah! Finalmente chegou o senhor meu marido... (*sobe a scena com Barbara.*) (*)

BOTELHO

(*apresentando Alberto*) Sr. Timotheo, D. Maria, D. Josepha, Sr. Ataliba, meu primo o capitão Leocadio e mais senhoras, tenho a honra de lhes apresentar o meu genro o Dr. Alberto.

LEOCADIO.

Heim? Não ouvi bem!

BOTELHO

(*levantando a voz*) Estou apresentando a estes meus amigos o meu genro, o Dr. Alberto Soares.

LEOCADIO.

Ah! é este? (*põe a mão no queixo de Alberto para levantar-lhe a cara*) Exame de inspecção! (*examina a physionomia de Alberto*) Não é muito feio.... acho-o sómente um pouco pallido.... (*batendo-lhe de leve na face*) Não seja remisso ao serviço, meu camarada, faça todas as rondas, sentinellas e exercicios que estiverem na ordem do dia do quartel general do matrimonio.... Ouvio? (*dá uma risada*) Em que é que elle se occupa?

BOTELHO.

Já lhe disse que era doutor.

LEOCADIO.

Ah! elle é doutor.

ALBERTO.

Sim, senhor.

(*) Felicia, Barbara, Cecilia, Botelho, Alberto, Leocadio, Jeronymo e Alvaro, etc., etc.

LEOCADIO.

Estimo bem. Ha de curar-me do estomago.... soffro muito do estomago, é o que lhe digo, e se duvida, olhe.... (*põe a lingua de fóra.*)

JERONYMO.

Desculpe-me, capitão, o meu sobrinho não é medico.

LEOCADIO.

Pois não é doutor.

BOTELHO.

E' formado em mathematicas.... é engenheiro.... percebe?

LEOCADIO.

Vou percebendo.... faço-lhe a continencia do estylo, meu paisano, mas sinto que não me possa curar.

ALBERTO.

Admira-me que não hajão medicos por aqui!

JERONYMO.

Temos nada menos de tres.

LEOCADIO.

Tres parças, meu amigo; matão como metralha.... (*dá uma risada*) Não tenho fé nelles.... A proposito, quem é que mora agora na casa da esquina; vi uma cara nova.... bem exquisita....

ALBERTO.

E' um médico, ou cousa que o valha, recém-chegado.

JERONYMO.

Já sei, é o pedicura.

LEOCADIO

(*dando uma gargalhada*) Bem lembrado, bravo!... é uma alcunha bem posta. Rédua de tratantes! Merecião todos o mesmo nome de.... pede e cura. — E assim acontece! Primeiro *pedem* (*faz signal de dinheiro*) e *curam* depois, quando não matão. (*ri*) Mas eu é que não caio n'ella... não pago adiantado, nem á força de bayoneta! (*ri.*)

FELICIA

(*descendo d scena*) Basta, primo, vamos tratar do que é mais urgente.... assim nem amanhã teremos acabado. (*)

LEOCADIO

(*pondo a mão em continencia*) Prompto, prima!

BOTELHO.

Meus senhores e senhoras.... Pedi a palavra para fazer breves considerações (*levantão-se todos*) sobre a materia que se acha em discussão.... (*Leocadio vai a andar e faz barulho com a espada no chão ou n'uma cadeira—movimento geral*) (**)

FELICIA.

Atenção!

ALVARO.

Não interrompão o orador!

BOTELHO.

Antes porém de entrar no exame serio e profundo do....

(*) Barbara, Cecilia, Alberto, Jeronymo, Felicia, Botelho, Leocadio e Alvaro.

(**) Barbara, Cecilia, Alberto, Felicia, Alvaro, Cypriano, Jeronymo, Botelho e Leocadio.

da.... do assumpto, permittão-me que lhes signifique o meu reconhecimento pelo.... pela complascencia....

Apoiado....

CYPRIANO.

BOTELHO.

.... Que nos dispensarão comparecendo em tempo a esta sessão tão grata ao coração d'um pai que.... que.... (*mostra-se commovido.*)

FELICIA

(*tambem commovida*) Sr. Botelho.... não prosiga.... (*leva o lenço aos olhos e enxuga uma lagrima.*)

BOTELHO

(*mudando de tom*) Nunca poderei esquecer este momento ~~momento~~ de tão gratas recordações! (*os convidados murmurão*) muito bem! Sei que não tenho as habilitações necessarias....

TODOS

(*ao mesmo tempo*) Não apoiado!

LEOCADIO.

Apoiado (*passa e vai para perto da mesa á esquerda.*) (*)

FELICIA.

Isto é modestia!

BOTELHO

.... necessarias para..... para....

VICTORINA

(*na porta da direita alta*) O Sr. vigario já vem ali, perto da Matriz. (*vai-se pelo fundo — esquerda.*)

(*) Leocadio, Barbara, Cecilia, Alberto, Felicia, Alvaro, Cypriano, Jeronymo e Botelho.

ALBERTO, CECILIA, FELICIA E BOTELHO

(muito alegres) O vigario.

BARBARA

(torcendo o nariz) O vigario!

CYPRIANO

(tragicamente) O vigario, oh!

OS CONVIDADOS

(levantando-se) O vigario (*)

FELICIA

(a Botelho) Vai esperal-o na porta, meu amigo. *(Botelho sai pela esquerda alta.)*

CYPRIANO

(aparte) Na ampulheta do tempo corre agora o momento mais fatal da minha vida! E nem se quer respondeu ás minhas cartas!

BARBARA

(aparte) Quando chegará o meu dia?

FELICIA

(para o fundo, vendo Victorina entrar do fundo—esquerda) Que queres ahí, Victorina?

VICTORINA

(desce á scena e diz baixo a Felicia) Olhe que os calices não chegão.... faltão dous....

(*) Barbara, Leocadio, Cecilia, Alberto, Alvaro, Jeronymo, Felicia, Cypriano e Botelho.

FELICIA.

Já sei... Cypriano e Barbara não precisam beber vinho...
Dá-me a lista; eu arranjurei os lugares de maneira que
ninguém conheça. (*Victorina dá um papel que tira do
bolço; Felicia lança os olhos sobre elle*) Não me engano? é
uma carta para minha filha... sem assignatura e... em
verso (*lendo*) « Ah, se eu fosse um passarinho! »

VICTORINA.

Santo Deos! Enganei-me de bolso! (*sai precipitada-
mente pelo fundo—direita*).

CYPRIANO

(*aparte rapidamente*) Oh! a minha carta a Cecilia! Es'ou
perdido! (*apoiase no hombro de Jeronymo*). — **Pre-
venção.**

JERONYMO

(*furta-se, e diz rapidamente*) Arreda! que não sou es-
taca!

CYPRIANO

(*dá um passo e diz rapidamente*) Eu desfaleço! (*apoiase
nos hombros de Barbara*.)

BARBARA

(*furta-se e diz rapidamente*) Não me amarrote os la-
bados!

CYPRIANO

(*dá um passo e diz rapidamente*) Eu desmaio! (*apoiase
no hombro de Leocadio*),

LEOCADIO

(*furta-se e diz rapidamente*) Vá encostar-se no que
comeu!

Inven
Cao

CYPRIANO

(caindo n'uma cadeira d esquerda, suspira e diz lentamente) ... Eu morro!

FELICIA

(approximando-se-lhe e tirando-lhe a gravata) E' esta maldita gravata, que te enforca!

VICTORINA

(entrando pelo fundo — direita) O Sr. vigario já está no oratorio!

FELICIA.

Então, vamos todos!

LEOCADIO

(vindo ao centro — batendo no hombro de Alberto) Ah! maganão! Vais entrar em fogo... ah! tratante! (dá uma risada).

BOTELHO

(na porta do fundo) Está aberta a sessão! (todos vão-se retirando) — Execução.

fim

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



CYPRIANO.



ACTO SEGUNDO.

Gabinete de trabalho.—Porta ao fundo; portas lateraes. Sophá no 1.º plano á direita. Janella no 2.º plano á esquerda. Escrevaninha á esquerda. Mesa de trabalho no centro. A' direita uma mesinha de costura. Rôlos grandes de papel sobre a mesa. Mappas nas paredes; um relógio de parede.

SCENA I.

ALBERTO (*escrevendo*), CECILIA; (*depois*) JOSE'.

CECILIA (*).

(*entrando da direita*) Ainda! Com que afan trabalhas, meu amigo! Deve ser muito importante o que fazes!

ALBERTO.

(*voltando-se*) Ah! és tu, minha Cecilia! Entraste tão devagar que nem te ouvi os passos.

CECILIA.

Não admira! Andas tão preocupado com esses papeis! Queira Deus não venhas a adoecer; não gosto de ver-te assim, horas e horas, absorvido.

ALBERTO.

Qual! Nunca me senti tão bem disposto! Ha seis mezes que estamos na côrte; asseguro-te que, de então para cá, tenho engordado regularmente... sinto já que me vae a roupa ficando justa de mais no corpo... O trabalho não mata, pelo contrario! maximé quando é um trabalho como

(*) Alberto e Cecilia.

este, e do qual depende todo o nosso futuro... Ainda havemos de ser muito ricos, minha boa Cecilia... verás.

CECILIA.

Pois sim; mas o Sr. Alvaro não se afadiga tanto. Elle é quem sabe viver!

ALBERTO.

Cada um no seu lugar; eu entrei para a sociedade com os meus cabedaes scientificos; elle com suas relações e seu dinheiro... nada mais natural.

CECILIA.

E' por essa razão que elle apregôa por toda parte ser o chefe, a alma da empreza.

ALBERTO.

Devéras?!

CECILIA.

Estar á testa, á frente....

ALBERTO.

Como um animal que puxa uma gondola, não?

CECILIA.

(sorrindo) Bonito! Tambem já vaes aprendendo a ser má lingua!...

ALBERTO.

E' preciso que eu viva com o meu seculo! Não quero ser o unico da minha especie, uma cousa com privilegio de raridade, um fossil emfim!

(*) Cecilia e Alberto.

JOSE'.

(entra do fundo, com dous grandes ramalhetes) Aqui estão os ramalhetes, minha senhora. Agradão-lhe assim?

CECILIA.

Muito, José. Põe-nos sobre aquelle aparador. *(José obedece e sde pelo fundo.)*

ALBERTO.

~~(*entra do fundo*)~~ Holá! Temos festa por cá hoje? Que lindas flôres!

CECILIA.

Cabecinha de vento! Esqueces que damos hoje um jantar aos teus amigos?... é para enfeitar a mesa.

ALBERTO.

Tens razão; já nem me lembrava de tal! No entanto é um jantar diplomatico este! O Commendador Azevedo e o Dr. Almeida são dous personagens importantissimos e que muito podem auxiliar-nos, este patrocinando a nossa causa na imprensa — sabes que elle é redactor em chefe de uma das principaes folhas diarias?—aquelle fornecendo-nos alguns fundos, porque os de Alvaro da Cunha não bastão para que a nossa idéa possa ser realisada em grande escala.... Ah! *(examina o relógio d'algiadeira)* onze e cincoenta e dous minutos! e eu fiquei de estar em casa do Commendador Azevedo ao meio dia em ponto... Temos de conversar um pouco; viremos depois juntos até cá... Arriscaria muito os nossos interesses se faltasse a esta entrevista.

CECILIA.

Não pensemos em tal, Alberto! Para mobiliarmos esta casa e recebermos dignamente os teus e os amigos do Sr. Alvaro gastámos o pouco que tínhamos... Se esta empreza não surtisse bom effeito... ai de nós!

ALBERTO.

Não te afflijas ; confia em mim... Onde está o meu chapéo?... Eil-o... *(no fundo esquerdo)* Corro á casa do Comendador... A's tres e meia estarei de volta... Adeus. *(Sóbe a scena.)*

CECILIA (*.)

Adeus !

ALBERTO

(tornando a descer) Vê como vae o jantar... Lembra-te que temos empenho em obsequiar nossos dous hospedes... Se Alvaro vier... diz-lhe que me espere aqui e que examine aquelle ultimo mappa... O jantar é bom, não é, Cecilia ?

CECILIA.

Excellent ! Vae tranquillo por esse lado... E' um jantar para cinco pessoas muito bem escolhido...

ALBERTO.

Tanto melhor ; isto é o que se chama semear para colher. Não tenho mais tempo a perder... Adeus ! *(sóbe).*

CECILIA.

Adeus !... Escuta, Alberto ! *(Alberto pdra junto á porta)* Sabes que ha quinze dias não recebo cartas do Iguassú... Isto afflige-me tanto ! Estará alguém doente em casa ? ! Se poderes, passa pelo correio... !

ALBERTO.

Nada mais facil ; fica-me mesmo em caminho, porque vou justamente á rua Direita *(descendo a scena—(*))* Não te esqueças de recommendar a Alvaro este mappa *(pega no mappa da escrevaninha)*. Mostra-lhe esta parte pintada de encarnado... é uma modificação que fiz... soberba !... eco-

(*) Alvaro e Cecilia.

nomisámos um quinto de combustivel e o effeito é o mesmo... Examina.

CECILIA.

Não, para que?

ALBERTO.

Examina. Verás como é engenhoso... Adapto aqui o cylindro que communica por ali com...

CECILIA.

E a entrevista com o Commendador? D'est'arte não chegarás a tempo!

ALBERTO.

E' verdade... Eu parto! (*sóbe a scena*).

CECILIA.

Então, levas o mappa?

ALBERTO

(*desce a scena*) Tens razão; aqui o deixo... esta cabeça!
(*põe o mappa sobre a escrevaninha*) Até já (*sóbe a scena*).

JERONYMO

(*nos bastidores*) Não se incommode; eu vou entrando como em minha casa!

CECILIA.

Esta voz! (*abre-se a porta do fundo; Jeronymo entra quando Alberto ia sair*).



SCENA II.

OS MESMOS E JERONYMO.

JERONYMO (*). 2

(*entra do fundo esquerdo com um sacco de viagem*) Fazerem ceremonias comigo! Havia de ser engraçado... por isso vim entrando... não fiz bem?

CECILIA 3

(*abraçando-o*) Tio Jeronymo! (*Jeronymo põe o sacco no fundo d direita*).

JERONYMO

(*a Cecilia*) Adeus, Cecilia! (*desce e aperta a mão' de Alberto*) Bons dias, meu sobrinho... Bem vêem que Iguassú não fica a cem leguas da côrte... No tal caminho de ferro faz um homem a viagem enquanto o diabo esfrega um olho!

ALBERTO /

(*pondo o chapéo sobre a escrevaninha d esquerda*). Sua vinda, tão inesperada, enche-nos de alegria.

JERONYMO.

Isso sei eu; e foi por isso mesmo que vim...

CECILIA.

E papae e mamãe?

JERONYMO.

Gosão perfeita saude.

(*) Alberto, Jeronymo e Cecilia.

CECILIA.

Ainda bem. Estava tão assustada ! Ha quinze días sem noticias de casa... Nem uma carta sequer !

JERONYMO

(maliciosamente) Fica tranquilla ; hoje terás muitas noticias d'elles.

CECILIA.

Ah ! escreverão ? Já sei. Alberto, não deixes de passar pelo correio !

JERONYMO.

Sim ; não deixes de ir até ao correio ! Vae sem falta. *(passa e senta-se d esquerda).*

ALBERTO (*)

(a Cecilia, a meia voz) Bem vês que não posso sair já... teu tio poderia levar a mal.

CECILIA.

E a entrevista ?

ALBERTO.

Irei depressa ; demais, todos esperão dez minutos... Não é differença sensível.

JERONYMO.

Segredão ? Vim talvez incommodal-os.

CECILIA.

Não, meu tio ; nem é bonito de sua parte ~~me~~ pensar.

(*) Jeronymo, Alberto e Cecilia.

JERONYMO.

São modos de fallar ! Bem sei que não lhes sou pesado... quando não, já disse, não teria vindo !... Como vae, Cypriano ? Tenho estado sem noticias d'elle !... Está sempre no commercio ? Meu mano, na qualidade de tio e tutor, entende, e entende bem, que elle deve seguir a carreira commercial... Está em alguma casa bem acreditada ?

ALBERTO.

N'uma das melhores d'esta praça.

CECILIA.

Receio muito que elle se desmande. A poesia e a mania de escrever preoccupão-n'o demasiadamente.

JERONYMO.

Isso é máo ; muito máo ! A tal litteratura amena, como elle diz !! chamar — *ameno* — aquillo que elle rabisca !... Ah ! Uma novidade quero dar-lhes, uma novidade. Fiquem sabendo que Barbara anda agora com tenções de casar e que lançou suas vistas sobre... advinhem, se são capazes ? Dou cem nomes para escolherem.

CECILIA E ALBERTO.

Sobre Alvaro da Cunha.

JERONYMO

(*desapontado*) Ah ! já constava por cá ? Não penso muito como ella... o Sr. Alvaro é moço e não de todo mal apesoado... mas... acho-o soffrivelmente pedante e fallador da vida alheia !!! Põe senões em todos... que linguinha afiada !... Benza-o Deus !... Demais não me parece muito liquida a maneira pela qual conseguiu fazer fortuna... Ninguem sabe isto (*mostra a unha*) a tal respeito... Acho um tanto exquísito !

ALBERTO.

Nada lhe poderei dizer a tal respeito, mesmo porque nada consta contra Alvaro, que, pelo contrario, alimenta relações intimas com as pessoas mais gradas e conceituadas...

JERONYMO.

Isso não prova cousa alguma, visto que, quasi sempre a gente mais grada e conceituada é a que costuma ter maior rabo de palha... Quantos conheço eu!

ALBERTO.

Não duvido, nem entro na indagação de semelhante cousa. O que lhe posso affiançar é que me vou dando com elle.

JERONYMO.

Estás então satisfeito?

ALBERTO.

(*aproximando-se*). Muito satisfeito... Encarregou-me de todos os trabalhos... deixa-me o campo livre... inteiramente livre!

JERONYMO.

E isso quadra-te bem?

ALBERTO.

Por certo! Tenho mais liberdade de pensamento e de acção... E Alvaro parece estimar-nos muito. E' tão attencioso com minha mulher.

CECILIA.

Não ha duvida que elle prima pela delicadeza.

JERONYMO.

Estimo bem saber isso: já vejo que são falsos os boatos que espalharão lá por cima. Correu que estavam brigados.

Qual!

ALBERTO.

JERONYMO.

Que queres! Dizia-se sempre: quando se trata da empresa o nome de Alvaro da Cunha é o unico que apparece, o de Alberto nunca figura!

CECHIA.

Que te dásse eu? Ainda não ha muito tempo (*para Jeronymo*) repetia-lhe eu essas palavras.

ALBERTO.

Está bom... Isso é facil de remediar! Fallarei logo com Alvaro...

JERONYMO.

Quanto antes, meu Alberto; não percas tempo! Olha: os parentes são como os pepinos, devem ser torcidos desde logo!... E como vão os negocios? Sabes que se precisares de algum apoio, podes contar comigo... Estou em posição de poder prestar-te bons serviços!

ALBERTO.

Ah!

JERONYMO.

Sou membro da Auxiliadora da Industria Nacional..., n'essa qualidade estou em contacto e em commercio de amizade com pessoas influentes; por isso, se careceres...

ALBERTO.

Obrigado, meu tio, por ora vamos marchando com vento

favoravel... Temos fundos sufficientes. Quanto ao privilegio que requeremos... contamos com a protecção do Dr. Almeida, que prometteu advogar nossos interesses no seu jornal e com o commendador Azevedo que... jantão ambos connosco hoje.

JERONYMO.

Conheço muito! Ah! ah! E você faz tenção de encartar a bisca entre o perú e o champagne? Ha de ser curioso! Hei de apreciar isso ao jantar... ah, ah!

CECILIA.

Meu tio janta connosco?

JERONYMO.

Por força.

ALBERTO

(*admirado*) Ah; janta aqui?

JERONYMO.

Salvo se os incommodo...

CECILIA.

Não, senhor.

JERONYMO.

(*para Alberto*) Bem sabes que não faço parte da terrivel ninhada de parentes incommodos de que te fallei no dia do teu casamento, por isso se sou pesado...

CECILIA.

Não é isso, meu tio... como temos hoje...

JERONYMO.

O que?

ALBERTO.

Algumas pessoas de cerimonia...

JERONYMO

~~(levantando-se)~~ Entendo!... Então, que pensão? *(sorrindo)*
Julgão que... *(aponta para as ca'ças)* Estão enganados!
muito enganados! Eu vim prevenido... não lhes contei já
que sou da Auxiliadora da Industria Nacional e que vou
tomar assento amanhã?... Ora esperem um pouco... *(vae
ao sacco de viagem fundo direita).*

ALBERTO. (*)

(a Cecilia, baixo) Não ha meio de partir! O commenda-
dor Azevedo ha de estar furioso!

CECILIA.

Indo de carro... talvez...

ALBERTO.

Só se fôr a galope *(vendo que horas são.)* Meia hora
depois do meio dia! Santo Deus! Não posso esperar nem
mais meio minuto! *(sobe a scena)* (*).

JERONYMO.

(detendo-o) Venha vêr... Bem disse que estava preve-
nido... posso sentar-me á mesa, até com o rei do Grão
Mogol.... Heim? Que tal? *(mostrando uma casaca que
tirou do sacco).* E' a do primeiro premio de inhame!
Creio que já contei....

ALBERTO.

Mais de uma vez.

(*) Alberto, Cecilia e Jeronymo.

XX

JERONYMO

(olhando para a casaca) Oh! cá está uma ruga tão funda na manga... preciso escoval-a e estendel-a, isto é uma preciosidade! Querem vêr como assenta bem... E' uma luva *(veste a casaca)* Que tal? *(dá algumas voltas para mostrar a casaca)* Onde é o meu quarto?

ALBERTO.

Onde é o seu quarto?

CECILIA.

Seu quarto?

JERONYMO.

Devem imaginar que nunca me passaria pela cabeça a idéa de hospedar-me n'um hotel! Isso seria uma inconveniência, sobre ser uma prova de pouca amizade que dava a vocês!

ALBERTO

(baixo a Cecilia) E agora?

CECILIA.

(baixo) Que farei, meu Deus? *(alto)* Estou ao seu dispôr, meu tio.

ALBERTO

(baixo) Onde irá ella accomodal-o?... Safo-me d'esta vez.... Finalmente! *(No momento em que Cecilia e Jeronymo se dirigem para a direita e Alberto para o fundo, abre-se a porta).*

SCENA III.

OS MESMOS E ALVARO.

ALVARO (*). 2

(*entrando pelo fundo, vem cantarolando*) *Bonjour, maitre Corbeau, comment vous portez-vous!* Adeus, Alberto... Ah! o Sr. Jeronymo, no Rio de Janeiro.

ALBERTO /

(*d parte*) Mais este agora! Estou bem arranjado!

ALVARO (**)

(*passa — a Cecilia*) Querida prima, sempre encantadora (*baixo d parte*). Com os diabos, pensei que vinha achal-a só! (*a Jeronymo*). Que boa maré o trouxe até aqui.

JERONYMO. 3

Vim tomar assento na Auxiliadora da Industria Nacional; da qual sou membro.

ALVARO.

Agora reparo! Está até já preparado casacalmente! (*Rindo*). Essa é o *toilette* dos illustres auxiliaðores!?

JERONYMO

(*formalisado*) Depois eu lhe darei a resposta....

ALVARO.

Quando quizer... Teremos, então, o gosto de vê-lo algumas vezes por cá?

2 1 3
(*) Cecilia, Alberto e Jeronymo.

(**) Alberto, Alvaro, Jeronymo e Cecilia.

CECILIA.

Meu tio está hospedado em nossa casa.

ALVARO.

Hospedado?... Isto é o mesmo que dizer que janta conosco... hoje!

JERONYMO

(despeitado) Se o senhor não mandar o contrario....

ALVARO.

Sabe que esperamos certas pessoas.

JERONYMO.

(*á parte*) Esperamos! Falla como se estivesse em sua casa! (*a Alberto*). Este é com certeza da tal ninhada.... Cuidado com elle... (~~passa~~!)... Vamos Cecilia? (*vae buscar o sacco ao fundo*).

CECILIA (*).

Vamos, meu tio (*passa — a Alberto*). Não te esqueças da promessa!

ALBERTO (**).

Que promessa? (*passa*).

CECILIA (***)

Já te não lembrás?

ALBERTO.

Não.

(*) Alberto, Jeronymo, Alvaro e Cecilia.

(**) Alberto, Alvaro, Jeronymo e Cecilia.

(***) Alberto, Alvaro, Cecilia e Jeronymo.

CECILIA.

(apontando para Alvaro) A respeito d'elle.... O tio Jeronymo disse : que os pepinos....

ALBERTO.

Ah! Já sei. Vae descansada.

CECILIA

(a Jeronymo) Estou ás suas ordens (*dirige-se d direita.*)

JERONYMO (*)

(a Alvaro *descendo d esquerda*) Divirta-se muito... (e Alberto) Olha a ninhada! (*passa — a Cecilia*). Vamos. (*Jeronymo e Cecilia saem pela direita*).

SCENA IV.

ALVARO E ALBERTO.

ALVARO

(*senta-se n'uma cadeira no 1.º plano d esquerda, como quem estd a cavallo*). Que ratazana que é este tio Jeronymo, meu bom Alberto.

ALBERTO

(*dirigindo-se resolutamente a Alvaro*) Sr. Alvaro... eu...

ALVARO.

Que infeliz lembrança foi essa que tiveste de convidar o Sr. Jeronymo para um jantar... como o que vamos ter d'aqui a alguns minutos... um jantar de etiqueta?!

(*) Alvaro, Alberto, Cecilia e Jeronymo.

ALBERTO.

Em primeiro lugar, não convidei; em segundo é um parente que...

ALVARO.

Qual parente!

ALBERTO.

Como? Pois não é elle tio de minha mulher?

ALVARO.

Parentes são só aquelles que nos podem ser uteis.

ALBERTO.

Oh!

ALVARO.

Não temos oh! nem ah!... Emfim mal sem remedio, remediado está!... Arranjem-se como puderem! com isso não me importo eu... Como está cheiroso o teu gabinete hoje!! (*como quem cheira*) Excelente aroma! E' frangipany?

ALBERTO.

Não; são aquellas flôres para a mesa de jantar...

ALVARO

(*olhando para as flôres*) Não as tinha visto ainda! Lindos ramalhetes... (*passa — ~~levantando-se a~~ Alvo.*)... Uma idéa felicissima!!... Reune aquellas flôres em um só feixe... formaráo um ramalhete monstro!... põe-n'o no fim da mesa... (*rindo*) e ataca teu tio atraz d'elle... Ficarâ assim n'uma especie de carramanchão! Ninguem poderá vê-lo.

ALBERTO.

Sr. Alvaro!

ALVARO.

E separa bem as flôres, de maneira que occultem toda a

veronica do tio Jeronymo e, se possivel fór, até a celeberrima casaca dos inhames!... Fallemos sério! Dei as ordens precisas para que não nos viessem interromper. Acabaste o relatorio para o ministro?

ALBERTO.

Está prompto... Eil-o (*Alv. A.*) (*Alvaro passa e senta-se á esquerda, — e enquanto elle está na escrevaninha lendo o relatorio... Alberto a meia voz diz*)... Será talvez esta a melhor occasião para fallar-lhe...

ALVARO /

(*lendo*) Muito bem, muito bem!

ALBERTO 2

(*meia voz*) Já que minha mulher o deseja!

ALVARO

(*lendo*) Está muito bem elaborado!

ALBERTO

(*a meia voz*) Parece estar de bom humor... arrisque-mo-nos... (*alto*) Eu desejava...

ALVARO.

O que?

ALBERTO

(*d parte*) A cousa é mais difficil do que parecia de longe... com os diabos! (*alto*) Eu desejava...

ALVARO

(*voltando-se para Alberto*) O que?

ALBERTO

(*com acanhamento*) A idéa não é minha !... Foi meu tio quem...

ALVARO.

Que quer teu tio?

ALBERTO.

Consta... diz-se pela bôcca pequena...

ALVARO.

O que ?

ALBERTO.

Pois não sabe?... Hade saber por força !... Todos achão...

ALVARO.

O que é que todos achão?

ALBERTO.

Que o meu nome não figura...

ALVARO.

Ondo?

ALBERTO.

Na empresa... Se fosse possível... de vez em quando... pôr o meu ao lado do seu nome...

ALVARO

(*levantando-se*) Como, Sr. Alberto? Da parte de um primo... é indesculpavel !...

ALBERTO

(*d parte*) Fui muito longe... já vejo !

ALVARO

Eu que tanto tenho feito, e que tenciono fazer ainda tanto pelo senhor.

ALBERTO.

Ainda?

ALVARO.

E' demais !...

ALBERTO

(a meia voz) Adeus, minhas encommendas ! Feri as susceptibilidades do homem !...

ALVARO.

Não viu as minhas ultimas circulares aos fazendeiros da Provincia do Rio ?

ALBERTO.

Não.

ALVARO.

E' por isso. Pois fique sabendo que n'ellas o seu nome figura logo abaixo do meu...

ALBERTO.

Logo abaixo?

ALVARO.

Em letras bem visiveis !

ALBERTO.

Em letras bem visiveis ?

ALVARO.

Um pouco menores do que as do meu nome ; mas de bem bom tamanho.

ALBERTO.

De bem bom tamanho?... Ah primo; quanto é amavel! obrigado! (*aperta-lhe a mão*).

ALVARO

(*indo á escrevaninha onde está o relatorio*) Não sou d'aquelles que especulão com os outros... Quem quizer ser franco e lhano hade parecer-se comigo. Esta é que é a verdade núa e crúa!

ALBERTO.

Como fui injusto!

ALVARO.

Onde está a penna?... Quero assignar este relatorio...

ALBERTO.

Como? Quem assigna?

ALVARO.

Sou eu, na qualidade de socio e gerente.

ALBERTO.

Mas...

ALVARO.

E' a praxe...

ALBERTO

(*dirigindo-se para a escrevaninha — passa*) (*).
Ah! se é a praxe seguida...

ALVARO. 2

Onde está a penna?

ALBERTO. 1

Eil-a.

(*) Alberto e Alvaro.

ALVARO.

Obrigado.

ALBERTO

(*descendo a scena e d parte*) Ninguém dirá que não provei energia ! Fallei sem rebuço.

ALVARO (*). /

Homem, esta ! (*atirando a penna*) Tinta encarnada ! Estraguei o relatorio... Que atrazo !

ALBERTO. 2

Que foi ?

ALVARO.

Pois, não vês ? A tinta é vermelha.

ALBERTO.

Que tem isso ?

ALVARO.

Que tem isso ? Julgas que vou entregar ao ministro um relatorio escripto com tinta preta e com a assignatura escarlate, como se fosse um missal ?

ALBERTO.

E agora ?

ALVARO

(*levanta-se*) Agora, meu caro, não tens outro remedio senão fazer outra copia... são só cinco folhas !

ALBERTO.

Que massada !

(*) Alvaro e Alberto.

ALVARO.

Não percas tempo. Começa já.

ALBERTO.

É impossível... É o Commendador Azevedo? Tenho uma entrevista ao meio dia.

ALVARO.

E ainda estás aqui? Isto é vontade firme de inutilisar todos os passos que tenho dado! com effeito... és unico no teu genero!!!... Anda; vac já... já...

ALBERTO /

(*indo buscar o chapéo*) D'aquí a cinco minutos lá estarei; vou correndo. (*Sobe a scena*).

CYPRIANO

(*nos bastidores*) Não ha tal! elle está em casa com certeza!... Estas ordens não são para mim... Com todos os diabos! Eu sou parente... ouviu?

ALBERTO.

Cypriano! Se eu pudesse escapar sem que elle me visse!
(*quer sair; encontra-se com Cypriano*).

SCENA V.

OS MESMOS E CYPRIANO.

CYPRIANO (*).

(*entra do fundo — toilette alvadia*) *Salutem plurimam!*
Como estás, primo?

(*) Alvaro, Cecilia e Alberto.

1 2 3

ALBERTO.

Sinto profundamente... mas preciso sair, meu Cypriano... desculpa-me.

CYPRIANO

(*detendo-o*) Espera um pouco... Tenho quatro palavras a dizer-te. . nada mais.

ALBERTO.

N'esse caso... se são quatro palavras sómente... mas, anda depressa; preciso estar de volta ás cinco horas... alguns amigos jantão comosco... e...

CYPRIANO.

Ah; jantão?... Dou-me por convidado ..

ALBERTO.

Porém...

ALVARO

(*levantando-se*) E' de uma indiscrição !!

CYPRIANO.

Acho-o muito gaiato ! Entende que sou indiscreto... como se estivesse em sua casa... Tire o seu cavallo da chuva ! !... (*passa e sobe*).

ALVARO (*).

Um jantar de etiqueta !...

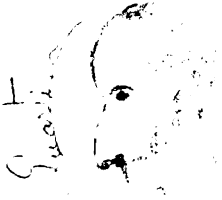
ALBERTO

(*a Alvaro*) Pomos-lhe tambem umas flôres adiante... que diz ?

(*) Alvaro, Cecilia e Alberto.



CECILIA.



ALVARO.

Que os diabos os carreguem a todos !... estes Botelhos !... O Pedro Botelho que tem a caldeira no inferno... foi por força parente d'esta gente. (*Vae buscar o chapéo no fundo*). (*)

ALBERTO. 1

Vae-se embora?

ALVARO. 2

Vou tomar ar.

CYPRIANO. 3

Ou agua? Leve um chapéo de chuva se não quer molhar a pelle... Está choviscando ! (*examinando o chapéo de chuva*). Vê, como está ensopado? Meu pobre chapéo novo... E' de dezeseis varetas ! (*põe o chapéo de sol sobre a mesa do meio*).

ALBERTO

(*agoniado*) Que fazes, Cypriano? ! Tira o chapéo d'ahi... estás molhando minhas plantas !

CYPRIANO.

Estou molhando as tuas plantas?

ALBERTO

(*tirando o chapéo*) Sim !

CYPRIANO.

Tanto melhor ; as plantas devem ser regadas (*ri*). Isto é velho ! (*toma o chapéo da mão de Alberto ; abre-o e põe-n'o no fundo esquerda*).

ALVARO (**).

(*a Alberto*) Vamos ter um jantar curioso !... Volto d'aqui a pouco... Até já...

(*) Alberto, Alvaro e Cecilia.

(**) Cecilia, Alberto e Alvaro.

E a chuva?

ALBERTO.

ALVARO.

Vou de tilbury. Adeus! (*sae*).

CYPRIANO

(*em ar de mófa*) Lembranças a todos! (*passa á direita*).

ALBERTO

(*na porta, gritando para fóra*) Não se afflija!... Ponho-lhe dous ramalhetes na frente! bem na frente!...

SCENA VI.

CYPRIANO E ALBERTO.

ALBERTO (*).

(*descendo*) Contempla a tua obra! Elle está furioso!

CYPRIANO.

Que tenho eu com isso? !... E' boa! Elle é tão implícante!... Mas vamos ao que serve... e já que estás com pressa...

ALBERTO.

Com muita pressa... avia-te, quanto antes.

CYPRIANO.

✕ Inutil é dizer-te que não nasci para a vida dos algarismos (*senta-se á direita*). Nasci poeta... os poetas nascem, não se fazem... Desde a mais tenra idade provei para quanto valia...

(*) Alberto e Cecilia.

ALBERTO.

Não espases muito a conclusão, pelo amor de Deus!

CYPRIANO.

Sabes que o meu tutor quer obrigar-me a seguir a carreira commercial... Ora eu, que nasci poeta e litterato, não posso vegetar á sombra de um balcão de armazem, entre o livro de amostras e o covado... Covado! instrumento de ignominia! estas mãos, que nascêrão para brandir a penna, não se hão de calejar com o teu contacto; oh! não! O meu covado é a intelligencia; a minha firma social é a crença politica, a defesa da bandeira sob a qual me alistei e pela qual pugnarei até morrer!

ALBERTO.

Que destempero é esse! De que bandeira estás tu falando?

CYPRIANO.

Da bandeira do progresso!... Pertenço ao partido liberal.

ALBERTO.

Ah!... E que fazes agora?

CYPRIANO.

Versos e artigos litterarios.... nas horas vagas.... nas outras escrevo sobre politica.

ALBERTO.

Devéras? Estás arvorado em jornalista?

CYPRIANO

(pretenciosamente) Sim, senhor!

ALBERTO.

Ora vejaõ! Pensei que para ser litterato e jornalista, para escrever emfim, era mister ter feito certos estudos especiaes!... Não quero com isto dizer-te cousas menos lisonjeiras; porém, francamente, nunca fizeste brilhante figura no collegio e, sabe Deus, quanto nos custou a tua approvaõ no exame de latim!

CYPRIANO.

Tanto melhor, meu primo! isto prova que posso vir a ser ainda um cidadão muito notavel. (*com emphase*). « Em « toda a minha vida academica, nunca me conspurquei com um — plenamente!... » São palavras do grande estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos!

ALBERTO.

(*sorrindo*) Como estás eloquente! Mas onde é que escreves? Ainda não vi teu nome em letra redonda.

CYPRIANO.

Oh! estas cousas não se fazem assim... E' preciso muito tino! Sirvo-me por ora de um pseudonimo... Conheces o celebre auctor do *Timandra*?... Foi como elle começou... Meus artigos são assignados a espada de Damócles.

ALBERTO.

Damócles... se me faz favor.

CYPRIANO.

Os auctores discordão... *auctores utraque trahunt*... isto é latim genuino... Os meus artigos começam a celebrar-se...

ALBERTO

(*impaciente*) Prometteste-me ser breve... e estás com umas divagações!

CYPRIANO.

Entro no amago do assumpto... Nas minhas horas vagas lancei sobre o papel algumas poesias ligeiras, repassadas de lyrismo, que hão de espancar a fama do Garret, autor das *Folhas caídas*, e até a do nosso Gonçalves Dias...

ALBERTO.

Que tenho eu com isso ? !

CYPRIANO.

Tem obrigação de servir-me ! Não sou eu seu primo ?

ALBERTO.

Servir, como ?

CYPRIANO.

Falando com o Dr. Almeida, redactor em chefe...

ALBERTO.

Estás louco ! ? Elle tem muito que fazer, não pôde occupar-se contigo.

CYPRIANO.

Já me entendi com elle...

ALBERTO

(aterrado) Que dizes ?

CYPRIANO

(levantando-se). Antehontem, passando em frente ao seu escriptorio... tive uma inspiração... tirei da carteira um bilhete de visita, escrevi por baixo estas simples palavras « primo do Dr. Alberto Soares »... e mandei.

ALBERTO.

Queres por força perder-me?... Com effeito!!!

CYPRIANO

(*retendo-o e tirando-lhe o chapéo das mãos, o qual põe na cadeira de onde se levantou*). Perder-te? Essa é galante!... Pelo contrario! O Dr. Almeida mandou-me entrar e perguntou cortezmente o que eu queria... Sentei-me a seu lado e lhe disse: digne-se de ouvir-me primeiro... Tirei, então, do bolso um manuscrito. e comecei a ler:

« Ai, se eu fosse um passavinho!
« Eu quizera no teu ninho
« Ir soffrer! »

ALBERTO.

Soffreu elle esta massada toda?

CYPRIANO.

Massada? !... Infelizmente o Dr. Almeida disse que tinha muito que fazer e... saiu.

ALBERTO.

E' tambem o que passo a fazer! (*pegu no chapéo, e vae a sair correndo*) (*).

FELICIA

(*nos bastidores*) Meu genro! minha filha! (*abre-se a porta e apparece Felicia, quando Alberto já sair*).

ALBERTO.

(*aniquilado*) Oh! meu Deus! Ahi vem o Iguassú em pezo!!

*) Cecilia e Alberto.

SCENA VII.

OS MESMOS, FELICIA, BOTELHO, BARBARA E VICTORINA, UMA MULATA E UM MOLEQUE (*entrão pelo fundo, com pequenos intervallos, um depois do outro, de sorte que quando Felicia acaba de abraçar Alberto, apparece Botelho na porta, e assim por diante, etc.*)

FELICIA (*).

(*abraçando Alberto*) Alberto (*passa*).

BOTELHO

(*idem*) Alberto ! (*passa*).

BARBARA (**).

(*idem*) Alberto !

VICTORINA (***)

(*traz no braço direito um cachorrinho branco felpudo, e na esquerda duas caixas de chapéo*) Sr. Alberto.

Abença !

MULATA.

MOLEQUE

(*muito alto*) Bença !!

ALBERTO

(*contrariado*) Deus te ajude !

FELICIA

(*a Cypriano*) Como estás, pecurruxo ? (*abraça-o — Botelho tambem*).

(*) Cecilia, Felicia e Alberto.

(**) Cecilia, Botelho, Alberto e Felicia.

(***) Cecilia, Barbara, Alberto, Botelho e Felicia.

ALBERTO (*).

Não veio mais ninguém (Cypriano, depois de cumprimentar Botelho, vai a Barbara. — Victorina põe as duas caixas de chapéu no fundo á direita; a mulata uma folha de flandres e um cesto pequeno; o moleque uma mala e um jacaz).

FELICIA.

E Cecilia? Onde está Cecilia?

BOTELHO.

Onde está nossa filha?

SCENA VIII (*). †

OS MESMOS, CECILIA E JERONYMO.

CECILIA

(vindo da direita e indo ao encontro de Felicia) Mamãe!
(abração-se).

FELICIA (**).

Minha filha (*idem* — *passa*).

BARBARA.

Maninha! (*idem*).

BOTELHO (***)

Meu coração! (*idem*).

VICTORINA.

Sinha moça!

(*) Felicia, Botelho, Cecilia, Barbara e Alberto.

(**) Felicia, Botelho, Cypriano, Barbara, Cecilia, Alberto e Jeronymo.

(***) Botelho, Felicia, Cecilia, Cypriano, Barbara, Alberto e Jeronymo.

MULATA E MOLEQUE

(ao mesmo tempo) Abença !

CECILIA.

Adeus, Joanna ; como estás, Pedro ?

JERONYMO.

Heim ? E' preciso confessar que guardei bem o segredo...
Eu cá sou assim !

ALBERTO.

Pois, sabia ?

JERONYMO.

Se sabia ! Quando te disse que fosses ao correio buscar
as cartas... Lembras-te ? (*sorrindo e dando-lhe de leve um
empunção*) Era para te pregar uma peça ! (*sóbe*).

ALBERTO.

Ah ! sim ! (*a parte*) E o commendador que me espera !
Que lhe direi eu ? !

JERONYMO (*).

(*vendo Cypriano*) Cypriano, estás ahi, meu taréco ?
Como vaes ? (*passa d esquerda, onde se senta*).

CYPRIANO

(*contrariado — desce*) Vou a pé, que é mais barato !...
Aquella chama-me pecurruxo, este chama-me taréco... a
um poeta ! Que gente prosaica !... Não posso estar mais
com elles ! (*sóbe a scena — a Cecilia*) Minha prima !

CECILIA.

Passe bem, primo.

(*) Botelho, Cecilia, Felicia, Barbara, Cypriano, Alberto e
Jeronymo.

CYPRIANO.

Que frieza; que indiferença (*sde pelo fundo*).

SCENA IX.

OS MESMOS, MENOS CYPRIANO.

ALBERTO

(*que procura sair, desde o começo da scena subsequente, é retido por Felicia que se encaminha para o sophá*).

FELICIA.

Então, estão muito alegres? Foi uma surpresa que quizesmos fazer!

CECILIA (*).

Minha boa mãe (*sentão-se*).

BOTELHO (**).

Sem transpirar, caímos aqui inesperadamente, como o maná no deserto.

ALBERTO

(*visivelmente contrariado — d parte*) Como o maná!

FELICIA.

Primo Leocadio também queria vir... mas não pôde... por causa do estomago... Foi uma pena!

CECILIA.

De certo.

(*) Botelho, Barbara, Cecilia, Felicia, Cypriano, Jeronymo e Alberto.

(**) Jeronymo, Barbara na janella, Botelho, Cecilia, Felicia e Alberto.

ALBERTO

(*d parte*) Felizmente para nós. Não faltava mais nada!

BOTELHO

(*a Cecilia*) Trazemos-te algumas lembranças de Iguassú.

FELICIA.

Vem vêr, minha filha. (*Felicia, Cecilia e Botelho sobem á scena — Victorina examina os papeis da mesa do meio*).

BARBARA

(*baixo a Alberto no 1.º plano*) E elle?

ALBERTO.

O Commendador Azevedo?

BARBARA.

Não, o Sr. Alvaro.

ALBERTO.

Alvaro?... Está bem, obrigado.

BARBARA.

E quando terá lugar...?

ALBERTO.

O que?

BARBARA.

Ora... esqueceu-se?

ALBERTO.

Não entendo.

BARBARA.

Quando é que elle pede?

ALBERTO

(distraindo) Pede?

BARBARA.

Sim... aquillo que eu lhe escrevi...

ALBERTO.

Que me escreveu?

BARBARA.

Não se lembra? Quando é que elle quer a minha mão!

ALBERTO.

Não sei; elle já tem duas... creio que é quanto lhe basta.

BARBARA.

A minha mão em casamento, percebe?

ALBERTO.

(como despertando) Agora percebo!

BARBARA (*)

Então?

JERONYMO

(aproximando-se-lhes) O que é que estão cochichando
ahi?

BARBARA.

Nada, tio Jeronymo. *(baixo a Alberto)* Não seja indiscreto!! *(sóbe a scena e se aproxima de Felicia que vem descendo com Cecilia e Botelho).*

(*) Jeronymo, Barbara, Alberto, Felicia, Cecilia e Botelho.

FELICIA (*).

· N'este samburá quatro duzias de ovos, muito fresquinhos... e no jacaz duzia e meia de gallinhas, bem gordas... Já vês que não me esqueci de vocês !

CECILIA.

Obrigada, minha mãe... Joanna leva estes ovos lá para dentro... Pedro, solta as gallinhas no páteo... (*os pretos vão-se pela direita*) Não quer vir tomar alguma cousa, papae?

BOTELHO.

De bom grado ! Até porque estou com os pés molhados...

FELICIA (**).

Tambem eu tenho a manteleta tão humida !... Estará chovendo ainda ? (*chega á janella esquerda*) Holá ! Que bom achado ! Aqui está justamente uma cordinha na janella ; parece que foi posta de proposito para estender a minha manteleta até enxugar ! (*tira a manteleta*)... Mas pozerão-na tão alto ! ?... Não chego... vem ajudar-me, Botelho... com a ponta da bengala... talvez...

ALBERTO

(*rindo — Jeronymo passa á direita e senta-se*) Qual cordinha ! Isto é o fio do telegrapho electrico...

FELICIA (***)

(*recuando com susto — Barbara senta-se á esquerda*). O que ?... electrico ? De que escapei eu... quasi que puz a

(*) Jeronymo, Barbara, Alberto, Botelho no sofá, Cecilia e Felicia.

(**) Jeronymo, Alberto, Barbara, Felicia, Cecilia e Botelho.

(***) Felicia, Jeronymo, Alberto, Barbara, Cecilia e Botelho.

mão em cima. Também que gosto de ter estas cousas aqui na janella da rua!!! Qualquer descuido!

CECILIA.

Não faz mal nenhum.

FELICIA.

Nenhum? E' porque te não lembras; eras muito criança ainda... Teu pae tambem teve um... electrico. Era um peixe... Quando a gente punha o dedo em cima... levava um safanão!!... (*imita*).

JERONYMO.

(*ri*) Que cousa curiosa!

FELICIA.

E o peixe ora pequenino *assim* (*faz o gesto*)... quanto é tão comprido!... Deus me livre! (*a Botelho que ia chegar mais isto que d janella*) Sáia, sáia d'ahi, Sr. Botelho. Não facilite! Vamos para dentro, é melhor.

BOTELHO.

Vamos. Sinto um resfriamento nos pés... preciso tomar alguma cousa quente.

ALBERTO

(*a parte*) Feliz idéa! (*alto*) Não se incommodem... cu vou buscar (*vae sair*).

VICTORINA

(*detendo-o no fundo*) Pois não, Sr. Alberto, cada um cumpre com os seus deveres! A mim é que toca ir á copa buscar a garrafa. (*sae pelo fundo direita*).

ALBERTO

(*desanimado*) Ainda não é d'esta vez!

SCENA X.

OS MESMOS MENOS VICTORINA.

ALBERTO

(depois de uma pausa, a Jeronymo) Ora, dê no que dér!
Não espero mais! *(Dirige-se para a porta).*

JERONYMO.

Gabo a tua paciencia! Como podes aturar esta sucia?!

BOTELHO (*)

(detendo Alberto) Sabes, meu genro, que faço tenção de
ficar na côrte, ahi... uns cinco ou seis mezes?!

ALBERTO.

Deveras?

FELICIA.

Queremos assistir ao Carnaval, ás festas da semana sancta.

BOTELHO.

E ás sessões da assembléa geral legislativa.

JERONYMO.

Talvez fosse mais prudente vir morar definitivamente
aqui...

BARBARA.

Essa felicidade não é para nós!

FELICIA.

Quem sabe, menina? O mundo dá tantas voltas! Não é

(*) Barbara, Cecilia, Botelho, Felicia, Alberto, Victorina e Jeronymo.

verdade, Sr. Botelho, que o mundo dá muitas voltas?... Por isso pôde bem acontecer que...

BOTELHO.

Por certo.

JERONYMO.

(a Alberto) Pobre moço !

BOTELHO.

Tanto mais que tenciono publicar, em folheto, todos os meus discursos, proferidos na assembléa provincial, durante os dez annos... Sou deputado ha dez annos !... tenho pronunciado mais de quinhentos discursos ! Este folheto ha de ser o monumento da familia... verã ! (*Victorina entra pelo fundo direita, trazendo uma bandeja com côpos, um assu-careiro e uma garrafa, que põe sobre a mesa do meio*).

FELICIA.

Não contando os apartes... meu marido gosta muito de dar apartes !

BOTELHO.

Para esta publicação, conto contigo, Alberto... Preciso de um edictor, que seja razoavel nos preços ; has de me arranjar isso...

ALBERTO.

Com todo o gosto... Posso até ir já... (*sobe d scena*).

BOTELHO.

Não tenho tanta pressa, basta amanhã. (*vae á bandeja e prepara um côpo de limonada*).

FELICIA (*)

(*detendo-o*) Olhe, meu genro ; tenciono ir visitar amanhã

(*) Barbara, Cecilia, Felicia, Botelho, Alberto e Jeronymo.

o Passeio Publico... tenho uma vontade de vêr o tão decantado peixe-boi... ~~por causa dos chifres~~!! Deve ser muito extravagante!... O senhor ha de acompanhar-me, ouvio?

ALBERTO.

Ouvi. (*d parte*) Elevarão-me á cathegoria de *ciceroni*!

JERONYMO

(*levantando-se — piscando o olho a Alberto — baixo*) Heim? Que me diz á ninhada do teu sogro? Eu bem te preveni!... (*vae beber.*)

ALBERTO.

(*a Felicia — Barbara vae d janella — Cecilia desce*) Se quer podemos ir já... (*quer sair*).

FELICIA (*).

Nada; isso não. Já começa a ser hora de jantar... A que horas jantão vocês aqui? (*sóbe d mesa do meio*).

ALBERTO.

(*d parte*) Jantão comnosco! Mas eu não tenho vasos de flôres para tanta gente! (*a Cecilia*) Que dirá Alvaro?! Ha de bufar de raiva!

CECILIA

(*a Alberto, baixo*) Então falaste?

ALBERTO.

(*idem*) Com o Commendador?... se ainda não pude sair.

CECILIA

(*idem*) Não, com Alvaro.

(*) Barbara, Cecilia, Botelho, Felicia, Alberto e Jeronymo.

(idem) Falei.

ALBERTO.

CECILIA.

E que disse elle a respeito (*Felicia vem chegando a Alberto*) Sabes os pepinos?...

ALBERTO.

Saberás logo ao jantar.

FELICIA

(*batendo no hombro de Alberto*) Ah! temos salada de pepinos ao jantar?... E' gostoso... mas tão indigesto! Conversa tanto com a gente!

JERONYMO

(*no centro da scena*) Ha um meio infallivel de comer pepinos sem risco de indigestão... E' uma descoberta minha... (*Barbara, Felicia, Cecilia, Alberto e Victorina aproximão-se de Jeronymo*).

FELICIA (*).

Qual é, mano? Ensine-me.... eu gosto tanto de pepinos!

JERONYMO

(*em tom dogmatico*) Descascão-se muito! em os pepinos... deitão-se n'um prato com algum sal...

FELICIA.

E' como eu faço!

JERONYMO

(*idem*) E prepara-se em outro prato um molho, misturando azeite com vinagre, cumentro, pimenta do reino, mos-

(*) Barbara, Botelho, Jeronymo, Felicia, Cecilia e Alberto.

tarda franceza, um raminho de hortelã e salsa bem picadinha...

BOTELHO.

Ah! (*aproxima-se*).

JERONYMO

(*idem*) Vasa-se a agua de sal do prato onde estão os pepinos e...

FELICIA.

E mergulhão-se os pepinos no mólho que se preparou. Tal qual como eu faço!

JERONYMO

(*idem*) Depois (*movimento de attenção no auditorio*) ... depois de bem misturados, no mólho, pega-se no prato e... atirão-se os pepinos dentro do gallinheiro...

TODOS

(*à uma*) Oh!

JERONYMO

(*idem*) Em cinco minutos as gallinhas comem tudo....

BARBARA.

Boa duvida!

JERONYMO

(*idem*) E no mesmo dia (*movimento de attenção*) comem-se as gallinhas e ninguem se queixa de indigestão!... E' um meio...

BOTELHO E ALBERTO

(*rindo*)... infallivel!

FELICIA.

Hei de experimental-o brevemente... Cecilia, vamos até o meu quarto...

CECILIA

(admirada) O seu quarto.

ALBERTO

O seu quarto ?

JERONYMO

(a Alberto) Heim ? Aguenta ; eu bem te preveni ! Esta gente é de uma sem-ceremonia de pasmar !

FELICIA.

Não poderiam supôr que lhe fizessemos a desfeita de...

ALBERTO

(a meia voz a Jeronymo)... se irem hospedar n'um hotel... Já conheço ; já sei de cór essa cantiga !

JERONYMO.

Que gente indiscreta !

FELICIA.

Por em quanto, minha Cecilia, basta que me leves até o teu quarto... preciso arranjar-me um pouco.

CECILIA

(mostrando a porta da direita) Por aqui, mamãe... Lá dentro encontrará todos os arranjos necessários *(a Alberto)*. O Commendador está á tua espera, meu Alberto, anda, vae já ! *(encaminha-se para o fundo.)*

ALBERTO.

Como ? Como é que hei de sair agora ?

BOTELHO

(*descendo a Alberto*) Não se incommode, meu genro ; se tem que sair, saia ; hoje não preciso de nada ; amanhã sim. (*Sae pela direita — Alberto vai buscar o chapéo no fundo á direita*).

FELICIA

(*a Alberto — na passagem*) Amanhã ! (*vae entrar á direita*).

BARBARA

(*a Alberto — meia voz*) Amanhã... caluda ! (*vae entrar á direita*).

JERONYMO

(*indo para o meio da scena*) Gósto de vê-los ! E se elle tiver que fazer amanhã... São impagaveis estes parentes ! Dir-se-hia que Alberto nada mais tem em que se occupar, senão em suas senhorias !

FELICIA

(*descendo e contrafazendo a voz de Jeronymo*) Não sabe que é meu genro !... Um genro tem certas obrigações para com sua sogra... ouviu ? (*sae pela direita*).

BARBARA

(*a Alberto a meia voz*) Caluda. (*sae pela direita*).

SCENA XI.

JERONYMO, ALBERTO, depois CECILIA.

JERONYMO.

Qual ? Isto não é gente !... é uma sucia de sanguessugas, que vivem da paciencia alheia... E' preciso vêr para crêr ! (*a Alberto*) Anda, meu sobrinho ; não te incommodes por minha causa... cura dos teus negocios.

ALBERTO.

Sim, meu tio. Eu vou ; até logo. (*vae sair*).

JERONYMO.

Onde é que vaes ?

ALBERTO.

A' rua Direita, canto da de S. Pedro.

JERONYMO.

Canto da de S. Pedro ! ? Nem que fosse de proposito !
N'esse caso faz-me o favor de chegar á casa do Secretario
da Auxiliadora... dir-lhe-has que estou hospedado aqui...
e que o espero... Temos que conversar...

ALBERTO.

Onde mora elle ?

JERONYMO.

Na mesma rua de S. Pedro...

ALBERTO.

Ainda bem ! E o numero ?

JERONYMO.

O numero ? Não sei... ah ; tenho aqui o seu endereço
n'um cartão de visita... toma-o.

ALBERTO.

(*lendo*) Proximo ao campo de Sant'Anna. (*d parte*) E eu
tenho de ir ao canto da rua Direita... De um pólo ao outro !
Emfim ?...

JERONYMO.

D'ante mão. te agradeço ; adeus, Alberto. (*sae pela
direita*).

ALBERTO.

Estou finalmente livre!!! Graças á Divina Providencia!
(*dirige-se para o fundo quasi a correr*).

CECILIA

(*apparecendo na porta da direita*) Alberto! meu amigo.

ALBERTO (*).

(*pára, sem virar-se — com medo*) O que é?... Quem é
que me chama?

CECILIA.

Eu, meu Alberto.

ALBERTO.

(*virando-se*) Ah! és tu! Que susto me fizeste!... Pen-
sei que era alguém!

CECILIA.

Que modos são estes! Que tens!

ALBERTO.

Tenho muita pressa; não vês? Anda, fala sem detença.

CECILIA.

Vinha sómente pedir-te para não vires muito tarde....
Lembra-te que não devemos fazer esperar os nossos con-
vidados.

ALBERTO.

(*saindo apressado pelo fundo*) Já sei; já sei!

(*) Alberto e Cecilia.

SCENA XII.

CECILIA e depois JOSE' e ALVARO.

CECILIA

(*sentando-se na escrevaninha d esquerda*) Coitado do meu Alberto! Se elle soubesse em que apuros me vejo! Preparar um jantar para cinco e, quando menos esperava, vêr chegar dez pessoas! e pessoas que devem ser bem tratadas! Pessoas, enfim, a quem devemos obsequiar, porque d'ellas depende todo o nosso fu'uro! (*escreve*) E logo á noite! ? Onde accomodarei eu tanta gente.... Na roça pensa-se que as casas da côrte são de borracha!

JOSE'

(*entrando pelo fundo esquerdo*) O Sr. Alvaro está ahi.

CECILIA.

Espera um pouco, José (*escreve*)... diz-lhe que entre. (*José sae*) Creio que bastará o que mando buscar... Ah, sim! (*escreve*) Agora ficará o jantar completo.

ALVARO

(*entrando pelo fundo esquerdo, seguido de José*) Encantadora prima!

CECILIA (*)

(*cumprimenta*) Dá-me licença, primo?

ALVARO.

E porque não! ? (*passa — d parte*) Está só... d'esta vez... preciso ganhar terreno.

(*) Cecilia, José e Alvaro.



JERONYMO BOTELHO.

CECILIA (*)

(dá um papel a José) Manda o criado á confeitaria do braço de ouro... buscar duas empadas *(a Alvaro)* E' o *refugium peccatorum*; quando uma familia da côrte recebe inesperadamente pessoas para jantar... manda buscar empadas do *Castaignier*... Não se ria de mim! Esta moda, aprendi-a eu com as suas patricias! *(a José)* Depois que vá á rua Direita comprar algumas fructas e oito libras de géllo... Depressa.

JOSE'.

Sim, minha senhora *(sae pelo fundo direita)*.

SCENA XIII.

ALVARO, CECILIA, depois CYPRIANO.

ALVARO.

Com effeito... Nem me lembrava que teve um augmento no pessoal; o Sr. Jeronymo e Cypriano... dous estomagos de aço!

CECILIA.

E papai?

ALVARO.

Devéras? seu pai?

CECILIA.

E mamãe.

ALVARO.

Tambem?!

CECILIA.

E Barbara.

ALVARO.

Vierão todos!?!

CECILIA.

Chegarão, haverá uma hora.

(*) Alvaro, Cecilia e José.

ALVARO.

E jantão?

CECILIA.

Na roça é costume jantar todos os dias.

ALVARO

(contrariado) Como hade ser divertido... O Commendador e o Dr. Almeida hão de dar um solemne cavaco.

CECILIA.

(abaixando os olhos) Sr. Alvaro! *(senta-se á direita á bordar.)*

ALVARO.

(mudando de tom) Perdão minha prima! perdão! *(a parte)* Cuidado! E' preciso não entornar o caldo agora! Não vim aqui para molesta-la... Pelo contrario! E' este o momento propicio... devo ser mais amavel do que nunca... Eia á obra! *(alto)* Minha adoravel prima! *(toma uma cadeira e senta-se junto a Cecilia que está sentada proxima á mesinha de costura.)*

CYPRIANO.

(entrando pelo fundo) Minha adoravel prima! *(a parte vendo Alvaro)* Já está aqui este machacaz!?

ALVARO.

(a parte) Que os diabos o levem!

SCENA IV. (*)

OS MESMOS E CYPRIANO.

(a Alvaro baixo) Parece que tem medo de levar hypothese

(*) Cecilia, Cypriano e Alvaro na mesa.

no jantar! Que aiz? Está aqui desde hontem á espera da hora!?

ALVARO.

(*baixo a Cypriano*) Já foste a missa hoje, meu menino?

CYPRIANO.

(*idem*) Menino?! Que desafôro! o Sr. é muito petulante!

ALVARO.

(*a Cecilia virando as costas a Cypriano*) Este seu priminhosinho é muito engraçadinho... não acha, minha senhora.

CYPRIANO.

(*a parte*) Finalmente rompo as hostilidades com este boneco de engonço... Veremos quem vence... (*vae sentar-se do outro lado de Cecilia, no sofá.*)

ALVARO (*).

(*Cypriano olha de esquelha para Alvaro*) Minha querida prima! Quizera...

CYPRIANO.

(*Alvaro olha de esquelha para ^{Cypriano}Alvaro*) Minha querida prima! Quizera...

ALVARO.

(*idem*) Mas bem sei que não devo aspirar...

CYPRIANO.

(*idem*) Mas bem sei que não devo ~~aspirar~~ ^{aspirar}.

5) Alberto, Cecilia e Cypriano.

ALVARO.

(rindo) Respirar... ah... ah...

CYPRIANO

(rindo, meio enfiado) Ah! ah!

CECILIA

(olhando muito admirada para Cypriano e depois para Alvaro dá uma gargalhada) Ah! ah! ah! Que scena curiosa.

ALVARO E CYPRIANO.

(atrapalhados e ao mesmo tempo) E' elle! é elle minha prima! *(Cecilia ri de novo.)*

ALVARO

(a Cypriano, baixo, e fallando pela mão esquerda fechada, em forma de busina ou porta voz) Fedelho!

CYPRIANO

(idem, idem pela mão direita, idem, idem) Tolo.

CECILIA

(procurando acalmar-os) Se vierão aqui com o intuito de altercar... retiro-me já... Cypriano, debes tractar melhor o nosso amigo o Sr. Alvaro...

CYPRIANO

(a parte)... O nosso amigo... ella disse o nosso amigo... E' de mais...

ALVARO

(baixo a Cypriano pelo porta voz) Toma para o teu tabaco!

CECILIA.

Estou certa que o Sr. Alvaro tambem me vae fazer o favor de respeitar-te, como nosso primo... Não é verdade?

ALVARO

(confuso) Certamente...

CYPRIANO

(a Alvaro pelo porta voz) Chucha!

CECILIA.

Ora bem; estão feitas as pazes... conversemos agora com calma...

ALVARO

(pegando na mão direita de Cecilia) Oh! que bonitas lettras que a prima está bordando neste lenço!... são as suas iniciaes!

CYPRIANO

(a parte) Pega-lhe na mão?... E eu, então?... Não me devo deixar abater.

ALVARO

Lindo trabalho!

CYPRIANO

(a parte) Que direi? Alguma cousa bem amavel *(pegando na mão esquerda de Cecilia)* Que agulha tão fina! Ella es-peta muito!...

ALVARO

(mojando) Muito! muito!!

CECILIA.

Com licença; não posso dispôr das minhas duas mãos... preciso dellas para acabar o bordado!...

ALVARO E CYPRIANO

(*ao mesmo tempo*) E' elle ! é elle !

SCENA XV.

OS MESMOS, LEOCADIO e depois JERONYMO.

CAPITÃO LEOCADIO

(*entrando do fundo esquerdo — muito alto*) Sou eu !
Prompto ! (*)

(*Levantão-se—Cecilia dá um grito, Alvaro corre para um lado e Cypriano para o outro, ambos com medo.*)

LEOCADIO

(*muito alto*) Pu-los em debandada ! (*dá uma gargalhada*) Heim ? corrêrão todos ! (*dá outra risada.*)

CECILIA

(*aproximando-se*) Meu tio !

CYPRIANO.

Quem teve medo foi elle ; eu.... não.

ALVARO.

Eu corri para este lado ... porque pensei que o grito vinha d'aqui.... se fosse algum ladrão.... havia de ensinal-o !

CYPRIANO.

E eu era capaz de jurar que o grito partio d'ali.... por isso.

CECILIA.

Que susto que tive ! (*vai arrumar o bordado.*)

(*Alvaro, Leocadio, Cecilia e Cypriano.*)

LEOCADIO (*)

batendo nos hombros de Alvaro e de Cypriano, no direito de um e no esquerdo do outro, de maneira a ficar Leocadio no centro e um de cada lado) São bravos! são valentes de primeira tempera! *(os dous cedem ao choque fazendo uma careta.)*

CYPRIANO

magrinho
(a parte) Safa! E' **pequenin**; mas que pulso?

LEOCADIO.

Naturalmente já se alistarão nos corpos de voluntarios! *(da uma risada)* Muito bem! A patria está salva! *(da outra risada e sóbe a scena)* (*).

ALVARO.

Que safa-rascada! está sempre fazendo uma grulhada!

CECILIA.

Pensei que não vinha, meu tio....

JERONYMO

(entrando da direita) Já vês que sei guardar um segredo, capitão.

CECILIA (*)

(a Jeronymo) Meu tio sabia?

JERONYMO

(sorrindo) Pergunta-lhe.... só para ver.... Como estás, meu velho? *(aperta a mão de Leocadio)*.... Eu cá.... um segredo é como uma confissão.... inviolavel....

(*) Alvaro, Leocadio, Cypriano e Cecilia.

(*) Alvaro, Cypriano, Leocadio e Cecilia.

CECILIA

(a Leocadio) Mamãe me disse que o senhor não vinha...
por causa do estomago....

LEOCADIO

(passa — alto) Heim? não ouvi (*).

JERONYMO.

Por causa do estomago....

LEOCADIO.

E' verdade que soffri bastante ultimamente... mas, nem
por isso tenho deixado de mastigar como um mouro! (ri).
Sómente abstenho-me de certas iguarias.... E por fallar
nisso.... vê lá o que é que me dá para jantar, Cecilia? Es-
tou em dieta.

CECILIA.

O tio janta connosco?

LEOCADIO

Boa pergunta!

ALVARO

(a Jeronymo) Cada vez vamos a melhor ... que dirá o
Commendador?

JERONYMO

(a Alvaro) E' mais uma ave de rapina.... Quando eu
digo....

LEOCADIO.

E tambem durmo aqui... durante os quinze dias que fico
na côrte.... Venho reclamar uns soldos atrazados.... que
me fogem como guerrilhas rechassadas.... mas eu é que as

(*) Alvaro, Jeronymo, Cypriano, Leocadio e Cecilia.

não perco de vista.... Hei de pôr os gatasios em cima de todas.... (ri.)

CECILIA

(a parte) Tambem dorme?!

JERONYMO.

Creio que não ^{tem} ~~tenho~~ lugar para tanta gente?

LEOCADIO.

Eu não occupo lugar.... sou homem de tenda! qualquer canto serve.... olha, Jeronymo, cede-me metade de tua cama....

JERONYMO.

Nada: não estou para incommodar-me.

LEOCADIO.

Pois se ficares incommodado.... muda-te; o incommodado....

CYPRIANO.

E' que se muda.

LEOCADIO

(rindo) Olha, o recruta como já esfogeteia!

SCENA XVI.

OS MESMOS, FELICIA E BARBARA (da direita).

FELICIA

(entrando) Ninguem dirá não estou decente para sentar-me á mesa com quem quer que seja!

ALVARO.

Que p^u! (passa — Jeronymo vai á janella.)

FELICIA (*)

(*viendo Leocadio*) Oh! sempre veio.... Como vai do seu incommodo, primo?

LEOCADIO.

Assim, assim!... olha (*mostra a lingua.*)

BARBARA

(*viendo Alvaro — a parte*) Palpita coraçãozinho! (*aproximando-se-lhe*) Sr. Alvaro.... tem fallado com meu cunhado!

ALVARO.

Com Alberto? Todos os dias.... minha senhora.

BARBARA

(*a parte, comprimindo o coração*) Ainda bem!... (*alto.*) E que resolveu?

ALVARO.

Resolvemos mandar fazer tudo de ferro fundido....

BARBARA

(*admirada*) O que? Tudo de ferro?...

ALVARO.

.... fundido.... E' muito mais economico e resiste melhor ás intemperies....

BARBARA.

Mas que tenho eu com as intemperies?

(*) Jeronymo, Alvaro, Cypriano, Barbara, Leocadio e Cecilia.

ALVARO

(*admirado*) A senhora ?

BARBARA.

Tanto mais que não sou exigente.... qualquer cousinha me basta....

ALVARO

(*idem*) Qualquer cousinha ?

BARBARA

(*com ternura*) As naturezas como a minha vivem só pelo coração.... Sr. Alvaro alimenta-se com poesia.... havemos de ser tão felizes ! !...

LEOCADIO

(*alto no fundo*) Com mil canhões e bombardas ! .. Esqueci na estação a minha caixa de rapé... (*subindo d scena*) Ah ! Barbara, dá-me uma pitadinha do teu Paulo Cordeiro....

BARBARA

(*muito envergonhada*) Eu.... não ~~quis~~ *quis*

LEOCADIO.

Desde quando?... deixa-te de escaramuças ! (*pondo a mão no bolso do vestido de Barbara*) Cá está o inimigo ! (*tira uma boceta*) E' f-esquinho, heim ? olha, para ser fresco deve ser mais moço do que qualquer de nós dous ! (*dá uma gargalhada.*)

BARBARA

(*pondo a mão no rosto*) Que vergonha, meu Deos !... Eu que sempre procurei occultar este vicio aos extranhos... (*passa—olhando de esquelha para Alvaro*) Elle deve estar furioso ! !

ALVARO (*).

(*muito calmo — a Leocadio*) Com licença ! (*tira uma pitada.*)

SCENA XVII.

OS MESMOS E BOTELHO.

BOTELHO

(*casacalmente vestido — vem da direita — mastigando — Jeronymo deixa a janella*) Passa fóra ! Não podia mais esperar.... estava rehentando de fome!... Ainda não voltou meu genro.

JERONYMO (**)

(*a Alvaro*) Grandissimo alarve !

CECILIA.

Ainda não ; mas deve chegar a todo o momento....

FELICIA.

Que estás comendo ?

BOTELHO.

Um bolo de bacalháo.... está soberbo.... Agora vou debicar este pastelinho....

LEOCADIO.

Que guloso ! (*toma o pastel e come, Botelho vae á janella esquerda — movimento geral*).

(*) Barbara, Alvaro, Leocadio, Jeronymo Cypriano, Felicia e Cecilia.

(**) Alvaro, Jeronymo. Barbara, Cypriano, Leocadio, Botelho, Felicia e Cecilia.

CYPRIANO (*)

(vendo Alvaro approximar-se ae Cecilia, chega-se tambem a ella). Encantadora prima, eu quizera.

ALVARO.

Pois vá querendo, e não me masse....

BOTELHO

(tem chegado á janella esquerda). Onde estará o senhor meu genro?!... (olhando para fóra). Ainda, nem sombra d'elle!

FELICIA

(correndo a elle e puxando-o pelas abas da casaca). Sáe, sáe d'ahi, Botelho.

BOTELHO.

Que queres?

FELICIA.

Não vês... o electrico!... o electrico!

BOTELHO.

Já te disse que não fazia mal...

FELICIA.

E o peixe.... lembraste?... que dava aquelle safanão (imíta) na gente!

JERONYMO.

Deixa-te de negaças, mana... este só dá safanões nos olhos....

(*) Botelho, Jeronymo, Felicia, Barbara, Leocadio, Alvaro, Cecilia e Cypriano.

FELICIA

(*recuando e levando consigo o marido*). Para mais longe, meu amigo; não ouves o que o mano diz...?!

BOTELHO.

Teu mano quer dizer...

JERONYMO.

.... que é um aparelho que serve para levar e trazer recados....

BOTELHO.

E' uma especie de correio, percebes?

FELICIA.

Ah! é por isso que se extravião tantas cartas!

SCENA XVIII (*).

OS MESMOS E ALBERTO.

ALBERTO

(*entra pelo fundo esquerda — esbaforido*). Ouf! cheguei finalmente! E não foi sem grande trabalho.... Estou n'um banho!... (*respira*). Desculpem se me demorei muito.... O tio Leocadio tambem veio?!... creio que não ficou mais ninguém em Iguassú.

M. P. Reverência

CECILIA.

Estás muito fatigado, meu amigo.

Botelho, Felicia, Jeronymo, Barbara, Leocadio, Alberto, Cecilia, Alvaro e Cypriano.

ALBERTO.

Estou morto! (*a Jeronymo*). Dei o seu recado... mas já não encontrei em casa o Commendador Barbosa.

ALVARO.

Com as tuas demoras és capaz de pôr a perder o nosso negocio.

ALBERTO.

Mas, não sou eu o culpado ; hem sabe que...

JERONYMO.

O culpado são estes todos que abusão, com uma sem cerimonia....

ALBERTO.

Durante o jantar poderemos recuperar o perdido.

LEOCADIO.

Heide fazer uma saude...

ALVARO.

O senhor ?

LEOCADIO.

Precedida de uma pequena alocução... hão de ver.

BARBARA.

Tambem eu quero cantar n'um brinde uma celebre modinha do Dr. Macedo. Então provarei, quanto forão injustos...

ALBERTO.

Não proves nada, Barbara.

JERÓNIMO.

Prova sómente os petiscos que vierem á mesa...

CYPRIANO.

Eu tambem tenho aqui umas sestilhas...

ALBERTO.

Pelo amor de Deus !... Não fallem...

LEOCADIO, CYPRIANO E BARBARA

(ao mesmo tempo) Havemos de fallar...

ALVARO.

Tantos oradores... Estamos perdidos, Alberto....

FELICIA.

Que mal faz que elles fação á razão da mesma... Eu cá não sei fallar, mas dou homem por mim... Tambem has de fazer um discurso, marido.

BARBARA

(puxando Alberto para um lado a meia voz). E' verdade que elle quer mandar fazer tudo de ferro fundido?

ALBERTO.

E gutta-percha... é verdade.

BARBARA *(prevenção).*

Então, casa ?

ALBERTO.

Casa muito bem. E' o que está mais em voga nas obras

d'este genero... Verá o ~~meu primo~~ como prima, pela elegancia, solidez e economia... Agora só nos faltão....

JOSÉ

(*annunciando — fundo esquerda*). O Sr. Commendador Azevedo e o Dr. Almeida.

ALBERTO.

Já não nos falta nada... Ahi estão elles... A' mesa, meus senhores... (*vão-se retirando*).

LEOCADIO

(*alto*). Heim? Não ouvi bem...

TODOS

(*voltão e, rodeando Leocadio, gritão*). Vamos jantar !

LEOCADIO.

Tocou a rebate?! (*batendo na barriga*). Já estava com o tambôr meio fanhoso... (*ri, retirão-se; todos*).—**Exe-** *sim*
cução.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Mesmo gabinete do 2.º acto. Grande confusão. Dous biombos no fundo, um á direita, outro á esquerda. Tres colchões no chão, um no centro, entre os biombos, e um de cada lado. Sobre a escrevaninha alguma roupa branca. Latas abertas e canastrinhas espalhadas pelo chão. Sobre o sophá um tinteiro; sobre algumas cadeiras caixas de chapéos — os mappas no chão em desordem. A' direita, na parede, um espelho.

SCENA I (escuro).

JERONYMO, FELICIA, BOTELHO, BARBARA, CYPRIANO E LEOCADIO
(sentados em linha, da esquerda para a direita, com a frente para o publico, a iguaes distancias uns dos outros, occupando todo o 1.º plano. — Dormem. — Botelho, de chinellas e carapuça; Jeronymo de boné de lontra. Leocadio com um lenço de rapé amarrado na cabeça. Felicia de touca, Barbara de papelotes e Cypriano de gorra. — Pequena pausa; a musica em surdina toca até ao signal de parar. — Meia claridade em scena. Enquanto a orchestra toca, a scena não deve ser precipitada).

BOTELHO

(espreguiçando-se) Uhm !.....

BARBARA

(idem) Uhm !...

CYPRIANO.

(idem) Uhm !...

JERONYMO

(idem) Uhm !...

LEOCADIO

(espírra — os outros estremecem — continuão a dormir, mudando de posição).

CYPRIANO

(sonhando) Cecilia !... Ah, se eu fosse... um... passa... ri... nho...

BARBARA

(idem) Alvaro !... Quando ?... heim ?...

LEOCADIO

(idem — muito alto) Prompto !... (continúa a dormir. Os outros pulão, correm para a esquerda e se conchegão, formando uma linha recta e compacta).

TODOS (menos Leocadio)

(rapidamente). Ah ! (pequena pausa—ao mesmo tempo) Que será ? !...

LEOCADIO

(abrindo o olho direito). Heim ? Parece-me que ouvi um rumor....

JERONYMO

(baixo aos outros). E' o Leocadio !

FELICIA E BÔTELHO.

O primo Leocadio !

JERONYMO (*)

(chegando-se a Leocadio, os outros se dispersão e arrumão as cadeiras) Capitão !

LEOCADIO

(abrindo ambos os olhos e levantando-se). Alerta estou !.. Ah ! és tu....

JERONYMO

(Barbara vai ao espelho no fundo d esquerda) Como

(*) Felicia, Botelho, Barbara, ~~Cecilia~~, Jeronymo e Leocadio.

passou?... Dormiu bem?... *(passa — abre a janella d esquerda — illumina-se a scena — Pára a musica)* (*).

LEOCADIO.

Pessimamente!... Não preguei olho toda a noute... E vocês?

FELICIA.

Nem eu.

BOTELHO.

Que noute!! *(pausa)*.

TODOS.

(ao mesmo tempo) Porque foi que não dormiu no colchão?

CYPRIANO.

Eu não pude... titio tomava toda a cama... é tão gorduxo!
(bate de leve na barriga de Botelho).

BOTELHO.

Eu? Tu é que tens um sarro de charuto... insupportavel!
(vai ao fundo direita buscar a casaca para escovar).

FELICIA (**).

Barbara levou toda a noute a mastigar.... *(imita)* e a roncar. Que mau costume!

JERONIMO.

Roncar? Falem com o capitão.... Que temporal desfeito!... Era uma berraria mesmo aqui, tão perto do ouvido.... Safa!... *(vai á mesa e atira a roupa no chão)*
Esta roupa na mesa!...

(*) Jeronymo, Barbara, Felicia, Botelho, ~~Gerardo~~ e Leocadio.

(**) Jeronymo, Barbara, Felicia, ~~Gerardo~~, Leocadio e Botelho.

LEOCADIO

(*passa — vai ao fundo esquerda buscar a farda, etc., e desce a seu tempo d direita*) Vocês estão com umas caras... de jejum! (ri) Safa! (*Barbara vai d janella*).

FELICIA (*).

(*passa*) Mas onde estará Cecilia? Ella não tem muita pressa de vir informar-se da nossa saude. (P)

JERONYMO.

(*passa — Leocadio desce á direita*) Coitadinha! descança das fadigas de hontem. Aquelle jantar pôz-lhe sal na moleira!

BOTELHO (**)

(*escovando a casaca; Leocadio ao pé com a farda na mão, á espera da escova*). Por força! Que soberba refeição! Aposto que meu genro.... adiantou muito o seu negocio! Os convidados havião de estar contentissimos!

JERONYMO.

Pois sim! creia n'essa....

FELICIA.

Então que houve!?... Não se passou tudo na melhor ordem possível? (*apanha a roupa no chão e põe em cima da escrevaninha á esquerda*). Esta roupa.... no chão! (*Barbara desce*).

JERONYMO (***)

Nem por isso!... Não reparou como os dous se escamarão

(*) Barbara, ~~Cecilia~~, Leocadio, Jeronymo, Felicia e Botelho.

(**) Felicia, Jeronymo, Barbara, ~~Cecilia~~, Leocadio e Botelho.

(***) Felicia, Barbara, ~~Cecilia~~, Jeronymo, Leocadio e Botelho.

depois do jantar? Nem esperarão pelo café! Puzerão-se logo a andar.

BARBARA.

E' bem verdade! Mas tambem.... Cypriano levou todo o tempo a matraquear-nos a paciencia com as suas trovas... só com o passarinho ás voltas!...

LEOCADIO.

Acabas ou não com a escova?! (*toma a escova — Botelho espera por ella na posição em que estava Leocadio*).

CYPRIANO.

Quem falla?!... E você com sua infernal modinha? Deus dous guinchos!!

BARBARA.

Foi porque senti um abaixamento de voz repentino!... quando não...

JERONYMO

(*baixo a Cypriano*) Bravo... assim... continúa...

CYPRIANO

(*exaltando-se*) Foi uma desafinação de levar couro e cabelo... Entra para a Opera Nacional, oh! barbara Bar-
bara! (*Barbara, zangada, sóbe um pouco d esquerda*).

FELICIA (*).

Que barbaridade!

CYPRIANO

(*a Felicia*). E a senhora tambem, minha tia... lembre-se do que disse...

(*) Barbara, Felicia, ~~Cecilia~~, Jeronymo, Leocadio e Botelho.

JERONYMO

(rindo e apertando-lhe a mão) Dá-lhe de rijo !... *(passa — sóbe e atira a roupa no chão)* Esta roupa... na mesa...

FELICIA (*).

Eu ?...

BARBARA.

Mamãe estava só perguntando : Meu genro, quanto custou este jantar?... Que despeção ! Não te arruines !... não faças loucuras !... Isto é um jantar para trinta pessoas !

JERONYMO

(baixo a Barbara) Anda... estás brilhando !

BOTELHO

(a Leocadio) Não posso ficar aqui até amanhã á espera ! !
Dá-me a escova *(toma a escova — Leocadio espera)*.

FELICIA.

E não era isso verdade ?

BARBARA.

Quando apparecia qualquer fritada... a senhora exclamava logo : isto deve estar excellente ! Os ovos são fresquinhos !... eu trouxe seis duzias do Iguassú, afóra uma porção de gallinhas.

JERONYMO.

(ri) Ah ! ah ! *(passa por detraz d direita)*.

(*) Jeronymo, Barbara, Felicia, Cypriano, Leocadio e Botelho.

CYPRIANO (*)

(*vendo Jeronymo rir, ri tambem*) Tal qual ! tal qual !

FELICIA.

E de que é que se riem... nada mais natural ! (*vira-lhes as costas zangada e sóbe d esquerda — apanha a roupa, põe-a em cima da escrevaninha e diz zangada:*) Esta roupa... sempre no chão !

BOTELHO (**)

(*sempre escovando*) E' natural ; mas o lugar é que não era muito proprio ! Estas cousas dizem-se em particular.

FELICIA.

Seria melhor que ficasse calado ! (*passa*).

LEOCADIO (***)

Venha a escova (*toma-a*).

BOTELHO

(*passa — a Felicia descendo d scena*) Porque ?

FELICIA (****)

Ainda pergunta ?

JERONYMO

(*a Felicia*) Prosiga, mana ; não o poupe...

(*) Barbara, Felicia, Jeronymo, ~~Cecilia~~, Leocadio e Botelho.

(**) Felicia, Barbara, Jeronymo, ~~Cecilia~~, Leocadio e Botelho.

(***) Barbara, Felicia, Jeronymo, Botelho, ~~Cecilia~~ e Leocadio.

(****) Jeronymo, Barbara, Felicia, Botelho, ~~Cecilia~~ e Leocadio.

BOTELHO

(zangado, — alto) Eu não disse essas asneiras... ouviu ?

LEOCADIO

(alto) Mas disse outras !

FELICIA.

Mas, quando foi beber vinho, engasgou-se e borrifou a calça e o collete do Commendador Azevedo....

BOTELHO.

São cousas que podem acontecer a todos.

JERONYMO.

E ao Dr. Almeida?... Lembra-se, mana ?

CYPRIANO

(*approximando-se*) E' verdade; ao levantar-se para fazer o segundo discurso titio pisou no pé do pobre Doutor... que ficou a tinir ! Fez um pedaço de careta !

BARBARA.

Elle parecia soffrer tanto dos calos !

FELICIA.

Parecia mesmo (*Barbara sóbe com Cypriano d direita*).

JERONYMO.

E na sobremesa não fallou senão no folheto que vai publicar com todos os seus discursos... como se tal noticia podesse interessar alguem (*sobe d esquerda — atira a roupa*)

no chão e diz muito zangado) Com effeito... que diabo tem esta roupa hoje?!

BOTELHO (*)

(sobe a Jeronymo) E julga que os seus inhames tambem são muito divertidos....

JERONYMO

E' um genero alimenticio....

BOTELHO.

E um genero... insupportavel e nada mais. Percebe?

FELICIA

E quer vir dar-nos lições!

JERONYMO

(passa) Mas....

BOTELHO (**).

Metter-se aqui a censor de tudo e de todos!...

JERONYMO.

Oução-me!

FELICIA.

Não ouço, não senhor. Estou no meu direito.

BOTELHO.

Apoiado!

BARBARA.

Muito bem *(desce)*.

CYPRIANO.

Bravo! *(desce)*.

(*) Jeronymo, Botelho, Felicia, Barbara, ~~Cecilia~~ e Leocadio.

(**) Botelho, Jeronymo, Felicia, Barbara, ~~Cecilia~~ e Leocadio.

JERONYMO,

Todos! Atirão-se todos sobre mim? Eu lhes provarei que não me fazem tremer, a não ser de raiva com seiscentos milhões de diabos! (*passa*).

LEOCADIO (*).

Quem me chama!? Heim?

SCENA II.

OS MESMOS E ALBERTO.

ALBERTO (**)

(*entrando da direita*) Amanhecem brigando?... Como passarão a noite?... Sancto Deus! que balburdia vai por esta sala!!... (*chamando para dentro*) José! José!... Onde estará a minha carteira?... (*Procura: José entra*). Põe em ordem isto; fecha os biombos.... arranja emfim como puderes.... Onde estará a minha carteira?... Os mappas no chão!... Ah! aqui está a carteira!... Finalmente.... (*desce a scena e põe a carteira sobre a escrevaninha*)... Em que estado está a escrevaninha.... e o tinteiro?... Aqui sobre o sofá. Bom! Mancharão, sujão com tinta a palhinha (*procura limpar com o lenço*).... E o meu relatorio, o relatorio que tenho de copiar d'aqui a pouco.... Não tenho tempo a perder (*procura na escrevaninha — entra Victorina e ajuda José a pôr a sala em ordem*).

BOTELHO (***)

(*a Felicia*) Creio que o nosso genro está de mau humor hoje....

(*) Botelho, Felicia, Jeronymo, ~~Gertrudes~~, Barbara e Leocadio.

(**) Botelho, Felicia, Jeronymo, ~~Gertrudes~~, Barbara, Alberto e Leocadio.

(***) Alberto, Botelho, Felicia, Jeronymo, ~~Gertrudes~~, Barbara e Leocadio.

ALBERTO

(*passa a mesa meio*) Virão o meu relatorio ?

BARBARA (*).

Eu não.

JERONYMO.

Nem eu.

LEOCADIO.

Estás com physiognomiã de noute chuvosa ! Dormiste
tambem sobre uma cadeira ! Já vejo ?

ALBERTO

(*olhando em torno de si*) E' uma torre de Babel !

JERONYMO.

Não te agonies, Alberto. José e Victorina estão pondo
tudo em ordem... d'aqui a breves momentos... verás como
fica regular o teu gabinete... O relatorio deve estar por ahi
algures... não é crível que voasse !

ALBERTO.

Quem sabe ! Tenho visto tanta coisa extraordinaria
n'esta casa de hontem para hoje.

JERONYMO.

Assim é ; mas que ganhamos nós com tal faina ? !... E'
prøcurar agulha em palheiro... O mais sensato é esperar
um poucachinho... Removida toda esta bagagem, postos
os moveis nos seus competentes logares até um cego sem
bastão encontrará facilmente os teus papeis... No entanto...
emquanto esperamos... ha seis mezes que não jogamos uma
partidinha de xadrez... que diz... ?

(*) Botelho, Felicia, Jeronymo, Alberto, ~~Guilherme~~, Barbara e
Leocadio.

ALBERTO.

... Eu... ando tão apressado de afazeres...

BARBARA

(*approximando-se á esquerda de Alberto*) Não se recuse, mano... E' um jogo tão divertido...

JERONYMO

(*indo buscar o xadrez, no fundo esquerda*) Em meia hora quando muito... sabe que não sou dos mais peichótes.

ALBERTO

(*contrariado*) Sei ; mas...

BARBARA

Ande, ande ; não se faça de rogado...

JERONYMO

(*descendo á scena põe o xadrez sobre a mesa do meio*) Aqui está o campo de batalha... Vamos, Alberto (*sentando-se e pondo as peças nos seus logares*) Hade levar uma sova rija... é o que lhe digo... sinto-me bem disposto hoje...

BARBARA

(*a Alberto que hesita*) Então?... (*conduzindo-o para junto de Jeronymo*) Venha ; dir-se-hia que teme a derrota? (*todos se approximão da mesa a seu tempo*).

JERONYMO (*)

(*sorrindo e arranjando as peças*) Déste em balda certa,

(*) Felicia, Botelho, Barbara, Jeronymo, Alberto, Cecilia e Leocadio.

sobrinha ! (*Alberto senta-se*)... Alberto tem sempre os mesmos lances.... Põe em movimento a *rainha* e um *bispo*, assesta-os ambos contra o pião do rei, e, enquanto eu me preparo para a defeza, faz uma carga de cavallaria... Preveni todos estes golpes, meu caro !

ALBERTO.

(*contrariado*) Precisava escrever um bilhete a Alvaro... é negocio urgente !... Podiamos guardar para mais tarde esta partida.

JERONYMO.

Qual ; já que estamos com a mão na massa...

BARBARA.

Certamente. Tenho muita vontade de aprender este jogo...

BOTELHO.

(*aproximando-se*) E eu tambem.

FELICIA.

(*idem*) Meu genro hade ensinar-m'ò logo. (*Cypriano e Leocadio aproximão-se tambem*).

ALBERTO.

Pois sim, logo mais ; agora Alvaro espera uma carta minha... é negocio urgente (*quer levantar-se*).

TODOS (*menos Leocadio*).

(*fazendo-o sentar*) Ora... faça-nos a vontade por quem é?...

ALBERTO.

(*sentando-se contrariado*) Não ha remedio !

LEOCADIO.

(passa por de traz) O que é que vocês estão mariscando por aqui? *(procura ver por cima dos hombros)*.

JERONYMO. (*)

(movendo uma peça) Cuidado; começa o tiroteio. *(Alberto move uma peça)*.

BOTELHO.

Atenção; não fação barulho!

CYPRIANO.

(admirado) Que pulo que deu aquelle cavallinho! Isto assim não deve valer!

JERONYMO.

Já estava tardando a sua rainha! Que venha!

BARBARA.

(apontando) Como se chama este cumpridinho d'aqui, meu tio?

JERONYMO.

Bispo.

BARBARA.

Então este outro maior é o... Papa?!

LEOCADIO.

(que trepou n'uma cadeira, para poder vêr por cima dos hombros de Botelho) Silencio! No jogo os perús não fallão!

(*) Felicia, Barbara, Botelho, Cypriano, com a frente para o publico, de pé em torno de Jeronymo e de Alberto que jogão.

BOTELHO.

Que combate renhido!

ALBERTO.

Roquei... estou salvo!

FELICIA.

Agora compreendo um pouco a marcha do jogo! (*Para Barbara*) Olha, minha filha, estre pretas são de Alberto e as brancas...

BARBARA.

Do tio Jeronymo. Até ahi vou eu...

CYPRIANO.

Mas vejo que umas peças andão assim, outras assim, outras assim... cada qual faz o que quer, então?

BOTELHO.

A regra do jogo é andar cada uma para seu lado, per-
cebes?

JERONYMO.

Começa a carnificina! Mato este *bispo*...

ALBERTO.

E eu este *cavallo*...

JERONYMO.

Ainda me resta um... e com elle dou ~~x~~que ao *rei*...

ALBERTO.

Quer sacrificar o seu *cavallo*?... olhe este *peão*...

BOTELHO

Que mistura de grêlos! Que muxinifada! Entrão bispos, torres, cavallos, reis, peões, rócas e não sei mais o que...

JERONYMO.

(*contrariado*) Tem razão! não tinha visto... O maldito peão transtornou-me todo o calculo...

LEOCADIO.

Isto é que se chama tomar o peão na unha! Ah! ah!
(*ri*).

CYPRIANO.

(*para Leocadio*) Perú não falla!

LEOCADIO.

(*descendo da cadeira*) Grandicissimo mariola! (*Cypriano foge para o outro lado a esquerda*).

FELICIA (*).

Que cousa massante! Gosto mais da manilha...

BOTELHO.

E eu do gamão... oh! um gamão bem cantadinho...
Que prazer!

BARBARA.

E eu da douradinha.

CYPRIANO.

E eu da bisca d'embarque.

(*) Felicia, Jeronymo, Alberto, Leocadio, Cicilia, Botelho, Barbara.

LEOCADIO.

E eu do vispora... Mette-se a mão no sacco... e grita-se: *permanentes a cavallo* quando se tira quarenta e quatro; *os oculos de minha avó* é o oitenta e oito... se é o numero *um* diz-se: *conta de porco uhm!* (*imita um porco*) e se é noventa, — *pontinha do rabo!*... oh! que divertimento! E venhão os cobres... e não se leva duas horas para isso... aquillo é: fogo-vintes-linguiça (*ri*).

JERONYMO.

Troco a rainha... (*toma uma peça*).

ALBERTO

(*tomando-lhe outra*). E agora?

JERONYMO.

Avanço esta torre.

ALBERTO.

Bravo! E' o que eu queria! Está morto. (*os outras aproximão-se mais, Leocadio torna a subir na cadeira, por cima de Botelho*).

JERONYMO.

Veremos, meu caro, veremos!

ALBERTO.

(*adiantando uma peça*) Xaque e mate! (*sorrindo*).

JERONYMO.

(*atrapalhado*) E' verdade!... Foi um descuido!.. Eu pensava....

LEOCADIO.

Mas qual é aqui o trunfo, hein?

JOSÉ

(*na porta do fundo esquerda*). O Senr. Alvaro está na sala...

ALBERTO

(*levantando-se — Jeronymo arranja o jogo na caixa*). Alvaro?... Diga-lhe que venha para cá.

BARBARA.

Para cá?.. Espere, mano; eu não estou preparada para receber visitas. (*a parte*) Oh! Alvaro, quanto te amo!

FELICIA.

Nem eu... preciso arranjar-me.

BOTELHO.

Estamos todos *in-minoribus*... era uma sessão secreta.

JERONYMO.

Pois bem! Vão para outro quarto... Se lhes parece prohibão Alberto de receber visitas no seu gabinete... Que gente sem cerimonia!...

FELICIA.

Mano... dobre a lingua!

ALBERTO

(*muito afficto*) Alvaro vem buscar o relatorio... ainda não o passei a limpo... (*procurando no fundo esquerda*) Nem sequer sei onde elle esteja...

JERONYMO (*).

Veem o que fizerão?! Passão a vida a incommodar o pobre moço.

(*) Leocadio, Barbara, Alberto, Cecilia, Jeronymo, B. e Felicia.

BARBARA.

Esta não é má!

CYPRIANO.

Foi o senhor que instou para que elle jogasse xadrez.

ALBERTO.

(no fundo) Ah! aqui está... finalmente... *(desce a scena)*
Uma folha só!... o resto que fim levaria... faltão-me as outras folhas! *(sobe a scena)* Eu já devia esperar isso mesmo...

JERONYMO.

Se fazem da sua casa praça tomada d'assalto!

BOTELHO.

Diz, antes que te digão...

ALBERTO.

Que desculpa darei a Alvaro?

JERONYMO.

(subindo a scena) Espera; vou ajudar-te na busca. *(vae para o fundo á esquerda; Alberto está á direita fundo).*

LEOCADIO (*)

(a Barbara) O que é que elles estão farejando ali?

BARBARA.

E' um relatório; um papel de muita importancia para Alberto...

(*) Leocadio, Barbara, Jeronymo, Cypriano, Alberto, Botelho e Felicia.

ALBERTO.

Achei a segunda folha, mas a terceira... onde estará a terceira ?...

JERONYMO

(com um papel cortado na mão). Será isto? Por aqui não ha mais nada.

ALBERTO.

Cortado !!... Quem foi que cortou o meu relatorio?

BARBARA

(confusa). Não fui eu !

CYPRIANO.

Foi ella mesma, primo.

JERONYMO.

Não ha duvida... foi ella... esta gente !

ALBERTO

(a Barbara). Para que ! com que fim ?

CYPRIANO.

Foi para fazer os papelotes.

JERONYMO

(desenrolando um dos papelotes). Vês Alberto...

BARBARA.

Não achei outro papel... e não podia deixar de fazer os meus...

FELICIA.

Tambem... nunca vi... tanto luxo por causa de uma folha de papel que já estava servida... Se fosse papel limpo... ainda, ainda...

JOSÉ

(*na porta do fundo esquerda*). O Sr. Alvaro diz que não póde esperar... tem muita pressa...

ALBERTO.

Diga-lhe que entre... Não tenho remedio senão escrever outro relatorio... Emfim... (*todos saem pela direita menos Jeronymo e Alberto*).

SCENA III.

ALBERTO, JERONYMO, E ALVARO

(*Jeronymo senta-se á esquerda; Alberto fica á direita.*)

ALVARO

(*entrando precipitadamente pelo fundo esquerda*). Muito obrigado ! meu amigo ; fico-te muito obrigado !

ALBERTO (*).

De que ?

ALVARO

(*sem ver Jeronymo*). Vai tudo ás mil maravilhas ? Estás bem arranjado !

ALBERTO.

Como ?

ALVARO.

O Commendador Azevedo não nos quer mais ajudar.

(*) Jeronymo, Alvaro e Alberto.

Deveras?

ALBERTO.

ALVARO.

E o Doutor Almeida diz que não publica no seu jornal uma linha em nosso favor.

Oh! meu Deus!

ALBERTO.

ALVARO.

Estamos bem aviados!

ALBERTO.

A que devemos nós attribuir semelhante desgraça!

ALVARO.

Ignoras? Que simplicidade!

ALBERTO.

Confesso que não sei.

ALVARO.

São consequencias do teu celebre jantar de hontem!

ALBERTO.

Meu jantar?

ALVARO.

Sim. Quem tem uma familia como a tua não convida gente de cerimonia.

ALBERTO.

Uma familia como a minha?

ALVARO.

Certamente. E' unica e inimitavel... Quem tem parentes de tal jaez fecha-os n'um quarto: pae, mãe, irmãos, irmãs, tios, tias, todos em snmma.

ALBERTO.

Mas... escuta...

ALVARO.

N'um quarto hermeticamente fechado, ouve bem o que te digo ! sem exceptuar um só... todos, todos, inclusive o tio Jeronymo (*Jeronymo levanta-se*) que apesar de ter a pretensão de ser mais sabido do que os outros, nem por isso mette menos os pés pelas mãos...

ALBERTO.

Cuidado !.. Elle está alli...

ALVARO

(*sem se voltar*) Que bem me importa !

JERONYMO.

Tôlo !

ALVARO

(*voltando-se*) Senhor !

ALBERTO.

Meu tio !

JERONYMO.

Parvo !!

ALVARO.

Que diz ?

ALBERTO.

Meu tio !

JERONYMO.

Sandeu !!

ALVARO.

Olhe que... !!

ALBERTO (*)

(*interpondo-se—passa*) Vão brigar !... Meu tio... Alvaro !

(*) Jeronymo, Alberto e Alvaro.

JERONYMO

(mais forte) Pedaco d'asno !! Dromedario!!!!...

ALVARO.

Oh, é de mais !!

JERONYMO.

Não é, não, senhor...

ALVARO

(muito zangado) Ainda ! continúa !..

JERONYMO.

E que tem o senhor com isto ?

ALVARO

O que tenho com isso ?

JERONYMO.

Eu ainda mereço muito mais !

ALVARO

(admirado) Ah ! é de si que falava ?

JERONYMO.

Certamente... é de mim mesmo.

ALVARO

(com muita calma) N'esse caso, continúe, continúe que queremos ouvir-o duas horas pelo menos.

JERONYMO

(a Alberto) Por minh'alma ! Já é tempo de pôr as cousas no seu lugar !.. Com que... tambem eu era tão ridiculo

como o resto da familia... Comprometti teu futuro, meu pobre rapaz... E' preciso que isto acabe; ouves?

Tomára eu !...

ALBERTO.

E quanto antes !

JERONYMO.

Quanto antes.

ALBERTO.

JERONYMO.

Não basta responder-me com essa vizinha de cantor de igreja — *quanto antes* ! Convem que sejas energico, muito energico ! Anda, move-te com os diabos !

Move-te...

ALVARO.

Estou me movendo.

ALBERTO.

JERONYMO.

Tens sangue de barata nas veias ?

Não.

ALBERTO.

JERONYMO.

Então... golpe de estado !... rompe, briga com todos os Botelhos !

Alvaro tambem é...

ALBERTO.

JERONYMO.

E eu ? o que sou eu senão um Botelho como os outros ?... Briga com Alvaro ; briga comigo... Vês o que fizerão do teu gabinete de trabalho.

Um dormitorio.

ALBERTO.

JERONYMO.

E debes pôr termo.

Deves pôr termo.

ALVARO,

Heide pôr termo.

ALBERTO.

JERONYMO.

Se não reagires... ai de ti!

ALVARO.

Ai de ti!

JERONYMO.

Puxar-te-hão pelo beijo...

ALVARO.

Como um boi de carroça.

ALBERTO.

Havemos de ver.

JERONYMO.

Vê lá o que fazes!..

ALBERTO.

Venhão elles e verão, com a breca!

ALVARO.

Não deves mostrar mais os dentes a esta sucia.

ALBERTO.

Nunca mais mostrarei!..

JERONYMO.

Nem prestar o menor serviço.

ALVARO.

Nem o menor.

ALBERTO.

Nenhum absolutamente.

JERONYMO.

E para começar... põe o chapéo na cabeça. (*põe-lhe o chapéo*).

ALVARO

Toma a bengala. (*mette-lhe a bengala debaixo do braço*).

JERONYMO.

Segue-me.

ALVARO.

Segue-o.

ALBERTO.

Para onde?

JERONYMO.

Hesitas?

ALBERTO.

Vamos. (*arrasta Jeronymo*).

ALVARO.

Para onde vão?

ALBERTO.

Deixa-me! Tambem és da familia !!..

ALVARO.

O que? que dizes?

JERONYMO.

Bem respondido! vamos... dobrado!

ALBERTO.

Marche! (*quando vão para sair apparecem á direita Felicia e Botelho*).

SCENA IV.

OS MESMOS, FELICIA E BOTELHO. (*vestidos com luxo extravagante*).

FELICIA.

Então meu genro, não espera por mim?

ALBERTO (*)

(*passa*) Temo-la travada.

FELICIA.

Quero visitar hoje todos os monumentos da cõrte !...

ALVARO

(*baixo a Alberto*) Parte Alberto.

ALBERTO.

Sinto muito, minha sogra ; tenho, porem tanto que fazer hoje... Pergunte ao tio Jeronymo ; não é verdade, meu tio ?

JERONYMO.

E', é muito verdade, tem que fazer... vamos, vamos !..

BOTELHO.

Meu genro esquece que prometeu acompanhar-nos?..

ALBERTO.

E' facto... empenhei minha palavra...

ALVARO.

(*baixo a Alberto*) Vê lá o que fazes !

(*) Jeronymo, Alvaro, Alberto, Felicia e Botelho.

BOTELHO.

Tal proceder surprende-me...

ALBERTO.

Confesso que...

ALVARO.

(baixo a Alberto) Não esmoreças.

ALBERTO (*)

(hesitando) Eu...

JERONYMO.

(passa) Ignoro o que Alberto prometeu... sei somente que vae sair comigo a negocio urgente... e já... *(arrasta-o)*.

ALBERTO

(a Felicia) Assim é preciso.

FELICIA.

Deixa-nos aqui com a lingua na bôca ? ! Senhor Alberto ? !

ALBERTO

(descendo) Não minha sogra. *(hesitando, á parte)* Com os diabos; já nem sei para que lado me volte ! *(vendo Cypriano á direita)* Aqui está um substituto. Cypriano vai fazer as minhas vezes... Até logo. *(sae com Jeronymo pelo fundo esquerda)*.

(*) Alvaro, Jeronymo, Alberto, Felicia e Botelho.

SCENA V.

ALVARO, FELICIA, BOTELHO, CYPRIANO, depois VICTORINA

CYPRIANO (*)

O que é que me querem?

FELICIA

(*Alvaro senta-se á esquerda*) Que nos conduzas diante de todas as maravilhas da côrte.

CYPRIANO.

Comecemos pelo *Pão d'Assucar*, quer? (*aparte*) Vinha vêr Cecilia e encontro esta tarasca... Que caiporismo!

BOTELHO.

Preferimos começar pelo Passeio Publico, encanamento da Carioca, estatua equestre, theatro provisorio e...

CYPRIANO.

O Circo de Bartholomeu... está dito! Hade ser uma revista geral!

FELICIA (**)

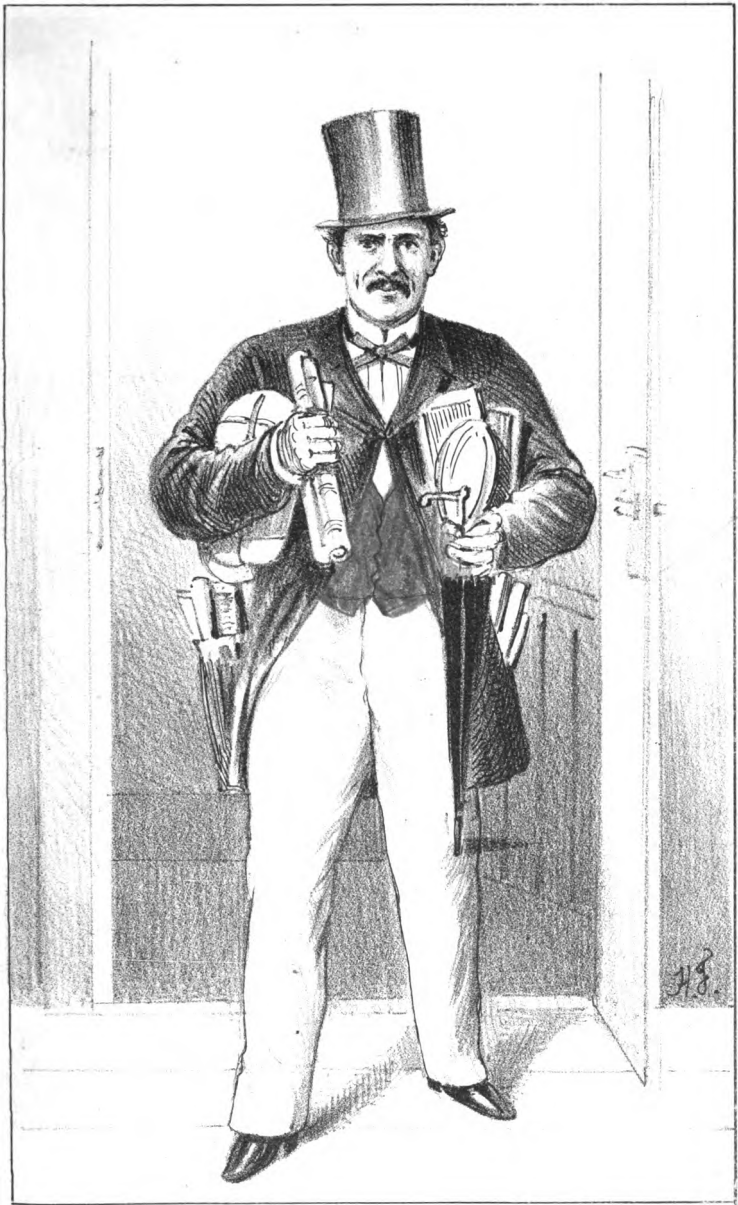
(*chamando, sobe*) Victorina! Vem cá, Victorina; quero vêr como te arranjaste com o balão!

CYPRIANO

(*admirado*) Como? Victorina de balão! Hade ser curioso! ah! ah!...

(*) Alvaro, Botelho, Felicia e Cypriano.

(**) Alvaro, Botelho, Cypriano, Felicia e Victorina.



ALBERTO SOARES.



VICTORINA.

(entrando) Veja se está direito! *(anda á roda)* Faz tanta afflicção nas pernas!

CYPRIANO.

Deveras, ella vae comnosco?

BOTELHO (*)

Porque não? *(Cypriano passa á esquerda)*.

FELICIA.

(entrão Joanna e Pedro) E tambem Joanna e Pedro... Querem ver a côrte; acho que teem razão.

CYPRIANO.

(a Alvaro, baixo) Vou arrastar pelas ruas da cidade esta capoeira de gallinhas da serra!... Quando passarmos pela porta do Desmarais a rapaziada prega-me uma vaia de estrondo!...

VICTORINA.

Onde vamos, Sr. Cypriano?

CYPRIANO

(zangado) A' chacara do Souto vêr as saracuras...

FELICIA (*)

Isso fica para depois. Vejamos primeiro a celebre Rua do Ouvidor.

(*) Alvaro, Cypriano, Botelho, Felicia, Victorina, Joanna e Pedro.

(*) Alvaro, Cypriano, Felicia, Botelho, Victorina etc.

BOTELHO.

Iremos em seguida ao Carceller tomar um sorvete ..

FELICIA.

Seguiremos depois para o Passeio Publico.

CYPRIANO.

E de lá para a Praia-Vermelha... está dicto.

FELICIA.

Pois sim ; como quizerem. Eu cá estou por tudo... Não vem comnosco, Sr.... Alvaro?

ALVARO

(levanta-se) Não posso, minha senhora; espero aqui o meu amigo Alberto.... desculpe-me a recusa. *(senta-se)*.

FELICIA.

(dando o braço a Botelho) Como quizer... Anda Cypriano. *(sae pelo fundo, esquerda)*.

CYPRIANO

(a Alvaro) Ora venha, por quem é ; aguenta metade da estucha...

ALVARO

(mofando) Ai ! *(suspira)* Como é bonitinho este moço !.. Ora, vá, sim ?

CYPRIANO.

(zangado) Passa fóra !... vá chorar para longe ! Que creaturinha aborrecida ! *(sae pelo fundo, esquerda, empurrando Joanna, e dando um pontapé em Pedro)*.

SCENA VI.

ALVARO (só)

(*levanta-se*) Agora sim. Deixarão-me só ; estou senhor da praça! (*tira do bolso uma carta*) Em breves linhas digo mais do que em dez declarações.... A cousa falada é muito mais difficil.... Um bilhete... é infallivel! Se a mulher não gosta do homem, rasga-o sem ler... o que é raro... se lê, é porque quer fomentar a intriga amorosa... o que é mais commum... Mãos á obra ! onde porei eu o meu confidente?... Ah ! boa ideia ! na mesinha de costura (*abre a mesa*) O processo não é novo, vem em todas as comedias rançosas bem o sei ; qu'importa?... [O resultado é certo.... (*põe a carta; Cypriano entra pelo fundo, esquerda*). Ainda este diabrete !

SCENA VII.

ALVARO E CYPRIANO (*).

ALVARO.

Já de volta, nhonhô ! ?

CYPRIANO

(*cansado*) Uff ! (*a Alvaro, dramaticamente*) Muito cedo ; não é?! Vim muito cedo?!

ALVARO.

(*d parte*) Que quererá elle dizer ? (*alto*) Veiu correndo ; tem razão !

CYPRIANO

(*d parte*) Se tenho ! bem desconfiei quando o vi teimar em ficar n'esta salla... oh ! um rivall!.. Temos alhada, por força.

*) Cypriano é Alvaro.

ALVARO.

Como transpira! Dou-lhe os parabens! Assim hade empallidecer.

CYPRIANO.

Empallidecer?

ALVARO

(mofando) Para um romantico está coradinho de mais. Um poeta deve ser mais poetico! Adeus nhonhô! *(sae pelo funil, esquerda)*.

SCENA VIII

CYPRIANO *depois* CECILIA.

CYPRIANO (*).

Corado, muito corado! E' o meu pezadêlo constante! Este epitheto hade acabar por fazer-me perder a poesia... no entanto faço o que posso para empallidecer! Como pouco; sonho muito á noute e ainda mais de dia... ando como uma machambomba a vapôr; aperto a cintura... estou aqui a tinir... ponho muito vinagre na sôpa... esgote todôs os recursos da medicina... E cada vez... a mais... a mais sempre! E' para desesperar um sancto. *(vendo Cecilia entrar)* Ah, minha prima!

CECILIA.

(entrando pela direita) Estás aqui, Cypriano? Pensei que tinhas ido acompanhar mamãe!

CYPRIANO.

Até á esquina; lá li-los entrar em um carro da praça... disse ao cocheiro para onde os havia de conduzir e fiz-me de vela.

CECILIA.

Andaste mal avisado, primo. Papáe não hade gostar.

*) Cypriano e Cecilia.

(*Vai buscar a mesinha de costura e senta-se proxima a ella*).

CYPRIANO.

Não cabia mais ninguem no carro...

CECILIA.

Desculpa de máu pagador...

CYPRIANO.

Que quer, minha prima!.. Eu não me podia resolver a ir na frente d'aquella procissão... logo ao sair-mos, a dous passos da porta, ficarão todos boqueabertos, admirando o italiano que corre pelas ruas com uma lata ás costas, gritando: *quieri, quieri, pastelsinho!* Ahri o chapéu de sol e escondi-me.... sua mãe não cessava de perguntar: quem é este *monsii!*?

CECILIA.

Cypriano!

CYPRIANO

(*d parte*) Estamos a sós; não percamos o ensejo! Eia, coração! (*alto*) Minha prima?

CECILIA

(*sem levantar os olhos*) O que é?

CYPRIANO

(*d parte, com emphase*) Nada de acanhamentos! Um homem é um homem! (*alto*) Minha prima... devo confessar...

CECILIA:

O que?

CYPRIANO

+
(*fazendo um esforço... hesitando — alto*) Que está fazendo um calor!...

CECILIA

(levantando-se e subindo a scena d esquerda) Abrasador!.. onde deixei o meu dedal?

CYPRIANO (*)

(d parte — passa) A cousa não vae bem assim; não vae bem! Mas é preciso que lhe diga francamente a verdade... Que achado! Se pudesse pôr, á sorrelfa, ali *(aponta a mesinha)* os meus versos?!... ella não os conhece talvez... e não me sinto com coragem para entrega-los assim á queima roupa! *(chega-se á mesinha, no momento em que Cecilia vem descendo a scena)*.

CECILIA.

Que queres ahí?... Não toques na minha mesa....

CYPRIANO

(examinando) E' um bonito movel...

CECILIA.

Não é feio; mais deixa-o em paz... careço delle a cada instante. *(sentá-se)*.

CYPRIANO

(levantando a tampa, d parte) A cada instante?... tanto melhor!... *(alto)* E' um momento...quanto baste para admirar a elegancia... que lindo mosaico!... *(vendo o bilhete de Alvaro)*. Oh!

CECILIA.

(sem olhar) Que foi?

CYPRIANO

(disfarçando) Nada, minha prima... *(tira a carta; Cecilia continúa a coser)* Que será isto? *(lé a meia voz)* « Pri-

*) Cecilia e Cypriano.

ma de minh'alma ! (*á parte*) Estylo antigo ! (*lê*) « Quem pôde vêl-a sem querer amal-a ; quem pôde amala sem morrer de paixão ! » (*a parte*) Isto não é delle e está errado ! Vejamos a assignatura. (*lê*) « A. B. C. (*como quem se quer lembrar*) A?... B?... C?... quem será este senhor abcdario (*pensa*) Ah ; achei !! (*muito alto*) Grandecissimo peralta ! Alvaro Botelho da Cunha ! (*deixando cair a tampa da mesinha, levanta-se, e põe-se em attitude dramatica*).

CECILIA.

Oh ! meu Deus ! Queres quebrar a mesa ! ?

CYPRIANO (*)

(*dramaticamente — passa*) Sim ; trata-se agora de mesa !. Sabe o que n'ella encontrei?... Essa mesa é um segundo cavallo de Troya...

CECILIA.

Um cavallo de Troya ?

CYPRIANO

(*idem*) Que entrou como amigo, guardando em seu bojo a mais nefanda traição !! oh ! gregos ! Teus netos ainda vivem para fazerem a nossa infelicidade !

CECILIA.

Estás louco !

CYPRIANO.

Sábe o que achei ali dentro ?

CECILIA.

Não.

CYPRIANO.

Uma carta, uma declaração amorosa !

(*) Cypriano e Cecilia.

CECILIA.

Uma declaração ?

CYPRIANO.

De Alvaro Botelho da Cunha! Elle ama-a e ousa dizel-o aqui (*mostra a carta — á parte*) Antes fosse eu. (*alto*) Mas descance, prima; heide arrancar a mascara d'esse infame...

CECILIA

(*levantando-se*) Não faças tal! Dispenso os teus favores... vaes comprometter-me em vez de me salvar! Não digas a ninguem! Saberei deffender-me... cala-te, Cypriano!

CYPRIANO.

(*gritando*) Não, mil vezes não! E' minha prima, sou seu primo...um primo tem obrigação de defender sua prima!...

SCENA IX.

OS MESMOS E BARBARA.

BARBARA.

(*entrando pela direita*) Que aconteceu!? Que ha de novo!?... Ouvem-se os gritos de Cypriano lá na extremidade da casa...

CYPRIANO (*)

(*mostrando a carta*) Uma declaração amorosa.

BARBARA.

Amorosa ?

CYPRIANO.

De Alvaro da Cunha.

(*) Cypriano, Cecilia e Barbara.

BARBARA

(com alegria, aproximando-se de Cypriano) 'E' para mim... dá-m'a. *(toma a carta)*.

CYPRIANO.

Qual! Para Cecilia.

BARBARA.

Para minha irmã?! Que horror!

CYPRIANO.

E quer que li'a entreguemos, para queimá-la talvez.

BARBARA.

Nunca! ~~Seria~~ *Seria* cumplicidade no crime!

CECILIA

(passa—implorando) Barbara!... ouve-me, Cypriano!

CYPRIANO.

Seria cumplicidade no crime!

CECILIA.

Tanto barulho por uma bagatella...

BARBARA.

E a honra da familia?

CYPRIANO.

E' verdade, e a honra da familia?

BARBARA.

E' uma infamia!

CYPRIANO.

E' uma grande infamia !

LEOCADIO

(*nos bastidores ao fundo, esquerda, gritando*). E' uma infamia sem nome, sem igual !

CECILIA.

O tio Leocadio ! Elle ouviu ; estou perdida ! !...

SCENA X.

OS MESMOS E LEOCADIO.

LEOCADIO (*)

(*entrando pelo fundo, esquerda; vem fardado como no primeiro acto*) Tractantes ! . Estes cocheiros são uns patifes de conta ! !

CECILIA.

Que lhe fizeram elles ?

LEOCADIO.

Imagina minha sobrinha : vou ao largo do Rocio, vejo a estatua, e depois entro n'um carrinho e digo ao cocheiro; ao paço ! Fardei-me desde pela manhã de proposito para ir beijar a mão de S. Magestade. O carrinho começou a mover-se... muito de vagar... tirei do bolso um memorial... aqui está elle.... devia entregal-o hoje mesmo nas augustas mãos do nosso Imperador... Comecei a lêr... Queria vêr se me tinha escapado algum erro... gastei com a leitura uma boa hora, marcada a relógio... o memorial é bastante extenso !... Quando acabei, olhei para a rua ... estavam nas Larangeiras... e iamos seguindo sempre muito de vagar !

(*) Cypriano, Barbara e Cecilia.

BARBARA.

Nas Larangeiras ?

LEOCADIO

(*zangado*) O cachorro disse-me que ouviu estas palavras :
ao passo... sem mais nada... e que por isso foi *a passo...*
esperando ordens mais positivas....

CECILIA.

E como o tio não reclamou....

LEOCADIO.

(*zangado*) Elle foi seguindo para diante, sempre *a passo..*
Voltei, tendo pago hora e meia de conducção e sem ter-me
apresentado ao nosso soberano, como era do meu dever....

CYPRIANO.

Que massada !

SCENA XI.

OS MESMOS, FELICIA, BOTELHO.

FELICIA

(*nos bastidores— fundo, esquerda*) Deixe estar que o me-
nino paga-me agora todas as que me tem feito (*entra*).

BOTELHO

(*entrando, tambem pelo fundo, esquerda*) Não o accuses,
antes de ouvil-o. Quem sabe qual o motivo que o levou a
faltar-nos ao respeito.

FELICIA (*)

(*vendo Cypriano*) Aqui está elle ! Ande, falle ; diga que
modos são estes?...

(*) Cypriano, Cecilia e Barbara.

BOTELHO

(com gravidade.) Tem a palavra para explicar-se.

CYPRIANO.

Não é disto que se trata agora. *(Leocadio sóbe a scena e vai á janella)*; mas de cousa muito mais importante.

CECILIA.

Cypriano!

BARBARA.

Deixa-o fallar.

FELICIA.

Quê foi que aconteceu?

CYPRIANO.

Acabo de salvar a honra da familia!

FELICIA E BOTELHO.

A honra da familia!

BARBARA.

Interceptando em seu maligno curso...

CYPRIANO.

Uma declaração amorosa...

BARBARA.

De Alvaro da Cunha... *(dá a carta á Felicia.)*

CYPRIANO.

Para Cecilia.

FELICIA

(correndo os olhos pela carta.) E' bem verdade!

BOTELHO.

É' impossível. Quero vêr para crer. (*toma a carta*)

FELICIA.

Felizmente estou aqui para protege-la... Vem, minha Cecilia, abrigate nos braços de tua mãe! (*abre os braços — Cecilia passa*)

BOTELHO (*)

(*lendo*) Ah, perverso!

LEOCADIO

(*descendo a scena*) Temos novidade por cá l...

FELICIA (**)

Quanto ao tal senhor Alvaro, se ousar transpôr os batentes d'aquella porta...

JOSÉ

(*na porta do fundo, esquerda*) Está ahí o Sr. Alvaro.

FELICIA.

Deixem-o comigo e saberei...

CYPRIANO.

Não, senhora; sou eu quem deve provar-lhe de que páu é a canôa.

CECILIA.

Mamãe... eu lhe peço.

(*) Cypriano, Leocadio, Cecilia e Barbara.

(**) Leocadio, Botelho, Cypriano, Felicia, Cecilia e Barbara.

FELICIA

(zangada) Eu mostrarei... eu mostrarei para quanto sirvo!

SCENA XII.

OS MESMOS E ALVARO.

LEOCADIO

(passa para a direita e toma a carta da mão de Botelho)
Vejamos. (lê)

ALVARO (*)

(entrando, á parte) Ella não está só l... tanto peor. (com-primenta.) Senhor! (Botelho vira-lhe as costas.) Senhora! (Felicia) Estão de mau humôr hoje! (a Cecilia) Minha prima! (Felicia puxa Cecilia para junto de si,)... (aparte) E esta?

LEOCADIO

(a Barbara) A quem é dirigida esta cartinha?

BARBARA.

Pois não advinha?

LEOCADIO (**)

Não! (passeia e torna a ler.)

FELICIA

(dirigindo-se a Alvaro.) Sr. Alvaro da Cunha!

ALVARO.

Minha Senhora.

FELICIA.

O Senhor tem muita coragem!!

(*) Botelho, Leocadio, Cypriano, Felicia, Cecilia e Barbara.

(**) Botelho, Cypriano, Alvaro, Felicia, Cecilia e Barbara.



BARBARA.



ALVARO.

Alguma.

BOTELHO

(*dirigindo-se a Alvaro*) Ah! o Senr. desinquieta as mulheres casadas?

FELICIA.

E tem o arrojo de voltar a esta casa!

ALVARO.

Eu?!

BOTELHO.

Basta que lhe diga duas palavras....

LEOCÁDIO

(*a Barbara*) Não sei a quem se dirigem estas parvoices. Vejamos a assignatura.

BOTELHO.

Sáia, senhor!

FELICIA.

Sáia, sem vergonha!

BARBARA

(*passa*) Sáia, bandoleiro!

CYPRIANO

(*passa, dramaticamente*) Sáe, Botelho!!

ALVARO (*)

Oh! é de mais!

Os Cypriano, Botelho, Alvaro, Felicia, Cecilia e Barbara.

SCENA XIII.

OS MESMOS ALBERTO E JERONYMO.

JERONYMO. (*)

(*dando o braço a Alberto, vem do fundo, esquerda*) Victoria! Estão salvos!... Imprensa, capitaes, protecção sem limites... tudo conseguimos... o commendador Azevedo fornece dous terços do capital necessario... O senhor o resto... Está tudo arranjado!

ALVARO.

Eu não forneço nada.

JERONYMO.

Que quer dizer?

ALBERTO.

Que estás a dizer?

ALVARO.

Digo, Senhor, que nada mais temos de commum entre os dous! Sua familia acaba de pôr-me pela porta fóra (*passa*)

JERONYMO (**)

Pela porta fóra?!

ALBERTO.

Pela porta fóra?!

BOTELHO.

Pela porta fóra, sim meu genro. (*passa*)

(*) Cypriano, Botelho, Alvaro, Felicia, Cecilia, Barbara e Leocadio.

(**) Botelho, Cypriano, Barbara, Alvaro, Felicia, Cecilia, e Leocadio.

ALBERTO (*).

E o ~~machinismo~~ ^{*machinismo*}? Alvaro, quero dizer... Não... disse bem... é o ~~machinismo~~ ^{*machinismo*} porque sem Alvaro...

FELICIA.

Não se tracta do ~~machinismo~~ ^{*machinismo*}, mas de sua honra, meu genro!

ALBERTO.

De minha honra?!

BOTELHO.

Sua honra perigava... salvamo-la.

LEOCADIO

(*olhando sempre para o bilhete, sobe á janella á esquerda*) Ainda não entendo!

ALBERTO (**)

Salvarão o que!?

FELICIA.

Ah! Alberto! Abraça-me! Foi a divina Providencia!

ALBERTO

(*afastando-a de leve*) Com licença... com licença... desejava em primeiro lugar saber...

BOTELHO

(*apontando Alvaro*) Aquillo é um desses miseraveis que se introduzem no seio das familias....

(*) Botelho, Cypriano, Jeronymo, Alvaro, Alberto, Barbara, Felicia, Cecilia e Leocadio.

(**) Alvaro, Botelho, Cecilia, Jeronymo, Alberto, Felicia, Barbara, Cecilia e Leocadio.

CYPRIANO

~~(Leocadio desce e entrega a Botelho)~~ Como a vibora no seio do infeliz Lacedemonio, que a aquecia com o calor do seu coração.

ALBERTO.

Quem, Alvaro!? Quem foi que inventou esse romance?

BOTELHO.

Leia e decida! *(dá-lhe a carta que toma das mãos de Leocadio)*

ALVARO (*)

(à parte) Safo-me quanto antes.

LEOCADIO.

(retendo-o) Espere pelo fim da missa!

ALBERTO

(depois de lêr) Que significa isto?

FELICIA.

E' uma carta amorosa.

ALBERTO.

Isto?

BOTELHO.

Uma declaração!

ALBERTO.

Isto!

FELICIA.

Sim; e muito me admira...

(*) Alvaro, Jeronymo, Cecilia, Botelho, Alberto, Felicia, Barbara. Cypriano e Leocadio.

O que?

ALBERTO.

BOTELHO.

Que um homem, como o Sr., pactúe com taes escandalos!

ALBERTO.

Que escandalo?

BARBARA.

Silencio! (*todos circulão Alberto, menos Alvaro*)

ALBERTO (*)

Mas...

FELICIA.

Silencio!

ALBERTO.

Porem....

TODOS

(*excepto Alvaro e Cecilia*) Silencio!!

ALBERTO.

(*zangado*) Silencio! Querem agora impôr-me silencio... em minha casa!?

FELICIA.

Silencio!

ALBERTO

(*furioso*) Vão para os diabos que os carreguem!!....

BOTELHO.

Pragueja contra nós?!

ALBERTO.

(*zangado*) Sim praguejo.... contra todos (*aponta os que*

(*) Alvaro, Leocadio, Jeronymo, Cypriano, Botelho, Alberto, Felicia, Barbara e Cecilia.

estão em scena) que cahirão sobre a minha vida intima como saraiva de ballas e metralhas....

BOTELHO.

Nós ?

ALBERTO

(zangado) Sim, vós mesmos... revolto-me alfim ! Se não oppuzesse uma barreira vigorosa contra as vossas semcerimonias... onde iria eu parar !?... Desde hontem... transformarão-me a casa, puzerão-a como um dédalo... Chegão todos aqui, a um tempo, sem gritarem... *agua vde ! !...* com um nunca acabar de caixas, málas, cães, criados e pretenções ! Aquartelão-se no meu quarto, no meu gabinete de trabalho... Entrão, saém, cantão, gritão, dão ordens, como se fosse eu o hospedado ! Estragão-me os livros e a mobilia, cortão-me os papeis... devastão tudo !...

CECILIA.

✕ Meu amigo !

ALBERTO.

(idem) Se fosse só isso ! Dei hontem um jantar a alguns homens importantes, cujas sympathias desejava angariar, e os senhores, com suas sensaborias e exquisitices, escandalisarão os convidados, insultarão-os...

FELICIA.

Meu genro !

ALBERTO (*)

Consigo entretanto, reconstruir o edificio que fizestes tombar ; chego radiante de alegria... falta-me, apenas um terço do capital necessario... Mas onde está elle ? Evaporou-se ! *(dando o braço a Alvaro)* Meu sogro e sua ninhada encaregarão-se de afugental-o !

(*) Alvaro, Leocadio, Jeronymo, Cecilia, Botelho, Alberto, Felicia, Barbara e Cecilia.

FELICIA

Escuta, Alberto... *(todos se voltão para Alberto e Alvaro)*

ALBERTO (*)

(com calma) Tudo isto parece tão natural, não achão?! Quem é que faz cerimonias com um parente? *(exaltando-se)* Ninguém, por satanaz! Ninguém faz cerimonias, nem mesmo eu, querem vêr? *(atira para o ar os chapéos, lenços, chales, e outros objectos que estão accumuladas sobre os moveis.)*

BARBARA.

(correndo atraz de um objecto) Minha camisinha!

FELICIA

(idem) Minha touca!

BOTELHO

(idem) Meu chapéo!

CYPRIANO

(idem) Minha gravata!

JERONYMO

(idem) Meu sobretudo!

LEOCADIO.

Estamos n'um hospicio de alienados! *(ri)* Ah! ah! ah!
(atira tambem alguns objectos) Caia em quem cair, o demo leve quem fugir!

(*) Alvaro, Leocadio, Botelho, Jeronymo, Cypriano, Barbara, Felicia e Cecilia.

BARBARA, FELICIA, ~~LEOCADIO~~ BOTELHO E CYPRIANO.

(*correndo atraz dos objectos*) Meu chále ! minhas botas ! meu balão ! meu guarda chuva ! minhas calças !

ALBERTO

(*depois da balburdia — trepando sobre uma mda*) Então ? (*cruza os braços*) Que me dizem a esta brincadeira ?

LEOCADIO (*)

(*a Cypriano*) A quem era dirigida aquella carta ?

CYPRIANO.

Ainda não sabe ?

ALBERTO.

Revoltei-me finalmente ! D'ora avante te-la-hão como querem.

FELICIA

(*desmaiando á esquerda nos braços de Botelho, que a faz sentar*) E é assim que se tracta a uma mãe que protesta contra o seductor de sua filha... Minha pobre Cecilia!..

X
ALBERTO

(*descendo rapidamente*) Cecilia ! ? A honra de Cecilia ? Tracta-se, então, de minha mulher ? ! Ande... falle, minha sogra.... pôr quem é !... (*Leocadio aproxima-se. Alvaro quer sair, Jeronymo o retém*)

BOTELHO (**)

Não comprehendeu logo que essa carta era para Cecilia ?

(*) Alvaro, Alberto, Leocadio, Jeronymo, Cypriano, Barbara, Felicia, Botelho e Cecilia.

(**) Botelho, Felicia, Barbara, Cecilia, Alberto, Leocadio, Cypriano, Jeronymo e Alvaro.

ALBERTO.

(*gritando raivoso, desce ao meio*) Aquella carta era dirigida a Cecilia, a minha mulher ?

CECILIA

(*corre para Alberto e o abraça*) Juro-te.... que não, Alberto !

FELICIA (*)

(*gritando—levanta-se*) Elle ama-a e quer deshonral-a !

LEOCADIO

(*desembainhando a espada—dá volta pela frente de Alberto e Cecilia e toma á Direita*) Heim ? Elle... quem ? !... (*para Cecilia*) ...e quem foi o ousado ? (*correndo a scena de um para o outro lado*) Fôste tu, malvado ? (*agarrá na gola de Jeronymo—trazendo-o á frente—Felicia, Barbara e os outros durante este conflicto fogem sempre para longe de Leocadio*)

JERONYMO (**).

Estás louco ?

LEOCADIO

(*passa—agarrá em Cypriano—trazendo-o á frente*) Foi este peralta ? (*sacode com força, Jeronymo e Felicia protegem Cypriano.*)

CYPRIANO.

Eu... não !

LEOCADIO (***)

(*agarrando Botelho á esquerda*) Então é este... (*saco-*

(*) Botelho, Barbara, Felicia, Cecilia, Jeonymo, Alvaro e Leocadio.

(**) Botelho, Barbara, Felicia, Cecilia, Alberto, Cypriano, Jeronymo, Alvaro e Leocadio.

(***) Botelho, Barbara, Felicia, Alberto, Leocadio, Jeronymo, Alvaro e Cecilia.

de-o; ah, não!... este é o pae! (*corre sobre Alberto e o segura pelo braço*) (*) Eil-o emfim!... tambem não... este é o marido! (*com calma*)... Mas quem foi, então? (*vendo Alvaro, exaltando-se*) Esqera, sicario! Vamos ajustar as nossas contas! (*vde correr sobre Alvaro, Alberto o contem*).

ALBERTO.

(*tomando-lhe a espada — dirigindo-se a Alvaro — desce ao meio com elle*) Queres deshonrar-me! Não admira! Se és um Botelho! (*atira-se sobre Alvaro*) E's um Botelho... Vaes pagar por todos os outros.

ALVARO

(*debatendo-se*) Mas... esta violencia!...

CECILIA

(*interpondo-se*) Alberto... ha aqui um erro... ouve-me.

TODOS.

Um erro!

CECILIA.

Esta carta não é para mim.

TODOS.

Que ouço!?

ALBERTO.

Para quem, então; sim, para quem é?

CECILIA.

Para minha irmã, para Barbara.

TODOS.

Para Barbara?

(*) Barbara, Botelho, Cecilia, Alberto, Leocadio, Jeronymo, Felicia, Cypriano e Alvaro.



BOTELHO.

240

8/3

13
2



W

CEBATA



LEOCADIO.

Para ella? (*senta-se em uma cadeira á esquerda, perto de Cypriano*) Ainda bem! Quando não tínhamos sarrabulho grosso!!

BARBARA

(*adianta-se risonha*) Para mim... esse bilhete encantador... oh!... quantas emoções. (*desmaia e pende sobre Cypriano, que se desvia de maneira que Barbara cae nos braços de Leocadio*).

LEOCADIO (*).

(*muito afflicto, chamando Jeronymo*) Oh! Sancta Barbara e São Jeronymo, valei-me n'esta afflicção!!

FELICIA.

(*a Alvaro*) Porque não se explicou ha mais tempo?

ALVARO

(*meio engasgado*) Eu... eu...

JERONYMO

(*á parte*) Comerão bóla!

CYPRIANO.

(*idem*) Eu é que não engulo aráras!

CECILIA.

Nem se quer deixarão que o Senr. Alvaro se explicasse!
(*Barbara levanta-se*).

ALVARO.

Assim foi.

.) Barbara, Leocadio, Botelho, etc. etc.

BOTELHO.

E' facto que minha mulher fez logo um alarido tal!...

ALBERTO.

Então, não era para minha Cecilia ?

ALVARO.

Qual ! meu amigo... Eu era incapaz... Como pode sup-
pôr...

ALBERTO.

Eu não suppuz nada... foi a minha familia; quero dizer
a familia de minha mulher... foi meu sogro.

BOTELHO.

Foi Felicia.

FELICIA (*)

Foi Barbara.

BARBARA.

Foi tio Jeronymo.

JERONYMO.

Eu?... (*mostrando Cypriano*) Olha quem foi !

CYPRIANO.

Fui eu mesmo... que querem ?

ALBERTO.

(*dirigindo-se a elle*) Ah ! foste tu, peralvilho.

CYPRIANO.

Enganei-me... *errare humanum est.* (*baixo a Jeronymo*)
Mas estou vingado !

(*) Barbara, Botelho, Leocadio, Cecilia, Alberto, Jeronymo, Fe-
licia, Cecilia, Alvaro.

JERONYMO

(*baixo*) Como ?

CYPRIANO.

Alvaro gosta de Cecilia... e casa com Barbara....

JERONYMO.

Então aquella carta...?

CYPRIANO

(*pondo o dedo nos labios*) Scio....

JERONYMO.

(*rindo*) Ah... ah...

BOTELHO (*)

(*passa —pegando nas mãos de Barbara e de Alvaro*)
Aqui está sua noiva.

ALVARO.

Minha noiva ?

BOTELHO.

Aqui tens o teu noivo.

ALVARO.

Como ?

ALBERTO

(*passa*) Certamente. Comprometteu a reputação de minha cunhada !

BARBARA (**).

(*cobrindo o rosto com as mãos*) Estou tão acanhada !

ALVARO.

Mas...

(*) Leocadio, Cypriano, Jeronymo, Barbara, Botelho, Alberto, Cecilia, Alvaro e Felicia.

(**) Leocadio, Barbara, Jeronymo, Cecilia etc. etc.

ALBERTO.

(*com energia*) Nada de hesitações !

ALVARO

(*á parte*) Ella é ridicula quanto se póde ser... mas tam-
bem vae-me servir de escada para a Assembléa Legislativa.
(*A Botelho*) Meu sogro !...

FELICIA.

Nos meus braços, meu novo genro ! oh ! vem ! (*abra-
ça-o*) ...Eu sempre disse que elle era muito bom moço !

BARBARA

(*todos circulão Barbara*) Oh ! ventura ! (*sobe a Felicia*)

BOTELHO (*)

(*a Alvaro*) Meu genro, partimos breve para o Iguassú...
voltaremos, em pouco, para morar em sua casa... Durante
nossa auzencia, deixo-lhe auctorisação para mandar imprim-
mir todos os meus discursos. (*vai ao grupo*)

ALVARO (**)

Ah ! sim.

CYPRIANO

(*desce*) D'aqui a um mez quero fazer parte da redacção de
um jornal... Arranje-me isso com brevidade...

ALVARO

Mas...

(*) Leocadio, Jeronymo, Cecilia, Barbra, Botelho, Alberto Ce-
cilia Alvaro e Felicia.

(**) Leocadio, Jeronymo, Cypriano, Alberto, Cecilia, Barbara.
Botelho, Alvaro e Felicia.

CYPRIANO.

(hairo) Olhe que eu vi a carta ali... *(aponta a mesinha)*
Quando não, ponho tudo em pratos miudos *(vae ao grupo)*.

FELICIA.

Agora havemos de residir quasi sempre na Côrte... temos
dous genros...

JERONYMO.

Hospedar-me-hei em casa do novo... tem mais meios.

BOTELHO.

Oh ! é muito mais rico !

ALVARO.

Obrigado !

FELICIA.

Está dito ; adoptamos Alvaro.

ALVARO.

(á parte) Ai de mim ! Herdo todo o pátco de bichos !

ALBERTO (*)

(desce) Alvaro, preciso de alguns vales do Souto para co-
meçar amanhã os trabalhos da nossa grande empresa... an-
da... dá-mos...

ALVARO.

Porém...

ALBERTO.

Deixa-te de partes *(tira a carteira do bolso de Alvaro)*
Entre parentes não ha cerimoniaos ! *(passa) (*) examina os*
vales) Vinte e um contos... chega para começar...

(*) Leocadio, Jeronymo, Cypriano, Cecilia, Alberto, Barbara,
Botelho, Alvaro e Felicia.

ALVARO.

Oh ! é de mais... Protesto...

ALBERTO

(guardando os vales) Tens razão... paga primeiro depois... protesta.

CYPRIANO *(com enfase.)*

Nada de allusões politicas !

ALVARO.

Falta-me a paciencia... por fim.

ALBERTO.

Qual ! o mundo é um cylindro... que gira...; agora estás tu por baixo e...

TODOS.

E nós por cima.

ALVARO.

Está feito... tambem eu lucro... *(meia vóz apontando Alberto)* Vou unir o util... *(apontando os outros)* ao... de-sagradavel...

LEOCADIO

(chegando-se a elles; estão no centro do primeiro plano.)
O que é que temos?

BOTELHO É FELICIA

(conduzindo pela mão Alvaro, desmanchão o grupo.)
Apresentamos-lhe um novo genro.

LEOCADIO (*)

(a meia voz) Até aqui era simplesmente sobrinho de meu primo, agora passa a ser também meu... (alto) Fica sendo meu parente... bem bom! bem bom! (bate-lhe no hombro.)

ALVARO (**)

(aterrado) Estou perdido! nem me lembrava mais d'este, que é o peor da ninhada de meu sogro!

LEOCADIO.

Com quem casas tu?

ALVARO

(apresentando-lhe Barbara) Aqui está minha futura.

LEOCADIO (***)

(como quem mastiga) Uhm!... Para futura... acho-a um tanto... passada... (retirão-se todos.)

BOTELHO.

(retendo-as) Então, retirão-se sem se despedirem d'estes senhores?! (aponto o publico.)

JERONYMO.

Era uma falta muito grave! Cypriano, tu que tens séstro de poeta... improvisa ahi alguma cousa... (****)

TODOS

(dizem) Apoiado!

(*) Leocadio, Botelho, Alvaro, Cypriano, Alberto, Cecília, Jeronymo e Felícia.

(**) Leocadio, Alvaro, Cypriano, Alberto, Botelho etc. etc.

(***) Leocadio, Alvaro, Alberto etc. etc.

(****) Leocadio, Alberto, Alvaro etc. etc.

CYPRIANO

(*na rampa—breve pausa*) Ai... se eu fosse um passari-
nho...

LEOCADIO

(*empurrando-o*) Sêe d'ahi meu tico-tico ! Quem falla sou
eu...

CYPRIANO (*)

(*agastado*) Este capitão sardinha ! ? (*o capitão Leocadio
vai fallar é interrompido por*)

JERONYMO.

Espera ; tenho que fazer umas...

BOTELHO

(*interrompendo-o*) Peço a palavra pela ordem. = *Frevem*

ALBERTO

(*idem*) Sou eu que devo...

BOTELHO

(*contrariado*) Pois, se deve... pague... e peça recibo...

FELICIA.

Ande, Sr. Botelho... não perca tempo...

BOTELHO

(*para a plateia*) Meus senhores...

(*) Alberto, Leocadio, Felicia, Alvaro, Botelho etc. etc.

OS OUTROS

(*rodeião Felicia e Botelho*) Também quero fallar... preciso fallar... heide fallar...

LEOCADIO

(*alto*) Silencio, nas fileiras!.. Quem falla primeiro... sou eu....

TODOS.

Não, senhor; sou eu...

LEOGADIO

Atenção!... Tenho um recado do auctor... para estes paizanos. (*mostra a plateia*)

JERONYMO.

Isso agora é outro cantar...

ALBERTO.

N'esse caso.... cedemos...

BOTELHO.

Cedo a palavra. (*Leocadio chega-se à rampa*) Scio! (*como quem impõe silencio.*)

TODOS

(*menos Leocadio*) Scio!... (*collocão-se em linha a alguma distancia da rampa.*) (*)

LEOCADIO (**)

(*diz o seguinte recitativo*)

(*) Alberto, Cecilia, Felicia, Leocadio, Alvaro, Barbara etc. etc.

(**) Alberto, Cecilia, Felicia, Leocadio, Alvaro, Barbara, Botelho, Cypriano e Jeronymo.

O auctor é calouro apenas
N'esta rude profissão ;
Ajuntou algumas scenas
Sem mais ousada ambição.

Mas receia que a *Ninhada*
Pregue ao publico um bom logro,
E seja a peça a massada
Da parentella do sogro.

Podeis, ao auctor que é tenro
Tornal-o amado, bem quisto ;
E' fazel-o um novo *genro*
E perseguil-o com isto....

(faz gesto de palmas.)

Agora... podem fallar os que quizerem... mas cuidado ! *(so-
be a scena e fica á direita da fileira) (*)* olha a esquerda!...
em linha!.. um passo em frente... marcha!.. *(dão todos um
passo a frente)* perfilar!.. Attenção!.. preparar! apontar!...
fogo!!... *(Marchão todos em linha compacta obedecendo a
voz de Leocadio, que está á esquerda, e quando chegão pro-
ximo a rampa começou a fallar.)*

Daquí até o final do acto fallão todos ao mesmo tempo, *(como
se poderá vêr na nota que está em seguida. Vem o panno de-
cendo lentamente.)*

F I M .

CAHE O PANN0 LENTAMENTE.

(*) Prevenção para a musica.

NOTA.

Enquanto o panno desce lentamente e a orchestra toca em surdina, os actores estão em fileira cerrada, tendo à direita o Capitão Leocadio que fica em continencia. Todos, menos Leocadio e Cecilia, fallão ao mesmo tempo o que vai abaixo transcripto. Cecilia tapa os ouvidos.

BOTELHO.

Meus senhores; pedi a palavra para fazer algumas breves considerações sobre a materia que se acha em discussão. Antes porém, de entrar no exame sério e profundo do... da... do assumpto, permittão-me que lhes signifique o meu reconhecimento pelo... pela complacencia...

BERTO

No meu systema basta só um cylindro, e aqui de que é o meu segredo... este cylindro communica com uma peçua... que se aquece... Q... g... e distribue o calor.

ALVARO

... é ridicula quanto se pôde ser... porém fico sendo parente de Alberto... é um rapaz de muito talento que me pôde ser de usada para a Assembléa Legislativa...

CYPRIANO

Ah! se eu fosse um passarinho...
Eu quizera em teu ninho
Ir soffrer... etc...

JERONYMO.

Nunca vi uma familia tão sem cerimonia! Agora, que já não sabem mais a quem hão-de apoquentar aqui, virão-se para VV. SS. que tiverão a paciencia de ouvil-os durante tre longos actos! Mas, não affroquem as redeas; tomem tempo quando não... etc. etc....

BARBARA.

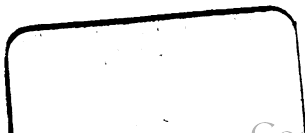
Finalmente chegou o momento tão desejado! Não fico mais para tia! Tenho um marido e poderei cantar muitas vezes a tão celebre modinha, palavras do Sr. Dr. Macedo e musica do mestre Noronha. Oh, que ventura! que ventura!...

FELICIA.

Quem é que faz ceremonias com um genro? Não, achão, meus senhores? Foi por isso que, sem prevenir quem quer que fosse, cahimos todos aqui com o mianá no deserto... Mas o segundo genro é muito mais rico do que o primeiro por isso hospedar-nos-hemos em sua casa sempre que viermos á Corte... *Cecilia não falla tapa os ouvidos...*

pp. 10 = *Sicario e mancebo* = *ceppia*
41 = *certo* = "
108 = *cheffe* = *Diga e parta*
128 = *larus* = " = *elo* =
129 = *non agredas* = " = *mañana*
177 = " " *canção*

Montado de elle



ort 5969.10.360

A ninhada de meu sogro;

Widener Library

002959445



3 2044 080 822 331